

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de História, Direito, Serviço Social e Relações Internacionais

A MODERNIDADE NO ENSAÍSMO POLÍTICO DE OCTAVIO PAZ (1970-1988)

FRANCA
2010

ALINE MARIA DE CARVALHO PAGOTTO

A MODERNIDADE NO ENSAÍSMO POLÍTICO DE OCTAVIO PAZ (1970/1988)

Dissertação de mestrado entregue ao Programa de pós-graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Franca – SP, para a obtenção do título de mestre, na linha de pesquisa em História e Cultura, com Área de Concentração em História e Cultura Política.

Área de Concentração: História e Cultura

Linha de Pesquisa: História e Cultura Política

Orientação: Prof. Dr. Alberto Aggio

FRANCA
2010

Pagotto, Aline Maria de Carvalho

A modernidade no ensaísmo político de Octávio Paz / Aline Maria de Carvalho Pagotto. –Franca : [s.n.], 2010
146 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Alberto Aggio

1. Literatura hispano-americana – História e crítica. 2. Octávio Paz – Crítica e interpretação. 3. Modernismo – Literatura – América Latina. 4. Política e literatura – México. I. Título

CDD – 860

ALINE MARIA DE CARVALHO PAGOTTO

A MODERNIDADE NO ENSAÍSMO POLÍTICO DE OCTAVIO PAZ (1970/1988)

Dissertação de mestrado entregue ao Programa de pós-graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Franca – SP, para a obtenção do título de mestre, na linha de pesquisa em História e Cultura, com Área de Concentração em História e Cultura Política.

Área de Concentração: História e Cultura

Linha de Pesquisa: História e Cultura Política

Orientação: Prof. Dr. Alberto Aggio

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Alberto Aggio
(orientador)

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

Franca, _____ de _____, de 2010.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todos do Programa de Pós-Graduação em História da FHDSS – Unesp/Franca, nomeadamente pela atenção com que me receberam nesses 30 meses de pesquisa. Em especial, à Máisa Helena de Araújo e à Regina Celi dos Santos.

Nesse caso, os agradecimentos estendem-se aos demais setores da Unesp/Franca, pois seus funcionários acompanharam-me atenciosamente desde o primeiro ano de graduação em 2003; principalmente, Jacimar Resende, Laura Jardim, Maria de Lourdes Ferro, Sebastião Granzoti e Valdinho.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento à pesquisa em seus dois primeiros anos.

De maneira especial, manifesto gratidão ao meu orientador, Prof. Dr. Alberto Aggio. Agradeço às exímias correções em numerosos artigos, trabalhos, relatórios e do texto final, a dissertação. Agradeço também à acessibilidade para quaisquer questões, bem como o apreço, a confiança e a preocupação; com respeito, afirmo que aquilo que me foi transferido em orientação será o alicerce de minha vida profissional.

Agradeço à banca geral de qualificação composta pela Prof. (a) Dra. Teresa Maria Malatiam e Prof. (a) Dra. Ana Raquel Portugal, assim como pela atenção e dedicação de ambas à leitura do relatório de qualificação, com o primeiro capítulo, garantindo sugestões que engrandeceram a pesquisa.

Estendo os agradecimentos aos colegas de pós-graduação da Unesp/Franca (e de fora dela), em especial, Alexandra Dias Ferraz Tedesco, Anderson Venâncio, Aender Luís Guimarães, Claudia Aparecida Francisco, Débora Leonel Soares, Elisa Maria Verona, Ítalo Rodrigo Xavier Cordeiro, Maria del Carmen de Ruiz de la Cierva (Maíca), Paulo R. Oliveira e Renata Ribeiro Francisco.

Agradeço também aos amigos de graduação e de fora dela, especialmente, ao Alex, à Amanda, à Ana, à Ana, ao André, à Andréa, à Bartira, à Bianca, à Bruna, à Brunna, ao Bruno, ao Carlos, à Carolina, à Carolina, à Caroline, ao Chagas, à Clara, à Claudia, à

Daniela, à Débora, à Doris, ao Elder, à Elisa, à Fabiane, ao Fábio, ao Felipe, ao Felipe, ao Geraldo, ao Guilherme (Cogú), ao Guilherme (Máscara), à Helena, à Helena, ao Igor, ao Ítalo, ao Jackson, ao José, à Juliana, à Juliana, à Karina, à Keila, à Laísa, à Larissa, à Larissa, à Lays, ao Leandro, ao Leandro, ao Leandro, ao Leonardo (meu fiel escudeiro), à Letícia, à Lígia Raquel, à Loreta, à Luana, à Lucia, à Luciana, à Luciana, à Luiza, ao Maciel, à Marcela, à Marilis, à Marina, à Marina, à Marina do Rio, ao Maurílio, à Mayra, à Mayra, à Melline, ao Paulo, ao Paulo, ao Patrick Ronick, ao Pedro, ao Pedro, ao Pino, ao Rafael, à Rafaela, ao Rafael, à Raphaela, à Renata, à Renata, ao Renato, ao Shark, à Simone, à Stella, à Rochelle, à Tagiane, ao Théó, ao Thiago, ao Ulysses, ao Vaner, ao Valter, ao Valter Bettio (in memorian), Vitor Hugo e à Vanessa (in memorian).

Agradeço às corretoras de plantão: Alexandra Dias Ferraz Tedesco e Elisa Maria Verona.

Por último e não por menor importância, agradeço à minha família. Agradeço à querida presença de todos. Nas últimas linhas, direciono-me ao núcleo mais importante, Sr. José Luis Pagotto, Sra. Marlene Ap. D. de Carvalho Pagotto, Bianca Cristina de Carvalho Pagotto, Bruna Louise de Carvalho Pagotto e Marília P. de Oliveira, sem vocês nada disso seria possível.

Obrigado a todos.

Aline Pagotto

Junho de 2010

“Conversiones, retractaciones, excomuniones,
reconciliaciones,
apostasías, abjuraciones,
zig-zag de las demonolatrías y las androlatrías,
los embrujamientos y las desviaciones:
mi historia,
¿son las
historias de un error?
La historia es el error.
La verdad es aquello,
más allá de las fechas,
más acá de los nombres,
que la historia
desdeña:
el cada día”
Nocturnos de San Ildefonso
Octavio Paz
Capítulo 3

“Uma parte de mim é permanente
Outra parte se sabe de repente
Uma parte de mim é só vertigem
Outra parte linguagem
Traduzir uma parte na outra parte
Que é uma questão de vida e morte
Será arte?”
Traduzir-se
Ferreira Gullar

“Things fall apart; the center cannot hold;
Mere anarchy is loosed upon the world”
W. B. Yeats

“AFTER the torchlight red on sweaty faces
After the frosty silence in the gardens
After the agony in stony places
The shouting and the crying
Prison and place and reverberation
Of thunder of spring over distant mountains
He who was living is now dead
We who were living are now dying
With a little patience”
The Waste Land
T.S. Eliot
Chapter V
“What the thunder said”

RESUMO

Esta pesquisa analisa a concepção de modernidade no ensaísmo de Octavio Paz, entre 1970 a 1988. Tal temática – a modernidade – fez-se ponto central nas obras ensaísticas do autor, assim como parada obrigatória aos seus estudiosos. Para elaborar o conceito de modernidade, ele considerou os múltiplos modelos de modernização, especialmente o europeu e o estadunidense, as perspectivas de desenvolvimento reservadas à América Latina e as propostas de democratização, garantindo espaço no debate sobre a hegemonia partidária do PRI – *Partido Revolucionário Institucional*. Após esse acontecimento e essa tomada de posição, os ensaios escritos por Octavio Paz, como *Posdata (1970)*, *El ogro filantrópico: historia y política (1971-1978) (1979)*, *Tiempo Nublado (1983)*, *El laberinto de la Soledad y posdata (1984)* e *México en la obra de Octavio Paz: el peregrino en su patria (Historia y política del México) (1987)*, passam a constituir reflexões diretamente relacionadas aos possíveis caminhos do país a modernidade, cujas propostas políticas modernizadoras se distanciam do modelo de desenvolvimento estritamente econômico conduzido pelas elites dirigentes mexicanas. A partir desses ensaios, objetiva-se delinear a trajetória do autor estudado, para em seguida compreender o conceito de modernidade e, por fim, elaborar o mapeamento das suas reflexões acerca dos processos de modernização.

PALAVRAS-CHAVE:

Octavio Paz; México; América Latina; Modernidade; Literatura hispano-americana;

ABSTRACT

This essay comprehends Octavio Paz's conception of Mexican modernity in his works between 1970 and 1988. This theme – the modernity – is crucial in his books, as well an important subject to be studied. For the elaboration of this concept, he considered the multiples models of modernization, especially European and North-American, as well, the perspectives of development reserved to Latin America and the proposals of democratization, keeping place at the Mexican debate in relation to political hegemony of PRI – Institutional Revolutionary Party. Paz's books like *Posdata* (1970), *El ogro filantrópico: historia y política* (1971-1978) (1979), *Tiempo Nublado* (1983), *El laberinto de la Soledad y posdata* (1984) e *México en la obra de Octavio Paz: el peregrino en su patria (Historia y política del México)* (1987), reveals themselves a reflection about the possible ways to achieve modernity, each of them situate remotely from economic development as established by the Mexican leading circles. Through Octavio's works we intend to comprehend his intellectual trajectory, as well capture his concept of modernity and then to elaborate a map with his ideas about the modernization in Latin America.

KEYWORDS:

Octavio Paz; Mexico; Latin-America; Modernity; Hispano-american literature

RESUMEN

Este trabajo se plantea a comprender la idea de modernidad en los ensayos de Octavio Paz, entre los años de 1970 y 1988. La temática dicha arriba – la modernidad – salvaguarda gran espacio y tiempo en el estudio de nuestro escritor. Mientras, para elaborarlo (el concepto) Octavio Paz especuló los demás modelos de modernización, esencialmente Europa y Estados Unidos, consideró por su puesto las perspectivas de desarrollo direccionadas a los países latinoamericanos y también los programas de democratización que lo aseguro un espacio en lo debate político sobre la hegemonía partidaria del PRI – el *Partido Revolucionario Institucional*. Además, ensayos como *Posdata* (1970), *El ogro filantrópico: historia y política* (1971-1978) (1979), *Tiempo Nublado* (1983), *El laberinto de la Soledad y posdata* (1984) y *México en la obra de Octavio Paz: el peregrino en su patria (Historia y política del México)* (1987), componen reflexiones sobre los posibles caminos de México a la modernidad, y alejando su concepto de lo desarrollo económico establecido pela elite dirigente mexicana. Logramos decir que esos ensayos son los documentos históricos del trabajo y que se propone rehacer su trayectoria intelectual, capturar su concepto y después, diseñar sus ideas sobre la modernización en Latinoamérica.

Palabras-Llave:

Octavio Paz; México; Latinoamérica; Modernidad; Literatura Hispanoamericana

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1. A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE OCTAVIO PAZ	15
1.1 Formação intelectual: o comunismo e o Congresso Internacional de Escritores Antifascistas (1937)	15
1.2 Ensaísmo, surrealismo e o orientalismo. “ <i>O Labirinto da Solidão</i> ” (1950) e a renúncia ao cargo diplomático	33
1.3 Crítica, existencialismo e mudança política	51
CAPÍTULO 2. DA PROSA POÉTICA AO ENSAÍSMO POLÍTICO: A MODERNIDADE LABIRÍNTICA E A MODERNIZAÇÃO MEXICANA	61
2.1. O Espelho (In)discreto de convergência: a dialética labiríntica da solidão, a tradição de ruptura e o projeto moderno autêntico	61
CAPÍTULO 3. DO ENSAÍSMO DIALÉTICO AO PROJETO MODERNO MEXICANO: A PROPOSTA REFLEXIVA DA DEMOCRACIA E DA LIBERDADE	98
3.1. O Ogro Filantrópico e a colheita de tempestades: antiestatismo, democracia e liberdade	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139

O escopo deste trabalho é a análise da concepção de modernidade mexicana no ensaísmo de Octavio Paz, entre 1970 a 1988. Essa temática – a modernidade – fez-se ponto central nas obras ensaísticas do autor, assim como parada obrigatória aos seus estudiosos. Para elaborar tal conceito, ele considerou os múltiplos modelos de modernização, especialmente o europeu e o estadunidense, as perspectivas de desenvolvimento reservadas à América Latina e as propostas de democratização, garantindo espaço no debate sobre a hegemonia partidária do PRI – o *Partido Revolucionário Institucional*, que se manteve no poder por mais de setenta anos, de 1929 a 2000.

O recorte de quase vinte anos – de 1970 a 1988 – corresponde a um momento significativo do contexto político-cultural mexicano. Destarte, o país se encontrava em um processo de modernização truncado, cuja mentalidade moderna havia-se inspirado nos modelos de desenvolvimento europeu e/ou norte-americano. Refere-se também (o recorte) a pouco tempo após o massacre dos estudantes universitários em praça pública, massacre esse que chocou todo o país, especialmente pelo fato de ter sido filmado, fotografado e reportado por importantes jornais.

Na época, o presidente Gustavo Díaz Ordaz Bolaños (1964-1970), às vésperas dos XV Jogos Olímpicos, empenhou-se em mostrar um novo México ao mundo. Para tanto, Díaz Ordaz retalhou fortemente algumas manifestações, principalmente as universitárias, a fim de aparentar estabilidade social¹.

Por essa razão, no dia 02 de Outubro de 1968, aproximadamente 5 mil universitários e trabalhadores realizaram uma manifestação na Praça de Tlatelolco, em protesto às agressões indiscriminadas do governo. Contrariado, Díaz Ordaz ordenou o cerco da praça pelo exército; inclusive, ocupando o topo dos prédios e sobrelojas. Logo depois, mandou que atirassem nos manifestantes.

¹ O presidente Díaz Ordaz objetivava construir uma nova imagem do país se aproveitando da atenção que obteria devido ao evento olímpico; suficiente para tal fim. Por essa razão, o presidente sufocou de forma agressiva as manifestações do período, uma vez que não colaborariam com tal objetivo.

O sangrento desfecho desse episódio provocou repulsa em muitos intelectuais da época, assim como grande comoção da população mexicana, dando vazão para que antigas insatisfações viessem à tona. Do mesmo modo, Octavio Paz se indignou com a barbárie policial e a intolerância governamental. E, por essa razão, pediu demissão do cargo diplomático que exercia no exterior, havia dez anos, em sinal de protesto.

Após esse acontecimento e essa tomada de posição, os ensaios escritos por Octavio Paz, como *Posdata* (1970), *El ogro filantrópico: historia y política* (1971-1978) (1979), *Tiempo Nublado* (1983), *El laberinto de la Soledad y posdata* (1984) e *México en la obra de Octavio Paz: el peregrino en su patria (Historia y política del México)* (1987), expressam e configuram reflexões diretamente relacionadas aos possíveis caminhos do país em relação a sua modernidade, cujas propostas políticas modernizadoras se distanciam do modelo de desenvolvimento estritamente econômico conduzido pelas elites dirigentes mexicanas.

Os ensaios literários mencionados acima compõem o *corpus documental* da pesquisa. Entretanto, é importante esclarecer que não foi possível selecionar todos os ensaios do período, pois muitos deles fogem da temática aqui trabalhada. Mediante a análise dessa literatura, contudo, delinea-se a trajetória do autor estudado para, em seguida, compreender o seu conceito de modernidade e, por fim, elaborar o mapeamento das suas reflexões acerca dos processos de modernização.

Para a elaboração do texto, optou-se em manter os ensaios críticos do autor na sua língua original, o castelhano, com exceção dos ensaios *El Laberinto de la Soledad*, *Tiempo Nublado* e *El Ogro Filantrópico* mencionados aqui em português. No contraponto, as citações das obras utilizadas para a fundamentação da pesquisa são aqui traduzidas, muito embora, em grande maioria, tenham sido publicadas originalmente em espanhol.

Nos últimos anos, os estudos reservados ao poeta partem do campo da História Cultural e Política. Após a renovação da História Política, no fim da década de 1970, abriu-se um horizonte de possibilidades às análises dessa mesma história, especialmente ao emprestar valores das Ciências Sociais, garantindo um enlace com elementos da esfera cultural (identidade, imaginário, etc.). Esses mesmos elementos podem ser analisados em

sua origem, em um grupo social específico e/ou no próprio indivíduo; e, mediante isso, os intelectuais são compreendidos como atores e testemunhas de seu tempo.

O estudo aqui exposto visa a compreensão da idéia de modernidade do nomeado autor e, para tanto, acerca-se da história das idéias. Essa linha reflexiva se direciona a um personagem histórico – no caso, o poeta Octavio Paz –, nos mais diferentes espaços e tempos e, por isso, aproxima-se também da história dos intelectuais.

Diante disso, a partir de um elenco bibliográfico, o primeiro capítulo expõe a trajetória intelectual de Octavio Paz. O principal objetivo dessa etapa desse capítulo foi o de recuperar tal trajetória. Buscou-se os elementos que contribuíram para a formação do seu itinerário temático e, por conseguinte, o resultado dessa contribuição (influência e formação) na sua produção ensaística. O capítulo dividiu-se, portanto, a partir de recortes de tempo que correspondem aos principais momentos da vida do poeta, de tal modo que se examina também a influência de algumas idéias na sua concepção de modernidade, acareando-as ao contexto histórico no qual estava inserido.

Para tal reconstituição, necessitou-se de uma literatura voltada ao relato biográfico de Octavio Paz. Nesse ponto, utilizamos aqui principalmente *Personajes Ilustres: Octavio Paz* de Juan Gallardo Muñoz². O referido autor estabelece uma cronologia muito bem organizada, que realça as conquistas e ideias do poeta mexicano. Essa cronologia é embasada em uma das principais características do autor estudado: a perspectiva crítica da modernidade³. No entanto, adverte-se que a obra de Gallardo Muñoz consiste em uma publicação de caráter informativo e sintético, que, por vezes, atribui ao autor menções exaltadas.

Utilizamos aqui também o ensaio autobiográfico *Itinerário* (1983). Nesse ensaio, Octavio Paz reflete acerca de sua própria trajetória de vida, no âmbito intelectual e pessoal. Por essa razão, Octavio Paz rememora aqui a sua infância, as escolas, os dilemas da juventude (envolvimento ou não com a esfera política e social), as leituras realizadas, as produções literárias, as grandes polêmicas, etc.. Como toda autobiografia, há cuidados

² GALLARDO, Juan Muñoz. **Personajes Ilustres: Octavio Paz**. Madrid: DASTIN, 2000.

³ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 07.

necessários que foram tomados já que neste ensaio Paz tende a reduzir alguns feitos, simplificando-os e/ou omitindo-os. Neste ensaio, o autor estudado anexou ainda três entrevistas intituladas respectivamente *Explicaciones, América en plural y en singular* e *Tela de juicios*, concedidas a Juan Cruz, a Sergio Marras e a Julio Scherer, nas quais Paz analisa, relata e justifica, questões relacionadas à sua vida.

No segundo capítulo, expõe-se um elenco bibliográfico que caracteriza mais precisamente o nosso objeto. Seleciona-se também uma bibliografia que discute o texto de Octavio Paz e, ao mesmo tempo, auxilia na compreensão da concepção de modernidade formulado por ele. Tendo isso feito, suscita-se o balanço das particularidades do debate latino-americano sobre tal proposta. Assim, o principal objetivo deste capítulo reside na compreensão da concepção de modernidade elaborada pelo nosso autor, termo esse que abrange as seguintes acepções: a dialética labiríntica da solidão, a ideia de “tradição de ruptura”, a justificativa de âmbito histórico-cultural e a construção de um projeto moderno genuinamente mexicano. Em seguida examina-se as reflexões propostas pelo autor, no que diz respeito à modernidade mexicana e seus respectivos processos de modernização.

No terceiro capítulo, realiza-se uma discussão sobre a procedência liberal (apropriação e entendimento) de Octavio Paz, tal qual seu *locus* na trajetória intelectual latino-americana. Mediante isso, almeja-se a identificação da proposta política de modernização – o projeto moderno mexicano –, proposta essa que abarca principalmente a democratização mexicana e uma reforma partidária que alterasse o hegemonismo do *Partido Revolucionario Institucional* (PRI). Assim, o que se pretendeu aqui foi a compreensão de tal proposta. Para tanto, parte-se da concepção de modernidade já trabalhada, tendo em vista que tal proposta é um reflexo indubitável da leitura que Octavio Paz faz da situação política mexicana. Discute-se, então, a posição do autor estudado no debate sobre a hegemonia partidária do PRI que, ao partir de um antiestatismo arraigado, objetivou – em verdade – elaborar soluções aos impasses da modernidade mexicana.

Em suma, o estudo aqui exposto analisa a concepção de modernidade mexicana na retórica ensaístico-crítica de Octavio Paz, entre 1970 a 1988. Tal retórica literária se embasou em uma perspectiva característica do poeta: a crítica moderna. Para tanto, os

ensaios de Paz compõem o corpus documental desta pesquisa, pois constituem reflexões bem fundamentadas sobre os possíveis caminhos do país à modernidade. Noutras palavras, delinea-se a trajetória do autor estudado para em seguida compreender o conceito de modernidade por ele elaborado e, por fim, capturar as suas soluções aos obstáculos à modernidade muitas vezes estabelecidos pelos empecilhos impostos pela própria modernização que se estabeleceu no México sob a hegemonia do PRI.

Capítulo 1: A Trajetória Intelectual de Octavio Paz

*Entre el hacer y el ver,
acción o contemplación,
escogí el acto de palabras:
hacerlas, habitarlas,
dar ojos al lenguaje.
La poesía nos es la verdad:
es la resurrección de las presencias,
la historia
transfigurada en la verdad del tiempo no
fechado.*

Octavio Paz⁴

1.1. Formação intelectual: o comunismo e o Congresso Internacional de Escritores Antifascistas (1937)

Octavio Paz Lozano nasceu na cidade de Mixcoac (Cidade do México), em 31 de Março de 1914. Foi filho do revolucionário Octavio Paz Solórzano e da espanhola Josefina Lozano. Ao descrever a própria infância, Paz recorda constantemente uma figura: o avô Ireneo Paz. O admirado avô escreveu curtas novelas de tiragem popular, que envolviam o contexto histórico-político, assim como também dirigiu alguns dos periódicos da época⁵. Com algumas de suas publicações, Ireneo Paz manteve a estabilidade financeira da família nos momentos mais difíceis da Revolução Mexicana⁶. Um entusiasta declarado da leitura, também chegou a reunir uma biblioteca considerável de diferentes categorias literárias. Como exemplo, os romances que encantavam nosso autor quando pequeno pela

⁴ PAZ, Octavio. **La poesía y la verdad**. Ciudad de México: Revisa vuelta, 1986, nº 120. p.25. Disponível em: <www.letraslibres.com/pdf.php?id=2625>. Acessado em: 24 de Junho de 2009. [Trecho poético selecionado por corresponder a acepção do autor sobre o fazer poético, cujas habilidades da escrita (habitá-las e construí-las) podem até mesmo ressuscitar a história, já que esta (História) é representada na verdade pelo tempo fechado].

⁵ Entre as publicações de Ireneo Paz, estão: *Amor y suplicio*, 1873; *Doña Marina*, 1883; *Leyendas históricas de la Independencia*, 1894, *Leyendas históricas*, 1914; *La piedra del sacrificio*, 1871 e *Amor de viejo*, 1874.

⁶ A Revolução Mexicana (1910-1917) configurou-se em uma grande movimentação social que, além de distar de outras ao redor do mundo, almejou peculiarmente o retorno às tradições. Os integrantes que a compunham dividiam-se, ao menos inicialmente, entre os grupos da região norte e sul do país. No entanto, uma grande parcela consistia de agrários (os sulinos) e, outra parcela menor, se compunha de nacionalistas e elitistas. Essa ramificação se originaria na disparidade regional do país, ou melhor dito, na diversidade reservada a cada província mexicana dos finais do século XIX.

temática da aventura (repleta de viagens fantásticas e gestos heroicos) como Emilio Salgari, Walter Scott, Alexandre Dumas e Daniel De Foe.

Quanto à família paterna, salienta que avô e pai defendiam ferreamente os princípios *zapatistas*⁷, algo incomum no círculo social que integravam⁸. Ireneo Paz e Paz Solórzano também defendiam as perspectivas indigenistas e anti-hispanistas. De tal sorte, ambos relacionavam o passado colonial da América Espanhola às ideias de seus inimigos tradicionais, os conservadores. E amofinavam à Josefina, cuja raiz era espanhola. Como se vê no excerto:

*Fui familiar de esa disputa desde mi niñez. Mi familia paterna era liberal y, además, indigenista: antiespañola por parte doble. Aunque mi madre era española, detestaba las discusiones y respondía a las diatribas con una sonrisa. Yo encontraba sublime su silencio, más contundente que un tedioso alegato.*⁹

Essa querela familiar, em verdade, refletia o recorrente debate intelectual mexicano investido por hispanistas e anti-hispanistas. Nesse debate, os primeiros propunham reestruturar o país visando ao verdadeiro progresso. Para tanto, essa geração advinda de uma oligarquia dominante ignorava o passado indígena por relacioná-lo à barbárie. Os indígenas deveriam, desse modo, adaptar-se (atualizar) para acompanhar o projeto de modernização nacional comandado por essa mesma oligarquia.

Os segundos (grupo de anti-hispanistas) dividiam-se entre os adoradores da cultura meso-americana, que consideravam a Conquista um genocídio, e os herdeiros do liberalismo do século XIX, que professavam com desdém as duas tradições: a indígena e a espanhola, ambas as culturas constituindo obstáculos à modernidade¹⁰.

⁷ O termo *zapatista* refere-se ao personagem histórico de Emiliano Zapata, cujas proezas almejaram a derrocada do ditador Porfírio Díaz e a reforma agrária no estado de Morelos.

⁸ A família Paz integrou a nova elite política mexicana no período pós-revolução.

⁹ PAZ, Octavio. **Itinerario**. 4^o Ed. México, DF.: Fondo de Cultura Económica, 2003. p. 24. [O livro intitulado *Itinerario* de caráter essencialmente autobiográfico, relata a evolução das ideias política de Octavio Paz. Publicado primeiramente em 1983 – dez anos antes da morte do poeta –, traz em suas linhas um relato da vida intelectual e pessoal, como diz o próprio autor “as minhas ideias políticas foram fortemente influenciadas pelo que senti e sinto”]

¹⁰ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 12.

Em *Itinerario*, Octavio Paz afirma que, muito embora parecessem radicais, as ideias anti-hispanistas de sua família paterna configuravam-se moderadas¹¹. Isso se nota, por exemplo, ao contrapor as ideias do avô aos livros que possuía em sua biblioteca. Uma parte dos livros se referia a História do México (literatura autóctone) e, principalmente, ao choque entre os povos indígenas e as civilizações europeias. Outra parte correspondia aos clássicos liberais espanhóis do século XIX. Segundo Paz, “*las lecturas de los grandes escritores y poetas de esos años acabó por reconciliarme con la España*”¹².

Octavio Paz Solórzano (pai), por outro lado, distanciava-se dessa moderação de ideias. E, por esta mesma razão, em 1914, juntou-se ao movimento de Emiliano Zapata em Morelos. Ireneo Paz, Josefina Lozano e Octavio Paz, para maior segurança, mudaram-se para o pequeno povoado de Mixcoac¹³.

Os três integrantes da família Paz permaneceram no vilarejo até o fim da Revolução Mexicana. Diante disso, pode-se dizer que, Ireneo Paz aprendeu a poupar Josefina de suas opiniões sobre o passado colonial hispano-americano¹⁴. Josefina, por sua vez, aguardou ansiosamente as notícias da Revolução¹⁵. E, com o passar dos anos, Octavio Paz aprendeu a compreender a notícias da Revolução pela expressão de sua mãe¹⁶. Em Mixcoac, nosso poeta foi matriculado na *Escuela Primaria Oficial*, que o ambientou com maior facilidade ao povoado.

O renomado biógrafo Juan Gallardo Muñoz descreve esse momento da vida do poeta como sendo resultado de um reflexo duplo da realidade: os barulhos da Revolução e a simplicidade da vida em Mixcoac¹⁷.

Essa primeira parte da vida de nosso autor – esse espaço de seis anos – é definida por ele como uma *espiral*¹⁸. Afinal, a descrição de sua infância não tem um ponto de

¹¹ Ibidem, p.25. [Como diz: “*En la biblioteca de mi abuelo abundaban los libros con argumentos que revelaban su moderado antihispanismo*”].

¹² PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p.25.

¹³ Até então, a família residia na Cidade de México (DF). Nesta época, Mixcoac era um pequeno povoado e não integrava o território urbano da Cidade do México.

¹⁴ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 14.

¹⁵ Idem, p. 14.

¹⁶ Idem, p. 14.

¹⁷ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 14. [Bem como, o distanciamento da guerra em Mixcoac. As notícias da Revolução chegavam com um ar frio e distante]

partida e/ou chegada; ou melhor, não há uma referência linear. Ao contrário, o relato “vai e volta sem parar, e assim, abandona a linha de partida”¹⁹. Dessa mesma forma, a primeira infância é relacionada, por ele mesmo, a um suposto desamparo infantil; tal como se nota no seguinte trecho:

*Me veo, mejor dicho: veo una figura borrosa, un bulto infantil perdido en un inmenso sofá circular de gastadas sedas, situado justo en el centro de la pieza. Con cierta inflexibilidad, cae la luz de un alto ventanal. Deben ser las cinco de la tarde pues la luz no es muy intensa. Muros empapelados de un desvaído amarillo con dibujos de guirnaldas, tallos, flores, frutos: emblemas del tedio. Todo real, demasiado real; todo ajeno, cerrado sobre sí mismo. (...) Rumos de risas, voces, tintineo de vajillas. Es día de fiesta y celebran un santo o un cumpleaños. Mis primos y primas, mayores, saltan en la terraza. Hay un ir y venir de gente que pasa al lado del bulto sin detenerse. El bulto llora.*²⁰

No prenúncio dos anos 1920, o fim da Revolução Mexicana trouxe consigo a insatisfação de muitos dos intelectuais que lutaram por ela. Por essa razão, essa mesma classe (em uma grande maioria) se obstinou à militância em prol daquilo que afirmava pendente, qual seja, a própria Revolução.

Octavio Paz Solórzano retornou, portanto, à vida em família. No vilarejo, ele militou pelo *Partido Nacionalista Agrarista*, bem como organizou algumas reuniões importantes, como a conhecida *Convención Revolucionaria* (1920 e 1922), participando da *XXIX Legislatura*, com alguns artigos sobre Emiliano Zapata²¹. Mais adiante, Paz Solórzano haveria de ser exilado nos EUA e, novamente, para maior segurança, a família o acompanharia. Octavio Paz Solórzano, Josefina Lozano e Octavio Paz Lozano se mudaram para Los Angeles, Califórnia.

¹⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 08

¹⁹ Ibidem, p. 08-09. [Segundo Paz, “la línea que traza ese trayecto no es la recta ni el círculo sino la espiral, que vuelve sin cesar y sin cesar se aleja del punto de partida. Extraña lección: no hay regreso pero tampoco hay punto de llegada”]

²⁰ Ibidem, p. 14-15.

²¹ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 15.

Nesse período, o poeta foi matriculado em uma escola anglo-americana, cujos estudantes de origem mexicana não passavam de dois, sendo Octavio Paz um deles, por isso, relata em *Itinerario*:

*Apenas llegamos, mis padres decidieron que fuera al **kindergarten** del barrio. Tenía seis años y no hablaba una sola palabra en inglés. Recuerdo vagamente el primer día de clases: la escuela con la bandera de los Estados Unidos, el salón desnudo, los pupitres, las bancas duras y mi azoro entre la ruidosa curiosidad de mis compañeros y la sonrisa afable de la joven profesora, que procuraba aplacerlos. (...) Aterrorizado por mi incapacidad de comprender lo que se me decía, me refugié en el silencio. Al cabo de una eternidad llegó la hora del recreo y del **lunch**. Al sentarme a la mesa descubrí con pánico que me faltaba una cuchara preferí no decir nada. Una de las profesoras, al ver intacto mi plato, me preguntó con señas la razón. Musité: “cuchara”, señalando la de mi compañero más cercano. Alguien repitió en voz alta: “cuchara”. Carcajadas y algarabía.*²²

Em meados de 1924, a situação política mexicana se amenizou e Octavio Paz, juntamente à sua família, retornou à Mixcoac. Para dar continuidade às tradições familiares, nosso autor foi matriculado no colégio francês *Orden de Salle*. Após dois anos e meio nos EUA e, obviamente, habituar-se ao inglês, era aborrecido por muitos dos novos colegas, chamando-o “*extranjerito*”.

Na obra *Itinerario*, Octavio Paz afirma que:

Aunque no hablaba inglés, no había olvidado el español. Sin embargo, mis compañeros no tardaron en decidir que era un extranjero: un gringo, un franchute o un gachupín, les daba lo mismo. El saberme recién llegado de los Estados Unidos y mi facha – pelo castaño, tez y ojos claros – podrían tal vez explicar su actitud; no enteramente: mi familia era conocida en Mixcoac desde principios del siglo y mi padre había sido diputado por esa municipalidad. Volvieron las risas y las risotadas, los apodos y las peleas, a veces en el campo de fútbol del colegio y otras en una callejuela cercana a la parroquia. [...]La experiencia de Los Ángeles y la de México me apesadumbraron durante muchos años. A veces pensaba que era culpable – con frecuencia somos cómplices de nuestros persegutores – y me decía: sí, no soy de aquí ni de allá. ¿Entonces, de

²² PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 15.

*dónde soy? Yo me sentía mexicano – el apellido Paz parece en el país desde el siglo XVI – pero ellos no me dejaban serlo.*²³

Ainda em *Itinerario*, o referido autor denota que as três experiências mencionadas acima (a solidão infantil, a exclusão na escola anglo-americana e também mexicana) haveriam de se revelar peças-chave para o desenvolvimento de ideias constantes no seu vindouro trabalho, como exemplo, a solidão, a busca e o ostracismo; por isso, afirma que “*tres momentos que marcaron para siempre y todo lo que he escrito acerca de mi país no ha sido, quizá, sino la respuesta a esas experiencias de infantil desamparo*”²⁴; incansáveis respostas e, para cada ocasião, distintas: a primeira delas, segundo o próprio autor, foi comum e universal; todos a experimentam ao longo da vida²⁵; a segunda e a terceira fases revelam-se, entretanto, em uma base histórica, como consequência crua da dura realidade: o grupo humano²⁶.

Tal como se nota:

*Nada más natural que un niño mexicano se sienta extraño en una escuela norteamericana pero es atroz que los otros niños, por el mero hecho de ser extranjero, lo injurien e lo golpeen. No en balde los suspicaces atenienses inventaron el delito de ostracismo para los sospechosos. Y el extranjero es siempre un sospechoso. (...) Así, mis compañeros me condenaron al destierro, no fuera de mi patria sino dentro de ella.*²⁷

Não obstante, para o biógrafo Juan Gallardo Muñoz somente no fim da década de 1920, Octavio Paz haveria delineado seu espírito propiciando o desenvolvimento de ideias políticas e, quiçá, o envolvimento com a própria esfera política. Mais à frente, portanto, o autor reconheceria e estruturaria as ideias (solidão, busca e ostracismo, entre outras) que compõe o seu trabalho.

De acordo com Gallardo Muñoz:

²³ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 16-17.

²⁴ Ibidem, p.17.

²⁵ Ibidem, p. 17.

²⁶ Ibidem, p. 15

²⁷ Ibidem, p. 15.

A década de 1920 chegava ao fim quando tudo mudou. Principalmente, no que se refere àquilo que modelou o espírito de Octavio Paz num dos aspectos fundamentais de sua vida: o político e as suas idéias. [...] Era 1929 e Octavio iria cumprir quinze anos. Evidentemente, uma idade precoce para se envolver em certas questões. Mas, as coisas aconteceram desse modo, sem ele mesmo se dar conta e se viu imerso em acontecimentos que marcaram de forma concreta o que seria sua futura postura diante dos acontecimentos sociais e políticos de seu tempo.²⁸

Como se vê no excerto, no final da década de 1920, nosso autor passou a se envolver – direta e/ou indiretamente – com questões políticas e sociais recorrentes na época. A partir de 1929, por exemplo, embrenhou-se na movimentação estudantil pela autonomia da Universidade do México²⁹. Apesar de sua precocidade, ele adentrou em um mundo de reivindicações que moldaria suas porvindouras ideias e posturas diante de questões sócio-políticas.

Aos 15 anos, Octavio Paz havia terminado os estudos de iniciação universitária e, por assim dizer, ingressado na *Escuela Nacional Preparatoria*³⁰ (antigo *Colegio de San Ildefonso*) via direta ao ambiente acadêmico.

No período, a fundação do PRN³¹ (*Partido Revolucionario Nacional*), em 1929, desencadeou alguns levantes como “*el poderoso movimiento de oposición democrática*”³² do ensaísta, educador e político José Vasconcelos³³. Paz, embora não se engajasse no movimento, chegava a assistir a legião de jovens vasconcelistas nas ruas da Cidade do México³⁴.

²⁸ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 43.

²⁹ Hoje conhecida como UNAM – *Universidad Nacional Autónoma de México*.

³⁰ O antigo *Colégio de San Ildefonso* é hoje em dia um museu, bem como centro cultural, muito prestigiado, principalmente pelos murais nele existentes de José Clemente Orozco, David Alfaro Siqueiros, Diego Rivera, entre outros. O museu de *San Ildefonso* é considerado o berço do movimento muralista mexicano.

³¹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 16. [O modelo seguido pelo PRN, segundo Octavio Paz, era o fascista italiano e o comunista russo, sem demonstrar qualquer intenção totalitária. Um resultado opróbrio de uma democracia autêntica e de uma ditadura revolucionária]

³² *Ibidem*, p. 46.

³³ A campanha eleitoral José Vasconcelos, candidato a presidência, objetivava a diminuição da corrupção e das manobras políticas de Plutarco Elias Calles. O PRN havia sido fundado por Plutarco Elias Calles e, sucedido, em reformas, por outros dois presidentes: Lázaro Cárdenas del Rio e Miguel Alemán Valdés.

³⁴ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 47

Para o ensaísta crítico Carlos Monsiváis, Octavio Paz se formou, enquanto crítico, ensaísta e poeta, durante a militância comunista de 1930 e, para sempre, considerou a esquerda como sua interlocutora natural³⁵. Por essa mesma razão, Monsiváis afirma que “dentre os anos 1930 e 1940, os intelectuais em sua grande maioria pertenciam à militância comunista e, por ventura, os escritores da esquerda viam na narrativa e na poesia armas de combate”³⁶. Sendo assim, afirma que,

O atrativo da Revolução – maiúscula iluminada – deslumbrou várias gerações. Como não sonhar em reconstruir o sentido da história e desamarrar a desigualdade que se distribuiria entre todos, do mesmo modo, lançar a justiça salarial, estímulos à arte e à cultura? Paz se desprenderia prontamente da idéia mecânica e messiânica da Revolução. Todos acreditavam na insólita revolução e pegaram a febre comunista.³⁷

No início da década de 1930, Octavio Paz começou a frequentar a *Escuela Nacional Preparatória*, podendo inclusive admirar religiosamente os grandes murais de Orozco, Rivera e Siqueiros³⁸. Nesse novo ambiente, ele conheceu o catalão José Bosch, que lhe apresentou às primeiras leituras libertárias.

Em *Itinerario*, o autor rememora “*San Ildefonso*” e o colega José Bosch:

Allí encontré a José Bosch, uno de mis compañeros en las agitaciones del movimiento estudiantil del año anterior. Era catalán y un poco mayor que yo. A él debo mis primeras lecturas de autores libertarios (su padre había militado en la Federación Anarquista Ibérica). Pronto encontramos amigos con inquietudes semejantes a las nuestras. En San Ildefonso no cambié de piel ni de alma: esos años fueron no un cambio sino el comienzo de algo que todavía no terminaba, una búsqueda circular y que ha sido un perpetuo recomienzo: encontrar la razón de esas continuas agitaciones que llamamos historia. Años de iniciación y de aprendizaje, primeros pasos en el mundo, primeros extravíos,

³⁵ MONSIVÁIS, Carlos. **Octavio Paz y la izquierda**. México: Revista Letras Libres, vol. 30, abril de 1999. Disponível em: <www.consejouniversitario.buap.mx/>. Acessado em: Fevereiro de 2009. p. 30.

³⁶ MONSIVÁIS, Carlos. Op. cit., p. 30.

³⁷ Ibidem, p.31.

³⁸ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 53.

*tentativas por entrar en mí y hablar con ese desconocido que soy y seré siempre para mí.*³⁹

Na *Escuela Nacional Preparatoria*, Octavio Paz se juntou a um grupo de alunos que compartilhava de suas inquietações culturais, políticas e sociais. Esse grupo de alunos – que, mais tarde, intitulou-se de *Unión de Estudiantes Pro Obrero y Campesinos* – reunia-se diariamente em um quarto minúsculo do colégio para debater ideias marxistas, com teóricos como Pléianov e Bujarin⁴⁰. Adiante, as reuniões haveriam de se tornar encontro de vários destinos políticos: uns acabaram no partido oficial, exercendo altos postos na administração pública; outros formaram novos partidos e/ou falanges fascistas; e outros, aliaram-se à *Juventude Comunista*⁴¹.

Além das questões de âmbito sócio-políticas, a *Unión de Estudiantes Pro Obreros y Campesinos* interessava-se pela arte, filosofia e literatura. Acima de todas, a poesia havia se tornado um vício. Esse gênero lírico aliado à revolução, para eles, tornava-se aspecto único de um duplo movimento; “ala de uma mesma paixão”⁴².

As revistas literárias *Contemporáneos*, *Cruz*, *Raya* e *Sur*, também eram bastante lidas, disponibilizando aos integrantes do grupo novos rumos de argumentações, discussões e ideias, que não a da teoria marxista, por exemplo, o surrealismo francês de André Gide e Paul Valéry; ou mesmo, literatos como André Malraux, Franz Kafka, Saint-John Perse, T. S. Eliot, Thomas Mann e William Faulkner. Afinal, esses autores – a maioria deles – conciliavam espontaneamente a modernidade estética e a radicalidade política. Alguns autores da literatura espanhola moderna também nortearam o grupo, com Claudio Guillén, García Lorca, Ortega y Gasset, Ramón María del Valle-Inclán e Ramón

³⁹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 47.

⁴⁰ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 55.

⁴¹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 55. [Ao longo de *Itinerario*, Octavio Paz, por diversas vezes, lamenta o distanciamento de José Bosch, que ao buscar manter-se fiel aos ideais comunistas se distanciou do grupo, até se isolar por completo].

⁴² *Ibidem*, p. 57. [Essa mesma crença uniu mais tarde Octavio Paz aos surrealistas].

Gómez de la Serna. Essas desenfreadas leituras, heterogêneas por si só, indicam a ânsia pela renovação dos paradigmas estabelecidos pela arte, literatura, filosofia e a História⁴³.

Conforme o próprio autor, as discussões do grupo configuravam ingênuas paródias alicerçadas em leituras contraditórias, ocasionadas pela miscelânea de autores, ideias e obras⁴⁴. No que se refere às contradições da *Unión de Estudiantes Pro Obrero y Campesinos*, Paz afirma que:

*¿Cómo no perdonar nuestras contradicciones? Nosotros leíamos los catecismos marxistas de Bujarin y Plejánov para, al día siguiente, hundirnos en la lectura de las páginas eléctricas de **La gaya ciencia** o en la prosa elefantina de **La decadencia de Occidente**. Nuestra gran proveedora de teorías y nombres era la Revista de Occidente. La influencia de la filosofía alemana era tal en nuestra universidad que en el curso de Lógica nuestro texto base era el de Alexander Pfänder, un discípulo de Husserl. Al lado de la fenomenología, el psicoanálisis. En esos años comenzaron a traducirse las obras de Freud [...] Otras revistas fueron miradores para, primero, vislumbrar y, después, explorar los vastos y confusos territorios, siempre en movimiento, de la literatura y del arte: Sur, Contemporáneos, Cruz y Raya. Por ella nos enterramos en los movimientos modernos.*⁴⁵

O entusiasmo exacerbado do grupo havia abrangido até mesmo os menores movimentos da esquerda⁴⁶. A Guerra Civil Espanhola, por exemplo, fora alocada, por eles, como insígnia de uma “nova era”. Isso denota, por assim dizer, quão heterodoxo se manteve o grupo, já que o sectarismo comunista considerou (durante anos) a guerra civil como processo frustrado. Apesar disso, os integrantes do grupo carregaram os adereços em prol da proclamação da república espanhola. Por essa razão, eles buscaram nela novas perspectivas às tradições hispânicas, como possível caminho renovado à modernidade e/ou exposição da universalidade encarnada em um comunismo voltado ao exterior.

⁴³ Essas áreas voltavam-se ao engajamento político e a geração de Octavio Paz procurava, em verdade, quebrar esta insígnia.

⁴⁴ Ibidem, p. 56.

⁴⁵ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 50-51.

⁴⁶ Ibidem, p. 51. [Segundo Octavio Paz: “*Mi generación fue la primera que, en México, vivió como propia la historia del mundo, especialmente la del movimiento comunista internacional.*”]

A ascensão de Lázaro Cárdenas del Río, em 1934, configurou outro evento que inflamou as convicções políticas do grupo. Como é sabido, o presidente Cárdenas destacou-se ao reestruturar o PRN (*Partido Revolucionario Nacional*), bem como ao almejar a reforma agrária pelos *ejidos*; a mesma reforma pretendida por Emiliano Zapata. Nesse momento mexicano, comunistas e socialistas tomaram posturas semelhantes ao abandonarem e aderirem à oposição, partindo para a colaboração governamental; todos contra inimigos comuns: *nazistas e fascistas*⁴⁷. Para a esquerda mexicana, esse período havia significado uma grande virada política.

Em *Itinerario*, Octavio Paz afirmou posteriormente que o governo cardenista se embasava em um apelo ao igualitário, com projetos de reforma social, funesto corporativismo e petulante política internacional⁴⁸. Esses mesmos projetos sociais haveriam de prejudicar fundamentalmente a esfera cultural, pois favoreciam o surgimento de uma arte demagógica, como exemplo, os contos proletários que explanavam os lugares-comuns do progresso⁴⁹.

A legião recém-surgida de poetas e literatos suscitou o surgimento de campanhas opositoras representadas pelas formações de novos grupos, como o da revista literária *Contemporáneos*. Os escritores independentes, como declaravam a si mesmos, em uma nova empreitada, repudiaram a hierarquia, a arte compromissada, etc. e se declararam publicamente rivais a LEAR – *Liga de los Escritores y Artistas Revolucionarios*⁵⁰. A partir desse novo grupo, Octavio Paz passou a lidar constantemente com um conflito: a contraposição entre as ideias políticas marxistas e as convicções estéticas. Sobre os *Contemporáneos*, Paz afirma que:

Pertenecían a la generación anterior a la mía, algunos habían sido mis maestros, otros eran mis amigos y entre ellos habían varios poetas que yo admiraba y admiro. Si la actitud de la LEAR (Liga de Escritores y Artistas Revolucionarios) que me parecía deplorable, la retórica de sus poetas y escritores me repugnaban. Desde el principio me negué a

⁴⁷ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 51-52.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 52.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 53.

⁵⁰ A LEAR teve por integrante Pablo Neruda, Juan Rulfo, entre outros.

*aceptar la jurisdicción del Partido Comunista y sus jerarcas en materia de arte y de literatura. Pensaba que la verdadera literatura, cualesquiera que fuesen sus temas, era subversiva por naturaleza. Mis opiniones eran escandalosas pero, por la insignificancia misma de mi persona, fueron vistas con desdén e indiferencia: venían de un joven desconocido. Sin embargo, no pasaron enteramente inadvertidas, como puede comprobarlo un poco más tarde. En esos años comencé a vivir un conflicto que se agravaría más y más con el tiempo: la contraposición entre mis ideas.*⁵¹

Mediante isso, Octavio Paz passou a publicar pequenos poemas (os primeiros da carreira), bem como a ajudar em revistas literárias de pequena circulação. Logo em 1931, ele publicou o poema *Cabellera*. No ano de 1933, ajudou na fundação de revistas, como a *Barandal* (1933) e a *Cuadernos del Valle de México* (1933). No mesmo ano, publicou o seu primeiro *poemario* intitulado *Luna Silvestre*.

No ano de 1935, o poeta conheceu dois integrantes do grupo *Contemporáneos*, o poeta e ensaísta Jorge Cuesta e o também poeta e dramaturgo Xavier Villaurrutia, cujos apontamentos denunciaram a simpatia do intelectual aqui estudado pelo comunismo e notória identificação com as ideias surrealistas, no âmbito estético e filosófico. O grupo da revista literária, em especial, Carlos Pelicer, havia-se encantado com as poesias simples de Octavio Paz⁵².

Logo após esse encontro com Jorge Cuesta e Xavier Villarrutia e a eventual morte do pai⁵³, o referido autor passou a se questionar e, por isso, chegou a abandonar a *Unión de Estudiantes Pro Obreros y Campesinos*, a universidade e a casa da família.

Nos meados de 1936, o governo de Cárdenas havia lançado um programa dedicado especialmente à educação popular na província de Yucatán. Em seguida, Paz (no início de 1937) recebeu um convite para ser professor rural desse programa de educação e se mudou para a província⁵⁴. Nesse breve período, em meio a um forte processo de introspecção,

⁵¹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 53.

⁵² GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 65.

⁵³ Octavio Paz já havia terminado a iniciação universitária e ingressado na UNAM

⁵⁴ **DOSSIER 1: OCTAVIO PAZ.** Op. cit., p.10-246.

transição de ideias e bastantes leituras, casou-se com a escritora Elena Garro. No que diz respeito à Yucatán, Paz afirma que:

*Pasé unos meses en Yucatán. Cada uno de los días que viví allá fue un descubrimiento y, con frecuencia, un encantamiento. La antigua civilización me sedujo pero también la vida secreta de Mérida, mitad española e mitad india. Por primera vez vivía en tierra caliente, no en uno trópico verde y lujurioso sino blanco y seco, una tierra llana rodeada de infinito por todas partes. Soberanía del espacio: el tiempo sólo era un parpadeo. Inspirado por mi lectura de Eliot, se me ocurrió escribir un poema en el que la aridez de la planicie yucateca, una tierra reseca y cruel, apareciese como la imagen de lo que hacía el capitalismo – con el hombre y la naturaleza: chuparles la sangre, sorberles su substancia, volverlos hueso y piedra.*⁵⁵

No final de 1937, Octavio Paz recebeu um telegrama convidando-o ao II Congresso Internacional de Escritores Antifascistas em Valência⁵⁶. O Congresso Antifascista, em verdade, buscava reafirmar resistência ao franquismo; ditadura do general Francisco Franco (1939-1976). A delegação mexicana foi composta por José Mancisidor Ortiz (*LEAR*), Carlos Pellicer (*Contemporáneos*) e Octavio Paz. Essa experiência espanhola suscitou uma nova forma de pensar no poeta, salientando ainda mais a ânsia por independência e por liberdade intelectual – “uma busca eterna pela voz original”⁵⁷.

Além dos problemas obtidos antes mesmo de viajar à Espanha, uma vez que o cubano José Marinello, como afronta, enviou os convites de Carlos Pellicer e Octavio Paz por transporte marítimo, chegando com um mês de atraso, conseqüentemente, Paz também encontrou dificuldades por lá.

O diretor e roteirista espanhol Ricardo Muñoz Suay confessou, por exemplo, anos mais tarde, que a *Alianza de Intelectuales de Valencia* lhe pediria que o vigiasse, por suas posturas trotskistas⁵⁸. Em verdade, havia uma propaganda comunista nesse período que

⁵⁵ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p.56-58.

⁵⁶ALBUQUERQUE, Carlos. **A Guerra Civil Espanhola atraiu artistas e intelectuais de todo o mundo.** Disponível em: <www.dw-world.de>. Acessado em: 01/04/2009. p. 05.

⁵⁷ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 70. [Pode-se dizer que estas são as primeiras manifestações existencialistas de Octavio Paz.]

⁵⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 58-59.

afirmava Trotski como aliado de Hitler e o poeta batia de frente declaradamente com essa ideia, muito embora não fosse trotskista. Em um âmbito geral, segundo Octavio Paz, os comunistas, socialistas e republicanos, queriam somente ganhar a guerra e derrotar os fascistas⁵⁹. Os anarquistas e a quarta internacional (trotskistas) afirmavam que a única forma de ganhar a guerra seria mediante a revolução⁶⁰.

No que se refere à experiência espanhola:

*En otros escritos he señalado lo que significaron para mí los días exaltados que pasé en España: el aprendizaje de la fraternidad ante la muerte y la derrota; el encuentro con mis orígenes mediterráneos; el darme cuenta de que nuestros enemigos también son seres humanos; el descubrimiento de la crítica en la esfera de la moral y la política. Descubrí que la revolución era hija de la crítica y que la ausencia de crítica había matado a la revolución. Pero ahora cuento una historia de una búsqueda y por esto, en lo que sigue, me refiero sobre todo a aquellos incidentes que despertaron en mí ciertas dudas. Esas dudas fueron el comienzo de mi descubrimiento de la crítica, nuestra única brújula moral lo mismo en la vida privada que en la pública. [...]En España fue obyector, eso sí, de advertencia y amonestación de unos quantos jerarcas comunistas y de los reproches amistosos.*⁶¹

As opiniões que distaram desse *common sense* comunista faziam-se instantaneamente trotskistas; como se deu com Octavio Paz⁶². Por essa razão, ele menciona em *Itinerario* o Prêmio Nobel de Literatura André Gide, escritor convertido em traidor republicano após realizar críticas ao regime soviético. Paz havia reprovado publicamente as maledicências à Gide e, por isso, tal postura tornar-se-ia alvo de polêmicos debates.

O jornal *Hora de España* manteve-se entre os poucos que criticaram sobre o ocorrido. Dessa forma, o poeta, em evidência, foi chamado rapidamente por eles a contribuir nas edições. Esse jornal reuniu personalidades como María Zambrano, Arturo

⁵⁹ Ibidem, p. 63.

⁶⁰ Ibidem, p. 62-63.

⁶¹ Ibidem, p. 63.

⁶² Octavio Paz em razão desse projeto de independência e liberdade intelectual dificilmente é definido como socialista, republicano, comunista ou trotskista. Como já se afirmou, a esquerda foi a interlocutora original de Paz. No entanto, ele não se vinculou a qualquer ideologia ou partido político.

Serrano Plaja, Ramón Gaya, Juan Gilbert e Antonio Sanchez Barbudo⁶³. Além de ideias semelhantes no que se refere aos comunistas e à guerra civil, esses intelectuais também compartilhavam de novas propostas literárias.

Nessa época, o referido autor publicou os poemas *¡No pasarán!* (1936), *Raíz del hombre* (1937), *A la orilla del mundo* (1938) e *Noche de resurrecciones* (1939). Sobre o jornal *Hora de España*, Paz afirma que:

*Oscilábamos entre una adhesión ferviente y una reserva invencible. No tardaron en franquearse conmigo: todos resentían y temían la continua intervención del Partido Comunista en sus opiniones y en la marcha de la revista. Algunos de sus colaboradores – los casos más sonados habían sido los de Luís Cernuda y León Felipe – incluso habían sufrido interrogatorios. Los escritores y los artistas vivían bajo la mirada celosa de unos comisarios transformados en teólogos. (...) Los censores vigilaban a los escritores pero las víctimas de la represión era los adversarios ideológicos. Sí era explicable y justificable el combate contra los agentes del enemigo, ¿también lo era aplicar el mismo tratamiento a los críticos y opositores de izquierda, fuesen anarquistas, socialistas o republicanos?*⁶⁴

Na obra *Itinerario*, Octavio Paz relata os horrores da guerra civil espanhola. O franquismo é descrito como um terror que consistiu na forte atuação da autoridade e de seus instrumentos: a polícia e o exército⁶⁵. Uma violência institucionalizada, que possuía somente duas opções: o capitalismo profano ou o fascismo homicida⁶⁶.

Para Carlos Monsiváis, a esquerda europeia buscou no dogmatismo a inclusão do proletariado, principalmente no âmbito internacional, sendo assim não reconheceu (a esquerda) os episódios de Moscou, considerando a guerra inevitável⁶⁷. De tal modo, os intelectuais que haviam resistido ao *franquismo*, contraditoriamente, mantinham-se fiéis à Stalin e aos soviéticos.

⁶³ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 99.

⁶⁴ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 64.

⁶⁵ Ibidem, p. 64.

⁶⁶ Ibidem, p. 71.

⁶⁷ MONSIVÁIS, Carlos. Op. Cit., p. 31.

No final de 1938, nosso autor tentou se alistar no Exército Republicano. Entretanto, o comandante que o recebeu lhe recusou a proposta e afirmou que, “com a pena na mão realizaria maiores transformações do que com um fuzil empunhado”⁶⁸. Assim sendo, Paz retornou ao México e, mais adiante, auxiliou na fundação do periódico *El Popular*, cujas páginas defendiam ardorosamente a esquerda mexicana, bem como descreviam a situação espanhola⁶⁹.

No cenário mexicano, a esquerda havia-se voltado ao polêmico debate sobre o exílio de León Trotski, concedido pelo presidente Cárdenas em Outubro de 1936. A imprensa da ala radical lançou uma campanha contra a estadia de Trotski no país e, nesse caso, a *Revista Futuro* obteve maior destaque. Essa revista recebeu, por várias vezes, as colaborações de Octavio Paz, colaborações essas que se findaram com a solicitação do editor-chefe José Revueltas de um artigo contendo afirmações sobre uma suposta aliança entre Trotski e Hitler, com argumentações – que segundo o próprio autor – beiravam a um sofisma deplorável⁷⁰. Obviamente, Octavio Paz se recusou a redigir tal artigo e abandonou a revista⁷¹.

Com o pacto germano-soviético firmado em agosto de 1939 e a subsequente invasão da Polônia pela Alemanha, o círculo intelectual mexicano de esquerda alastrou justificativas referentes à idoneidade do pacto. Mais uma vez, o referido autor lançou críticas expressadas publicamente a esse *milieu* comunista, afirmando que concebiam facilmente um auxílio de Trotski aos nazistas, porém o deplorável pacto germano-soviético se fazia altamente justificável.

Em *Itinerario*, o autor constata que:

Entre mis amigos y compañeros la noticia fue recibida al principio con incredulidad; después, casi inmediatamente, comenzaron las interpretaciones y las justificativas. Un joven escritor español, José Herrera Petere, en una reunión en la editorial Séneca, que dirigía

⁶⁸ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 102.

⁶⁹ O periódico *El Popular* possuía um discurso de viés sindicalista.

⁷⁰ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 68.

⁷¹ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 103.

Bergamín, nos dijo: “No entiendo las razones del pacto pero lo apruebo. No soy un intelectual sino un poeta. Mi fe es la del carbonero...”. En El Popular, pasado el primer momento de confusión, se comenzó a justificar la voltereta. Hablé con el director y le comuniqué mi decisión de dejar el periódico. Me miró con sorpresa y me dijo: “Es un error y se arrepentirá. Yo apruebo el pacto y no veo la razón de defender a las corrompidas democracias burguesas. “No olvide que nos traicionaron en Munich”. (...) Terminé diciéndole: “Me voy a mi casa porque no entiendo nada de lo que ocurre. Pero no haré ninguna declaración pública ni escribiré una línea en contra de mis compañeros”. Cumplí mi promesa. Más que un rompimiento fue un alejamiento: dejé el periódico y dejé de frecuentar a mis amigos comunistas. La oposición entre lo que pensaba y lo que sentía era ya más ancha y más honda.”⁷²

Para Octavio Paz, a retórica trotskista propagandeava o pacto germano-soviético e a invasão polonesa. A *Revista Clave* (trotskista), por exemplo, havia publicado vários artigos do próprio Trotski justificando o pacto e a invasão enquanto formas de expansão territorial soviética⁷³. De acordo com a revista, essa expansão da URSS se justificava de duas formas: a primeira ao afirmar que a natureza social soviética se fazia superior a qualquer democracia capitalista e, a segunda, ao afirmar que a anexação de países pela URSS, nesse caso excepcional, não implicava em um ato imperialista⁷⁴.

Em verdade, nosso autor afirma que a literatura trotskista havia defendido a expansão territorial soviética definindo-a como mecanismo de defesa, mecanismo esse que se tornaria um *processo de sovietação*⁷⁵.

Nas palavras de Octavio Paz:

La misma idea inspira al libro de Trotski sobre el debatido tema de los fines y los medios: su moral y la nuestra. Lo leí en esos años, primero con deslumbramiento, a la mitad con escepticismo y al final con cansancio. En ese libro, rico en vituperios y en generalizaciones, aparece con mayor claridad esa mezcla de engreimiento con sus ideas y de ofuscación arrogante que fue uno de los defectos más notables de su poderosa

⁷² PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 70.

⁷³ Ibidem, p. 71.

⁷⁴ Ibidem, p. 71.

⁷⁵ Ibidem, p. 71. [Segundo Paz, “en la literatura marxista – decía Trotski – se entiende por imperialista la política de expansión del capital financiero”]

*inteligencia. En el lugar de providencia divina o de cualquier otro principio meta histórico, Trotski colocaba a la sociedad movida por una lógica inmanente y quimérica. Dialéctica era el otro nombre de ese dios de la historia, motor de la sociedad, no inmóvil sino perpetuamente activo, verdadero espíritu santo. Conocer sus leyes significaba conocer el movimiento de la historia y sus designios. Para Hume, el origen de la religión, su raíz, consiste en atribuir un designio a la naturaleza y sus fenómenos. Esta pretensión también es la raíz de la pseudoreligión leninista en todas sus versiones, sin excluir a la muy elaborada de Trotski y a la pedestre de Stalin.*⁷⁶

Não obstante, haveria de ser o atentado sofrido por Trotski com o auxílio do pintor David Alfaro Siqueiros – em maio de 1940 –, que retiraria as ilusões de Octavio Paz perante a esquerda mexicana. Na verdade, o ataque a Trotski “*acabó con mis dudas y vacilaciones pero me dejó a obscuras sobre el camino que debería seguir. Era imposible continuar colaborando con los estalinistas y sus amigos; al mismo tiempo ¿qué hacer?*”⁷⁷. E complementa: “*se hubiera propuesto refutar, no con ideas sino con un hecho terrible, su endiosamiento de la historia no seria convertida en lógica superior y en cartilla moral*”⁷⁸. Dessa forma, em relação ao eventual assassinato de Trotski, afirma que:

*(...) en el 20 de agosto de 1940, Trotski caía con el cráneo destrozado. Lógica vil de la bestia humana: el asesino lo hirió en la cabeza, allí donde residía su fuerza. La cabeza, el lugar del pensamiento, la luz que lo guió durante toda su vida y que, al final, lo perdió. Hombre extraordinario por sus actos y sus escritos, carácter ejemplar que hace pensar en las figuras heroicas de la Antigüedad romana, Trotski fue valeroso en el combate, entero ante las persecuciones y las calumnias e indomable en la derrota. Pero no supo dudar de sus razones. Creyó que su filosofía le abría las puertas del mundo; en verdad, lo encerró más y más en si mismo. Murió en una cárcel de conceptos. En eso terminó el culto a la lógica de la historia.*⁷⁹

⁷⁶ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 72.

⁷⁷ Ibidem, p. 73.

⁷⁸ Ibidem, p. 73.

⁷⁹ Ibidem, p. 75.

No final de 1938, Paz auxiliou na fundação da *Revista Taller*, juntamente a Efraín Huerta e a Rafael Solana Saucedo. Os colaboradores da revista, em uma grande maioria, representavam os exilados espanhóis residentes no México⁸⁰.

Os primeiros passos da *Taller* direcionaram-na a função de um laboratório literário. As primeiras edições, no entanto, tiveram excelentes temáticas, como exemplo, a pintora María Izquierdo e também a obra “Uma temporada ao inferno” de Arthur Rimbaud. Essa revista alicerçava-se em um grupo fragmentado que tinha entre os seus integrantes, o renomado Samuel Ramos, o economista Jesús Silva Herzog, o poeta espanhol Juan Larrea, o poeta chileno Pablo Neruda e o *Contemporáneo* Xavier Villarrutia. Dessa forma, Paz, Ramos e Villarrutia (dado à disparidade dos integrantes e dos conflitos que isto afluía) acabaram por fundar uma outra revista, a *El Hijo Pródigo* (1939).

No fim da década de 1930, Octavio Paz sentia-se imobilizado (isolado) intelectualmente no México. Para resolver tal situação, abandonou o grupo no qual se ambientava, buscando novos lugares, pessoas e discussões. Conforme, o próprio autor: “no bastaba con cambiar de ideas: había que cambiar actitudes. Tal vez, no se tratase tanto de cambiar a los hombres como de acompañarlos y ser uno de ellos”⁸¹.

Mais adiante, o poeta haveria de encontrar na retórica ensaístico-crítica a participação que buscava para melhor adentrar as discussões políticas mexicanas e, também, latino-americanas. Nunca abandonou a poesia, mas aumentou a abrangência de seu campo de ação. Nessa nova fase, dois fatores foram de grande importância: o abandono das ideias comunistas e a ida aos EUA.

1.2. Ensaísmo, surrealismo e o orientalismo. “O Labirinto da Solidão” (1950) e a renúncia ao cargo diplomático

*Música y pan, leche y vino, amor y sueño: gratis.
Gran abrazo mortal de los adversarios que se*

⁸⁰ MONSIVÁIS, Carlos. Op. cit., p. 30-36.

⁸¹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 76.

*aman: cada herida es una fuente. Los amigos afilan bien sus armas, listos para el diálogo final, el diálogo a muerte para toda la vida. (...) El hombre es el alimento del hombre. El saber no es distinto del soñar, el soñar del hacer. La poesía ha puesto fuego a todos los poemas. Se acabaron las palabras, se acabaron las imágenes. Abolida la distancia entre el hombre y la cosa, nombrar es crear; imaginar; nacer.*⁸²

No ano de 1940, o literato espanhol José Bergamín contactou (no México) vários escritores latino-americanos e espanhóis – entre eles, Octavio Paz, Juan Gil-Alberti, Xavier Villarrutia e Pablo Neruda – a fim de editar uma antologia da poesia moderna, cuja língua materna fosse espanhola. Essa antologia intitulada *Laurel* teve por principal objetivo demonstrar a uniformidade do poema moderno. No entanto, acabou por dar vazão a um desagradável conflito entre Octavio Paz e Pablo Neruda⁸³. Afinal, Neruda se recusou abruptamente a figurar na obra e Paz impôs-se diante dessa afronta, embora mantivesse boa relação com o poeta chileno desde a sua chegada ao México, quando passou a exercer o cargo de cônsul chileno⁸⁴.

Essa contenda entre Neruda e Paz refletiu uma discordância político-ideológica, pois o autor estudado se desencantava cada vez mais com Stalin e a URSS e Neruda, por sua vez, não dissimulava a simpatia para com eles⁸⁵. Após a discussão com o poeta chileno, a sua sensação de imobilidade intelectual progrediu profundamente. Para solucionar tal situação, ele abandonou o grupo no qual se relacionava, cujas ideias constituíam, em suma, da esquerda comunista, em busca de novas ideias e ambientes.

Mediante isso, em 1942, Octavio Paz se embrenhou em um novo grupo de intelectuais espanhóis exilados no México, cuja orientação se fazia anti-totalitária. Dentre os seus integrantes, encontravam-se Alicia Gerstel, Benjamin Péret, César Moro, Gustav Regler, Jean Malaquais (Vladimir Malacki), Julian Gorkín, Manuel Fernández Grandizo,

⁸² PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 99. [A prosa poética *Un poeta* foi dedicada a todos os poetas que passaram por situações semelhantes à de Octavio Paz (situações de ruptura) no fim da década de 1940. E também a dedicou aos amigos Claude Roy, Loleh Belon e Kostas Papaioannou]

⁸³ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 115.

⁸⁴ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 116-117.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 117.

Marceau Pivert, Paul Chevalier, Paul Rivet, Victor Alba, Victor Serge (V́ctor Kibalchich) e Vlady Serge (Vladimir Kibalchich).

Esse novo ambiente lhe garantiu acesso ao *Movimiento Socialismo y libertad*, cujos integrantes se reuniam a fim de (re)avaliar a política econômica tutelada, o imperialismo nazista, a desintegração do capitalismo liberal, a crise moral do movimento operário, a psicologia das massas e a degeneração da URSS⁸⁶. Contudo, o próprio autor afirma que “*aunque en la oposición y en la disidencia, psicológica y espiritualmente, seguían encarcelados en la escolástica marxista, su critica me abrió nuevas perspectivas*”⁸⁷.

Para o biógrafo Gallardo Muñoz, o novo grupo representou o rompimento do habitual isolamento intelectual de Octavio Paz⁸⁸. Ainda que se reunissem para discutir ideias de esquerda, constituíam a oposição dentro dela, na qual criticavam aquilo que estipulavam como dogma, doutrina, posturas hierárquicas, etc..

Conforme Gallardo,

Octavio Paz, que possuía de antemão suas dúvidas em relação ao sistema de liberdades, se convenceu então, pelas histórias pessoais de seus amigos (Serge, Gide e Malraux), de que as coisas não eram como pareciam, e que o marxismo, ao menos como o entendiam na URSS, não seria a panacéia do homem explorado pelo homem, do operariado dominado pelo capital e da esquerda sempre ansiosa de liberdade real. [...] Isso muito o aproximou de seus novos amigos, especialmente de Serge, que muito admirava quando ouvia discorrer sobre os seus conceitos de esquerda ideal e da dura realidade que contradizia essas ilusões, principalmente no que diz respeito à estirpe do anti-capitalismo e das liberdades por excelência.⁸⁹

Esse envolvimento com o novo grupo rompeu o isolamento de Octavio Paz, porém a imobilidade não havia desaparecido por completo. Exatamente para quebrá-la por

⁸⁶ ALBERTANI, Claudio. **Socialismo y libertad**. El exilio antiautoritario de Europa en México y la lucha contra el estalinismo (1940-1950). Fundación Andreu Nin. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/albertani7.htm>>. Acessado em 21/01/2010. p. 03. [O grupo do movimento *Socialismo y libertad* fundou a Revista *Mundo* em 1943. Os trotskistas mexicanos, por volta de 1943, faziam duras críticas ao movimento *Socialismo y Libertad*, pois o dizia imprudente em abandonar totalmente as idéias revolucionárias marxistas]

⁸⁷ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 77.

⁸⁸ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 118.

⁸⁹ Ibidem, p. 119.

inteiro, objetivou novamente mudar de ambiente. Tal objetivo somado ao pequeno prestígio do poemario *A la orilla del mundo*⁹⁰ (1942), encorajou-lhe a requisitar a bolsa de estudos Guggenheim, nos EUA.

No ano de 1944, nosso autor adquiriu a bolsa Guggenheim pela Universidade de Berkeley, cuja temática da pesquisa seria a cultura norte-americana e as suas mais variadas tendências literárias⁹¹. Mudou-se então para os EUA, onde permaneceu por um ano e pode conhecer a literatura de origem inglesa.

A produção desse ano foi fecunda, porém, as discussões de ideias se fizeram praticamente nula. Segundo o autor estudado, os norte-americanos praticamente não discutiam e/ou debatiam ideias⁹².

De tal modo, por recomendação de Victor Serge, fez-se leitor assíduo do *Partisan Review* e do *London Letter* de George Orwell. Esse mesmo escritor que por sua clareza e economia de linguagem, diferentemente dos marxistas e dissidentes, trouxe-lhe a necessária sobriedade intelectual.

A propósito dos intelectuais de sua época, afirma que:

*Había una falla, una secreta hendidura en la conciencia del intelectual moderno. Arrancados de la totalidad y de los antiguos absolutos religiosos, sentíamos nostalgia de totalidad y absoluto. Esto explica, quizá, el impulso que los llevó a convertirse al comunismo y a defenderlo. Fue una perversa parodia de la comunión religiosa. Sin embargo, ¿cómo explicar su silencio ante la mentira y el crimen? Baudelaire cantó a Satán y habló de la orgullosa conciencia en el mal. El suyo fue un mal metafísico, un vano simulacro de la libertad. En el caso de los intelectuales del siglo XX no hubo ni rebeldía ni soberbia: hubo abyección. Es duro decirlo pero hay que decirlo. (...) Muchos esperamos. Mientras tanto, asistí en San Francisco a la fundación de las Naciones Unidas y presencie las primeras escaramuzas entre las democracias occidentales y los soviéticos.*⁹³

⁹⁰ O poema *A la orilla del mundo* recupera as publicações, anteriores a 1942, de Paz.

⁹¹ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 119. [Segundo Gallardo, Paz estudou o modernismo anglo-americano.]

⁹² PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 70.

⁹³ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 78.

No ano de 1944, Octavio Paz realizou toda a sorte de leituras referentes ao modernismo anglo-americano e, por isso, viajou frequentemente de São Francisco a Nova Iorque. Contudo, em 1945, o setor administrativo de assistência internacional do governo mexicano – *Servicio de Exteriores Mexicano* – ofereceu-lhe um cargo diplomático, para exercê-lo nos EUA.

Octavio Paz incorporou-se ao *Servicio de Exteriores Mexicano* nos EUA e, em seguida, foi enviado ao setor administrativo francês. Na cidade de Paris, ele fixou residência por seis anos, tempo suficiente para se ambientar aos pulsantes (reverberantes) debates político-filosóficos⁹⁴.

Por intermédio desses mesmos debates, bem como do antigo conhecido Benjamin Péret, Paz conheceu os renomados André Breton e Albert Camus⁹⁵. A influência de ambos intelectuais direcionou as suas ideias às posições surrealistas e, mais acentuadamente, antimarxistas (pela influência mor de Camus). Desse modo, o autor relembra o período parisiense:

*Llegué a París en diciembre de 1945. En Francia los años de la segunda posguerra fueron de penuria pero de gran animación intelectual. Fue un periodo de gran riqueza, no tanto en el dominio de la literatura propiamente dicha, la poesía y la novela, como en el de las ideas y el ensayo. Yo seguía con ardor los debates filosóficos y políticos. Atmósfera encendida: pasión por las ideas, rigor intelectual y, asimismo, una maravillosa disponibilidad. Al poco tiempo encontré amigos afines a mis preocupaciones intelectuales y estéticas.*⁹⁶

Para o biógrafo Gallardo Muñoz, a época parisiense representou duas importantes melhorias, o reconhecimento literário e o financeiro⁹⁷. Esse momento se configurou repleto de experiências profícuas, dentre as quais conheceu os principais nomes do

⁹⁴ Ibidem, p. 79.

⁹⁵ **DOSSIER 1:** OCTAVIO PAZ. Op. cit., p. 12. [Segundo o obra, “a través del poeta surrealista Benjamin Péret conoció André Breton y entabló amistad con Albert Camus y también otros intelectuales europeos y hispanoamericanos del París de la posguerra]

⁹⁶ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 28. [Segundo Paz, “Mi vida dio otro salto al terminar 1945: dejé los Estados Unidos y viví en París los años de la posguerra. No encontré ni rastro de la revolución europea”.]

⁹⁷ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 126.

continente. Como exemplo, o poeta Luis Aragon – fundador da *Littérature* – e Paul Éluard, cujos poemas haviam circulado clandestinamente durante a guerra e constituíam corajosos protestos antinazistas.

No *milieu* francês, poder-se-ia encontrar outras personalidades do meio acadêmico, artístico, filosófico, literário e jornalístico, com quem o poeta também se relacionou. Como exemplo, André Malraux, Cornelius Castoriadis, François Mauriac, Jean Paulhan, Kostas Papaioannou, Raymond Aron, René Char e Jean-Paul Sartre. Esse último e seu grupo constituíam, na época, os mais prestigiados. Muito embora, Paz mantivesse certo distanciamento do seu pensamento, ainda que reconhecesse a sua devida importância filosófica.

No que se refere ao círculo intelectual parisiense, afirma que:

*No eran hombres de pensamiento sino poetas – y poetas de gran talento: Aragon y Éluard, dos viejos surrealistas –. El primero, además, escribía una prosa sinuosa y deslumbrante. Un temperamento serpentino. Malraux se había afiliado al gaullismo y había perdido influencia entre los intelectuales jóvenes, más y más inclinados hacia las posiciones de los comunistas. La mirada más clara y penetrante era la de Raymond Aron, poco leído entonces: su hora llegaría más tarde. Había otros solitarios; uno de ellos, aún muy joven, Albert Camus, reunía en su figura y en su prosa dos prestigios opuestos: la rebeldía y la sobriedad del clasicismo francés. Jean Paulhan, otro solitario y el católico Mauriac. Una roca en aquel océano de confusiones: el poeta René Char. También aislado, André Breton. Pero los más apreciados, leídos y festejados eran Sartre y su grupo.*⁹⁸

Nos relatos posteriores de *Itinerario*, o referido autor sustenta que a incompatibilidade de idéias com Jean-Paul Sartre far-se-ia uma consequência filosófica, poética e política. Incompatibilidade essa embasada, sobretudo, na própria tese sartriana, cuja premissa afirmaria a lírica poética como provável diluição da literatura, colocando-a então na esfera artística.

⁹⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 81-82.

Para Octavio Paz, o seu ávido interesse pelo pensamento de Ortega y Gasset seria outro motivo de incompatibilidade⁹⁹. Destarte, as ideias fundamentais do pensamento de Ortega y Gasset – para ele – haveriam de ter uma influência alemã direta e menos avassaladora, como se nota na filosofia *sartriana*¹⁰⁰. Ainda assim, ele admitiria que as ideias sartrianas elaboraram uma autêntica aplicação do método de Edmund Husserl e, porque não, uma inteligente adaptação do pensamento de Martin Heidegger¹⁰¹.

Como se pode ver no trecho:

*Desde el principio me sentí lejos de Sartre. Debo detenerme un instante en este punto porque su influencia fue muy grande en México y, así, contribuyó indirectamente a aislarnos, a mí y a otros con posiciones parecidas a las mías. Las primeras: al contrario de lo que ocurre con Heidegger, exegeta de Hölderlin y de Rilke, la poesía no tiene lugar en el sistema de Sartre. En su famoso ensayo sobre la literatura lo dice con claridad: la poesía diluye los significados, los vuelve equívocos y, en suma, está a medio camino entre la letra y la cosa, es arte pero no es literatura. (...) Lo mejor y más vivo de su obra pertenecen al ensayo literario, no a la filosofía. Mis reservas frente a Sartre fueron más de orden político que intelectual o literario. Su especiosa casuística política, más que sus pesadas novelas y sus ambiciosos tratados filosóficos, provocaron mi repulsa.*¹⁰²

Os ensaios políticos, as peças de teatro e as obras literárias de Jean-Paul Sartre, para Octavio Paz, alicerçavam-se em uma ideia que haveria de ser o grande erro do século XX: a presunçosa *lógica da história*¹⁰³. Tal lógica, então, estabelecer-se-ia “*como una instancia moral superior, independiente de la voluntad y de las intenciones de los hombres*”¹⁰⁴.

Segundo o poeta estudado, a *lógica da história* juntamente à revolução, à dialética e às leis de desenvolvimento social, far-se-iam entidades (onipresentes e onipotentes) que

⁹⁹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 82.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 82-83 [Assim, sem almejar a realização de grandes tratados científicos, como se vê no ideário de Sartre]

¹⁰¹ Ibidem, p.84. [Reconhecendo, portanto, a sua importância.]

¹⁰² Ibidem, p. 83-84.

¹⁰³ Ibidem, p.84.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 84.

apenas se substituiriam conforme o autor. Ao partir desse pressuposto, a metragem para os atos históricos, por exemplo, seria a relação – proximidade ou distanciamento – com tais entidades, a História e/ou a Revolução¹⁰⁵.

Esse pensamento sartriano em comparação ao surreal de André Breton e Albert Camus firmar-se-ia justamente em direção contrária, tendo em vista a execração das filosofias de idéia moral (honra, ética, entre outros).

O pensamento surrealista, enquanto movimento artístico-literário, abrolhado na atmosfera vintista parisiense, haveria de firmar seus princípios em uma crença de *realidade superior*, realidade essa atingida exclusivamente por intermédio da agregação de elementos desconexos. Tal movimento em razão da forte influência de Sigmund Freud, no que diz respeito à teoria psicanalítica, buscou delinear a função do inconsciente durante o ato criativo¹⁰⁶.

Octavio Paz – simpatizante declarado desse movimento – afirmava que o surrealismo francês lhe encantava pelo discurso legítimo¹⁰⁷. Ao mesmo autor, André Breton haveria buscado na fundação desse movimento uma via revolucionária que o encaixasse, com relação à identificação e ao reconhecimento, na história e na sociedade.

Após conhecer André Breton, Octavio Paz seria apresentado ao renomado escritor Albert Camus. Por essa época, Camus havia redescoberto a tradição libertária e anarquista; e Paz, diante dessa experiência francesa também as recobrou; como quando estudante de *San Ildefonso* e colega de José Bosch. Contudo, nosso autor admitiria posteriormente (em *Itinerario*) que as reflexões de Camus lhe revelariam imaturidade, redundância e certa abrangência temática que fariam delas inviáveis. Pode-se afirmar que, segundo ele, Camus não era um bom filósofo, mas escritor nato, artista admirável e apaixonado pela forma¹⁰⁸.

No que diz respeito à Breton e à Camus, o poeta afirma que:

¹⁰⁵ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 84. [Acrescenta que, “*hoy añadiría: la medida consiste en aceptar la relatividad de los valores y de los actos políticos e históricos, a condición de insertar esa relatividad en una visión de la totalidad del destino humano sobre la tierra*”]

¹⁰⁶ Ibidem, p. 87.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 87.

¹⁰⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 89. [E complementa: “*no le debo a Camus ideas acerca de la política o la historia (...) sus reflexiones sobre la revuelta son penetrantes pero son un comienzo: no desarrolló totalmente su intuición*”].]

*Breton o la rebeldía; Camus o la Revuelta. Como individuo, me siento más cerca de la primera; como hombre social, de la segunda. Mi ideal, inalcanzable, ha sido ser un semejante entre mis semejantes. El rebelde es casi siempre un solitario; su arquetipo es Lucifer, cuyo pecado fue preferirse a sí mismo. La revuelta es colectiva y sus seres son los hombres del común. Pero la revuelta, como las tormentas de verano, se disipa pronto: el mismo exceso de su furia justiciera la hace estallar y disolverse en el aire. En las páginas finales de L'Homme révolté, Camus hace una defensa de la medida. En un mundo como el nuestro, que ha hecho de la desmesura su regla y su ideal, atreverse a proponer la medida como una respuesta a nuestros males reveló una gran independencia de espíritu. El acierto mayor fue unir la medida a la revuelta: la medida da forma a la revuelta, la informa y le da permanencia. Para Camus, la salud moral y política estaba en el regreso a las fuentes mediterráneas de nuestra civilización, que él llamó el pensamiento del mediodía. La expresión y la idea me impresionaron tanto que cuando leí el libro, escribí unas líneas.*¹⁰⁹

Por volta de 1946, Octavio Paz também conheceria no círculo intelectual parisiense os marxistas Kostas Papaioannou e Cornelius Castoriadis¹¹⁰. A afinidade entre Paz e os dois pensadores gregos se resumiria a reflexões e problematizações sócio-políticas, respaldadas por duras críticas à ideologia comunista.

Em *Itinerario*, o autor ainda recorda que se deixou envolver pela bem elaborada retórica socrática de Papaioannou e que, inclusive, muito se influenciara pelas suas reflexões¹¹¹. Como exemplo, a influência da aceção de que a lógica trotskista delinear-se-ia vazia ao definir a URSS como Estado operário degenerado¹¹². Ao pensador grego, a URSS não chegou a possuir operários no poder e a própria classe operária padecia de mínimas liberdades. No caso de Castoriadis, ele (o autor estudado) afirma que, dentre as inúmeras afinidades, as mais profundas reservar-se-iam ao campo artístico, filosófico e literário¹¹³.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 89-90.

¹¹⁰ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 128.

¹¹¹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 93.

¹¹² Ibidem, p. 93.

¹¹³ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 94.

No ano de 1947, foram produzidas várias obras de caráter acadêmico, literário e autobiográfico, que tinham por preocupação maior a análise e o relato dos campos de concentração nazista. Nesse período, Octavio Paz se encantou pelo *L'univers concentrationnaire* do ativista político e escritor David Rousset, um sobrevivente do campo de concentração, cuja obra os equiparou a laboratórios de desumanização¹¹⁴.

Ainda em 1947, David Rousset escreveu um polêmico artigo ao jornal *Le Figaro*, no qual afirmava que lhe haviam informado sobre a existência de campos de concentração soviéticos¹¹⁵. Essa notícia produziria grande comoção no meio intelectual da esquerda comunista europeia e que, por sua vez, chegou a exigir uma retratação pública de Rousset, dizendo-o falsário.

Iniciou-se, portanto, um fervoroso debate político em cima do artigo, no qual participou o próprio David Rousset, Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, entre outros. Essa querela europeia, nem sequer atingiu o *milieu* intelectual latino-americano. Para tal aproximação, Paz recortou os artigos referentes ao debate iniciado por Rousset e redigiu uma nota introdutória a eles, com o auxílio dos renomados José Bianco e Victoria Ocampo. Em seguida, os publicou na *Revista Sur* (Argentina).

Indiscutivelmente, segundo o autor, abrir-se-ia uma ruptura:

Sentí una surte de liberación y esperé los comentarios. Hubo pocos: recibí, como dice la antigua expresión, la llamada por respuesta. O a la mexicana: "me ningunearon". Supe después que los comentarios hablados habían sido duros y despectivos. En México, antes, había sido visto con sospecha y recelo; desde entonces, la desconfianza empezó a transformarse en enemistad más y más abierta e intensa. (...) Pero escribía como compensación o por desquite. La escritura me abrió espacios inexplorados. En breves textos en prosa - ¿poemas o explosiones? - traté de penetrar en mí mismo. Me embarcaba en cada

¹¹⁴ Ibidem, p. 93-94. [David Rousset analisou os mecanismos políticos e psicológicos dos campos de Hitler e, então, descreveu a estrutura social desses campos. De forma perturbadora, trouxe uma inovadora reflexão, na qual os campos reelaboraram a sociedade, como um espelho invertido da ocidental. Segundo Paz: "liberado y regreso a París, Rousset había formado parte, con Jean-Paul Sartre y otras personalidades, de la dirección de una organización socialista revolucionaria de vida efímera. Era también dirigente de una agrupación de ex prisioneros de los campos nazis"]

¹¹⁵ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 128.

*palabra como en una cáscara de nuez. Uno de esos textos recoge, con cierta fidelidad, mi estado de ánimo, se llama **Un poeta**.*¹¹⁶

A partir dessa ruptura e de mais uma polêmica¹¹⁷, Octavio Paz – nos meados de 1949 – passou a redigir uma série de poemas, cuja lírica abordaria as suas mais latentes inquietações¹¹⁸. Inquietações essas que abrangeriam diferentes temáticas, como a ambicionada independência intelectual¹¹⁹, a história da poesia moderna mexicana, o embate sócio-cultural do erotismo *versus* a religiosidade e o (falso) moralismo¹²⁰.

Dentre 1949 e 1959, Paz publicou seis obras poéticas, cujos títulos constituem respectivamente: *Libertad bajo la palabra* (1949), *¿Águila o Sol?* (1951), *Semillas para un hino* (1954), *Piedra de Sol* (1957), *La estación violenta* (1958) e *Salamandra* (1958). De acordo com o próprio autor, naquele momento a sua poética firmar-se-ia como instrumento de expressão, cuja atividade lhe aproximou da formulação de um projeto utópico independente¹²¹.

Para Carlos Monsiváis, nesse discurso poético do autor,

Tudo é deslumbrante: a luz em demasia, a inter-relação da história e da sensualidade, o uso da metáfora como relâmpago visual, as alegorias enumeradas, o tempo que se vai como as águas e se petrifica, supro pré-hispânico (em “*Semillas para un hino*”) como galeria de imagens subterrâneas que prontamente, ao fechar os olhos, experimenta e modifica sua perspectiva, a sua salamandra (1958) é resultado da visão oposta e o sentimento utópico o neutraliza ao gosto quase abstrato da poesia.¹²²

¹¹⁶ PAZ, Octavio. *Op. cit.*, 2003a, p. 98-99.

¹¹⁷ Nesse caso, a polêmica seria a publicação na *Revista Sur*.

¹¹⁸ GALLARDO, Juan Muñoz. *Op. cit.* P. 128. [Para Gallardo Muñoz, a alta produção poética e ensaística de Octavio Paz revela uma inspiração riquíssima e enorme capacidade de trabalho, posto que para publicá-la não deixou de cumprir com qualquer das outras funções que exerceu]

¹¹⁹ Ao longo de sua trajetória, Octavio Paz buscou a independência intelectual. Independência essa, que revelou forte influência existencialista.

¹²⁰ Compreende-se por moralismo um termo que abarca a defesa da primazia exclusiva da moral.

¹²¹ PAZ, Octavio. *Op. cit.*, 2003a, p. 99.

¹²² **DOSSIER 2: OCTAVIO PAZ.** Argentina: Ediciones del Sur, 2004. Disponível em: <<http://www.edicionesdelsur.com/>>. Acessado em: Setembro de 2007. p. 20.

No fim da década de 1940, Octavio Paz aventurou-se na composição de mais uma obra, porém de distinto gênero literário¹²³. Essa obra seria o renomado ensaio crítico intitulado *El laberinto de la soledad* (1950). Após *El laberinto de la soledad*, também redigiu *El Arco y La Lira* (1956), *Las peras del Olmo* (1957) e reeditou *El laberinto de la soledad* (1959).

Os ensaios críticos haveriam de abordar, em suma, o ser mexicano, a situação emergencial da escrita da história mexicana e a ideia de modernidade (latino-americana e mexicana)¹²⁴. Com a retórica ensaístico-crítica, nosso autor almejou a instrumentalização de sua melhor inserção nos debates sócio-políticos e culturais mexicanos, quiçá, latino-americanos¹²⁵.

No caso de Octavio Paz, a retórica utilizada evidencia a tradição liberal. Isso se dá mediante a convocação nela daquilo que define como “liberalismo genuíno”. Para sustentá-la, defendia a autonomia individual, a democracia e o poder equilibrado. Opondo-se então ao despotismo, às ideologias totalitárias, à ideia de progresso, ao individualismo materialista e ao mercado; esse último definido como pesadelo circular. Conforme o próprio autor, o sistema capitalista e a globalização haveriam anulado os valores que, em primeira instância, fundaram o liberalismo¹²⁶; por isso, tornar-se-ia primordial a busca pelo retorno às idéias clássicas do liberalismo.

Conforme o cientista político Yvon Grenier:

Na verdade, a liberdade é o centro da visão de mundo de Paz e, particularmente, da sua teoria de arte. Liberdade é concebida como uma possibilidade de se negar, de mudar a idéia de alguém, de improvisar e de rejeitar normas estabelecidas. Liberdade e igualmente o liberalismo, para

¹²³ Fala-se em diferente gênero literário, no que diz respeito àquele que estava acostumado a publicar; a lírica poética.

¹²⁴ RODRÍGUEZ, Xavier Ledesma. **El concepto de modernidad en Octavio Paz**. Colima: Revista de Estudios sobre la cultura contemporánea. Año/Vol. V, n° 10, ano 2000, p. 127-142. Disponível em: <www.redalyc.org>. Acessado em: fevereiro de 2008. [Conforme o sociólogo Xavier Rodríguez Ledesma, Octavio Paz reflete a modernidade nesse período a partir da postura distante do mexicano em relação ao moderno. Segundo Rodríguez, ao autor as principais diferenças entre os norte-americanos e os mexicanos não se detém somente à esfera do desenvolvimento econômico, mas também à conformação histórica]

¹²⁵ O ensaio crítico literário, nessa época, se fazia praticamente uma tradição intelectual latino-americana.

¹²⁶ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 129.

Paz, antecede e estende a ideologia política do pioneiro liberalismo escocês do iluminismo. Para Paz, Cervantes, o inventor da novela moderna, é o mais poderoso advogado do pensamento crítico. Dessa defesa da liberdade procede a sua rejeição do absolutismo e centralismo e, assim sendo, a sua crença numa democracia pluralista. De fato, Paz aprecia a virtude do liberalismo político e da democracia pluralista, mas não parece se importar com qualquer condição social, econômica e histórica, que provavelmente fez da criação dessas virtudes viáveis.¹²⁷

No renomado ensaio *El Laberinto de la Soledad*, por sua vez, Octavio Paz almejou a análise da formação sócio-cultural mexicana. Essa temática por si só denota a forte influência de Samuel Ramos no ensaio clássico *El perfil del hombre y la cultura en México* (1934), que lhe concede alicerce à ânsia em se traçar uma identidade mexicana. Pode-se afirmar também que o ensaio se mostrou influenciado por conceitos freudianos, no que diz respeito à análise das questões culturais e dos conflitos humanos.

A partir do primeiro ensaio crítico do autor, em 1950, tornou-se reconhecido como um literato abster-se de dogmatismos, bem como empenhado no traço do *ofício do escritor*. Logo depois, em 1951, o *Servicio de Exteriores Mexicano* designou ao poeta que cumprisse novas funções diplomáticas na Índia e no Japão. Na cidade de Nova Déli, Paz residiu por quase um ano. Já em Tóquio, ele permaneceu por pouco mais de um ano. Após a viagem profissional, conseguiu ainda passar mais seis meses viajando pela Europa, principalmente pela Itália e pela Suíça¹²⁸.

Esse contato com o asceticismo oriental e hindu lhe trouxe novas formas de refletir e expressar a sensibilidade, significadas em muitas das suas obras como os sentimentos mais profundos do homem¹²⁹. Tal experiência o levou a uma nova fase de introspecção,

¹²⁷ GRENIER, Y. **Political Modernity Revisited: The Skeptical Liberalism of Octavio Paz**. In: LASA. University of St. Francis Xavier: Canada. Year 1997, p. 06. [Notam-se três fortes influências: Benjamin Constant, no que diz respeito à liberdade civil e política de participação do indivíduo; Alexis de Tocqueville, no que se refere às possíveis ameaças das sociedades democráticas capitalistas, como a massificação, o consumismo e a conformidade, nivelando a sociedade ao seu menor denominador comum; e Charles de Montesquieu, no que diz respeito aos problemas da democracia, como a corrupção, a demagogia e as burocracias políticas, principalmente na viabilidade do exercício da democracia em países de grande extensão]

¹²⁸ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 129.

¹²⁹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 129. [Enfim, as novas formas de pensar foram levadas pelo autor ao discurso poético e ensaístico. Ao partir desse pressuposto, torna-se importante afirmar que, mediante essas experiências, Octavio Paz propôs um diálogo entre Ocidente e Oriente.]

semelhante àquela de 1937, após a morte de seu pai; por isso, em 1953, decidiu retornar ao país em recolhimento, depois de tantas experiências, idéias e leituras¹³⁰.

Ao retornar ao país, Octavio Paz recebeu uma bolsa de estudos de *El Colegio de México* a fim de que escrevesse um ensaio sobre a revelação criadora da poesia, a instrumentalização da criatividade e a fundamentação da escrita poética. Diante disso, o autor se dedicou unicamente à realização desse trabalho que, em 1956, seria intitulado *El arco y la lira*.

Em sua prosa poética, *El arco y la lira* procurou abarcar um leque imenso de questionamentos e, para seu desfecho, realizou uma lúcida relação entre a poesia e a sua época¹³¹. Sobretudo, revelou-se um traçado rigoroso das questões que envolvem a poesia e o fazer poético.

Nesse ensaio, a poesia é concebida como:

*(...) Conocimiento, salvación, poder, abandono. Operación capaz de cambiar al mundo, la actividad poética es revolucionaria por naturaleza; ejercicio espiritual, es un método de liberación interior. La poesía revela ese mundo; crea otro. Paz de los elegidos; alimento maldito. Aísla; une. Invitación al viaje; regreso a la tierra natal. Inspiración, respiración, ejercicio muscular. Plegaria al vacío, diálogo con la ausencia: el tedio, la angustia y la desesperación la alimentan. Oración, letanía, epifanía, presencia. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimación, compensación, condensación del inconsciente. Expresión histórica de razas, naciones, clases. La poesía romántica no es solo una filosofía universal progresista. Su fin no consiste en reunir solo todas las diversas formas de poesía y restablecer la comunicación entre filosofía, poesía y retórica. También debe mezclar y fundir poesía y prosa, inspiración y crítica, poesía natural y poesía artificial.*¹³²

¹³⁰ Ibidem, p. 130. [Octavio Paz chegou a cumprir um estudo no Japão sobre as três fases da literatura japonesa.]

¹³¹ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 130. [Nesta etapa do trabalho, não se objetiva a realização de uma análise literária, além do grande número de produção do autor, ou seja, a grande quantidade de livros publicados, não se resume ao objetivo do capítulo. Por isso, estrutura-se uma breve análise das principais obras, para que nessa breve descrição, como em O Labirinto da Solidão e O Arco e a Lira, compreenda-se o delineamento do itinerário temático do autor]

¹³² PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. 5º Reimpresión. México: Fondo de Cultura Económica, 1983. p.238-239. [De acordo com Carlos Monsiváis, essa mesma obra “realiza também uma reflexão em que a liberdade e a responsabilidade pessoal desfazem a moral do autoritarismo ou do castigo”]

Ainda em 1953, Octavio Paz auxiliou a *Revista Mexicana de Literatura* e a *El corno emplumado*. Um pouco mais tarde, participou da fundação do grupo teatral *Poesía en voz alta*. Esse mesmo grupo teve por integrantes Elena Garro, Leonora Carrington, Juan Soriano e Juan José Arreola¹³³. Como incentivo, em 1956, ele redigiu ao grupo a sua primeira peça teatral nomeada *La hija de Rapaccini*, mais uma inovação em sua carreira e que, posteriormente, lhe renderia o Prêmio Xavier Villarrutia. Quando encenada pelo grupo, a peça se revelou um verdadeiro fiasco e, até mesmo, resultou na separação matrimonial entre Elena Garro e Octavio Paz¹³⁴.

Nos meados de 1957, o *Servicio de Exteriores Mexicano* chamou-o novamente para cumprir o cargo de diretor de organismos internacionais¹³⁵. Juntamente às funções diplomáticas, ele escreveu e publicou os seus poemas; ao autor, uma tarefa, não excluía a outra. Muito pelo contrário, os próximos anos (década de 1960) haveriam de ser de grande produtividade literária¹³⁶.

Segundo o biógrafo Gallardo Muñoz,

Como se vê, os últimos anos da década de 1950 foram anos de intenso trabalho literário, coincidindo com o fracasso de sua experiência teatral e o final amargo de seu matrimônio com Elena Garro. No entanto, por esses anos a inspiração poética pareceu renovar o seu ímpeto com a formulação de incontáveis grandes poemas.¹³⁷

Ao longo de 1960, o referido autor publicou sete obras poéticas, cujos títulos correspondem a *Libertad bajo la palabra: obra poética 1935-1957* (1960), a *Salamandra (1958-1961)* (1962), a *Viento entero* (1965), a *Blanco* (1967), a *Discos visuales* (1968), a *Ladera Este (1962-1968)* (1969) e a *La centena (1935-1968)* (1969).

¹³³ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 131.

¹³⁴ Ibidem., p. 132.

¹³⁵ Ibidem., p. 132.

¹³⁶ Como se viu acima, na década de 1950, Octavio Paz publicou *El laberinto de la soledad* (1950), *El Arco y La Lira* (1956), *Las peras del Olmo* (1957) e reeditou *El laberinto de la soledad* (1959). Da mesma forma, os poemas *Libertad bajo la palabra* (1949), *¿Águila o Sol?* (1951), *Semillas para un hino* (1954), *Piedra de Sol* (1957), *La estación violenta* (1958) e *Salamandra* (1958).

¹³⁷ Ibidem., p. 133.

Na mesma década, o poeta publicou oito ensaios literários, cujos títulos são respectivamente *Cuadrivio* (1965), *Los signos en rotación* (1965), *Puertas al campo* (1966), *Claude Lévi-Strauss o el nuevo festín de Esopo*¹³⁸ (1967), *Corriente alterna* (1967), *Marcel Duchamp o el castillo de la pureza* (1968), *Conjunciones y disyunciones* (1969) e *México: la última década* (1969).

Essas obras poéticas e ensaísticas abordavam (ainda), em um âmbito geral, o delineamento da almejada independência intelectual, do modernismo literário, do pretendido diálogo entre Ocidente e Oriente, do projeto moderno mexicano, do procedimento autoritário do Estado e da situação emergencial da escrita da História¹³⁹.

No ano de 1960, o *Servicio de Exteriores Mexicano* designou que ele retornasse à França. Por essa razão, Octavio Paz regressou a Paris¹⁴⁰ e, logo depois, em 1962, haveria de ser nomeado embaixador do México na Índia.

Dentre 1962 e 1965, o autor publicou somente – devido ao pouco tempo – *Libertad bajo la palabra: obra poética 1935-1957* (1960), *Salamandra (1958-1961)* (1962) e *Viento entero* (1965), cujas premissas constituíam praticamente uma releitura de poemas e ensaios já publicados.

Conforme o próprio autor, em *Itinerario*, nesse momento:

*Escribir se volvió una ceremonia contradictoria, hecha de entusiasmo y de rabia, simpatía y angustia. Al escribir me vengaba de México; un instante después, mi escritura se volvía contra mí y México se vengaba de mí. Nudo inextricable, hecho de pasión y de lucidez: odio et amo.*¹⁴¹

¹³⁸ PAZ, Octavio. **Claude-Lévi Strauss ou o novo festim de esopo**. 2º Ed. México: Editora Perspectiva, 1977. p. 08 [A obra seria o resultado das impressões obtidas por Octavio Paz, após a leitura de *Tristes tropiques*, *Anthropologie structurale*, *La pensée sauvage*, *Le totémisme aujourd'hui* e *Le cru et le cuit*. Segundo Paz, na obra: “Os escritos de Lévi-Strauss têm uma importância tríplice: antropológica, filosófica e estética. Sobre o primeiro mal é necessário dizer que os especialistas consideram fundamentais seus trabalhos sobre o parentesco, os mitos e o pensamento selvagem. A etnografia e a etnologia americanas lhe devem estudos notáveis; além disso, em quase todas as suas obras há muitas observações dispersas sobre problemas da pré-história e da história do nosso continente: a antiguidade do homem no Novo Mundo, as relações entre a Ásia e a América, a arte, a cozinha, os mitos indo-americanos...”]

¹³⁹ Para tratar do tema, Octavio Paz se volta ao *ethos antropológico* da modernidade tal como descrito na obra de Marshall Berman. Nesse momento, o autor afirma que a história mexicana deveria recobrar a consciência, daí a necessidade de sua releitura (pensá-la e reescrevê-la).

¹⁴⁰ Em 1959, ele conheceu Maria-Jose Tramini, com quem se casaria, em 1964.

¹⁴¹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 104.

A partir de 1966, Octavio Paz haveria de retomar a costumeira produtividade intensa. Nos ensaios publicados, nota-se o crisol de interesses voltados à arte pré-colombiana, à poesia experimental, à cultura asiático-oriental, à modernidade mexicana e ao Estado contemporâneo. Dentre os ensaios, encontram-se *Blanco* (1967), *Discos visuales* (1968) e *Ladera este* (1969), que versam sobre a predominância da filosofia oriental em seu próprio trabalho.

Para Maria Ivonete Santos Silva, a influência oriental no trabalho do poeta seria visível, tal como afirma:

A visível incorporação da arte e da literatura orientais à poesia de Paz encontra em *Ladera este* a realização prática do mundo das analogias, da presença do esotérico e do erótico, da negação do tempo como discurso, da exaltação do instante e da negação das dicotomias. Tudo isso funde na idéia do poema como um corpo.¹⁴²

Em *Itinerario*, nosso autor relata posteriormente as impressões da Índia durante os seis anos. Como se vê no excerto:

*La India no es realmente una nación sino un conglomerado de pueblos, lenguas, culturas y religiones, todos unidos en un sistema democrático de gobierno heredado de la administración inglesa. La India es uno de los pocos países que logró la Independencia sin caer en la dictadura. El nacionalismo es una idea, como la democracia, que no aparece en la historia de la India ni en su tradición cultural: es un concepto adoptado por la elite de cultura inglesa. No es propiamente una doctrina sino un conjunto de vagos principios y sentimientos destinados a unir, de arriba para abajo, a los distintos pueblos que forman la república. Lo que une espontáneamente, de abajo para arriba, a las diversas comunidades es el sentimiento religioso, incluidas en este último las castas, que son primordialmente categorías religiosas.*¹⁴³

¹⁴² SILVA, Maria Ivonete Santos. Op. cit., 2006a, p. 19.

¹⁴³ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 105.

O fim da década de 1960 correspondeu a um momento significativo do contexto político-cultural mexicano, bem como da carreira do autor aqui estudado. No período, a polícia militar havia esbanjado agressões à mando do presidente Gustavo Díaz Ordaz Bolaños (1964-1970). No mês de setembro, por exemplo, a polícia ocupou o campus da UNAM na Cidade de México, agredindo e aprisionando inúmeros universitários em resposta às manifestações que realizaram. No dia 02 de Outubro de 1968, universitários e trabalhadores foram agredidos e mortos em praça pública sob comando de Díaz Ordaz. Sendo assim, Octavio Paz renunciou ao cargo diplomático que exercia na Índia, já havia seis anos, em sinal de protesto.

O biógrafo Gallardo Muñoz descreve esse chocante episódio como sendo um momento de tão grande repressão militar, que levou todo o país a se convulsionar social e politicamente¹⁴⁴. Por essa mesma razão, o autor recusou retornar ao país, porquanto Díaz Ordaz se mantivesse no poder¹⁴⁵.

No final de 1969, Octavio Paz foi convidado para ministrar uma disciplina especializada no pensamento de Simón Bolívar na Universidade de Harvard (*Churchill College*)¹⁴⁶. Esse reconhecimento garantiu outros novos convites de Universidades tanto europeias, quanto norte-americanas. Destarte, ele lecionou nas Universidades do Texas, de Pittsburgh e da Pensylvania. Logo depois, foi convidado a lecionar uma disciplina sobre o escritor T. S. Eliot em *Charles Eliot Norton* e, em seguida, ministrou uma disciplina sobre literatura hispano-americana e, até mesmo, outra sobre teoria literária em *Cambridge University*.

Ao longo de 1970, o referido autor compôs três ensaios, dentre os quais *Posdata* (1971)¹⁴⁷ far-se-ia o mais reconhecido, principalmente pelo enlace da análise crítica ao massacre de 1968, análise essa escancaradamente firmada nos escritos *Olimpiada y Tlatelolco* e *Crítica de la pirámide*.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 140.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 140.

¹⁴⁶ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 140.

¹⁴⁷ O ensaio *Posdata* (1970) – conferência transformada em um ensaio –, no segundo aniversário do massacre de Tlatelolco, apontou o caráter universal da rebelião, sem omitir as peculiaridades da experiência mexicana. *Posdata* consistiu em uma crítica ao Estado autoritário, que suscitou análises profundas do contexto sócio-político mexicano e, também, latino-americano, transparecendo um sólido antiestatismo.

Em suma, Octavio Paz retornou ao México somente com a nomeação de Luís Echeverría Alvarez. Naquele momento, muitos de seus adversários políticos chamavam-no conservador e direitista e, em verdade, o autor buscava somente firmar uma postura independente no âmbito intelectual, sem aliar-se a algo (ideologias, partidos políticos, etc.) de forma definitiva.

1.3. Crítica, existencialismo e mudança política

*Todos hemos sido,
el gran teatro del inmundito,
jueces, verdugos, víctimas, testigos,
todos,
hemos levantado falso testimonio
contra los otros
y contra nosotros mismos.
Y los más vil: fuimos.
el público que aplaude o bosteza en su butaca.*¹⁴⁸

No início da década de 1970, já havia iniciado o mandato de Luís Echeverría Alvarez (1970-1976); no entanto, Octavio Paz retornou ao México apenas no final de 1972, pois receava qualquer represália à sua volta¹⁴⁹.

Em seguida, o referido autor auxiliou na fundação da renomada revista literária mexicana *Plural* (1972-1976). Essa revista contou com a colaboração de importantes intelectuais mexicanos, como Carlos Monsiváis, Daniel Cosío Villegas, Elena Poniatowska e Enrique Krauze; e manteve-se também agregada durante quatro anos ao *Jornal Excelsior*, cujo diretor-chefe era Julio Scherer.

¹⁴⁸ PAZ, Octavio. The collected poems of Octavio Paz, 1957-1987. 10^o ed. México: edited by Eliot Weinberger, 1983. <<http://www.palabravirtual.com/>>. Acessado em 12 de Fevereiro de 2010. [Fragmento do poema de Octavio Paz *Nocturnos de San Ildefonso* parte do livro *Vuelta*. Esse poema é aqui colocado, pois se faz exemplo do que constituiu toda a obra do autor; um acesso ao passado e ao presente – um retorno às tradições. Esse trecho recortado faz referência aos acontecimentos de 1968. Nele, Octavio Paz denuncia a todos como testemunhas, vítimas, juízes e cruéis dos acontecimentos do “inmundo” (repugnante, sujo ou mundano, em espanhol, mas um joguete de linguagem in-mundo; não-mundo), assistindo aos acontecimentos do seu sofá, passivo e negligente]

¹⁴⁹ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 140.

O conteúdo da revista *Plural* abarcou as preocupações da vida política cultural mexicana, incluso toda a sorte de assuntos públicos¹⁵⁰. Por essa razão, o governo de Echeverría acusou frequentemente o jornal *Excelsior* de apoiar as posturas antidemocráticas – e que, possivelmente, objetivavam um motim contra o Estado¹⁵¹ – dessa revista literária. Tais acusações tornar-se-iam constantes intervenções que, por fim, haveriam de resultar na demissão de Julio Scherer. Mediante isso, nosso autor e os demais colaboradores fecharam-na (a revista) em protesto à demissão de Scherer.

Em dezembro de 1976, Octavio Paz e esses mesmos colaboradores fundaram uma nova revista literária, com os mesmos conteúdos e tendências, sob o título de *Vuelta* (1976-1998). Essa nova revista possuiu longos anos de publicação, perdurando por mais de vinte anos.

Em *Itinerario*, o próprio autor recorda o momento e afirma que:

En 1976, con poco dinero y mucho entusiasmo, varios amigos y yo fundamos otra revista, Vuelta, que sigue saliendo. Concebimos la Plural e después la Vuelta como revistas primordialmente literarias y artísticas pero abiertas al aire del tiempo, atentas a los problemas y temas de la vida y la cultura de nuestros días, sin excluir a los asuntos públicos. En materia política, nuestra crítica se desplegó en varias direcciones: el sistema político mexicano, fundado en un excesivo presidencialismo y en la hegemonía de un partido hechura del Estado; el sistema totalitario soviético con sus satélites y el chino con los suyos; las dictaduras, especialmente las de América Latina; la política de las democracias liberales de Occidente, en particular la de los Estados Unidos. Sobre todo, la crítica de las democracias capitalistas: nunca las he visto como un modelo. Sin embargo, mis adversarios no han dejado de llamarme “derechista” y “conservador”. No sé cuál pueda ser hoy el significado, si alguno tiene, de esos anticuados adjetivos; en cambio, no es difícil adivinar la razón de sus dicerios: desde 1950 me negué a equiparar a las democracias liberales capitalistas con los regímenes totalitarios comunistas.¹⁵²

¹⁵⁰ Ibidem, p. 141.

¹⁵¹ Ibidem, p. 141.

¹⁵² PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 110-111.

No que diz respeito à orientação crítica de ambas as revistas literárias, Paz afirma que:

*Sin cerrar los ojos ante sus fallas terribles, las sociedades democráticas de Occidente poseen instituciones libres. El mismo puede decirse, con salvedades conocidas, de las imperfectas democracias de otros sitios, sin excluir al peculiar régimen de México (en vía de desaparición). Debemos defender esas instituciones y defender los gérmenes de libertad que contienen, no anularlos. Ésta fue la orientación de **Plural** y hoy es la de **Vuelta**. La crítica del sistema mexicano fue difícil pero no provocó las polémicas, los denuestos y las injurias con que se contestó a nuestra denuncia del totalitarismo soviético. No es extraño: muchos intelectuales mexicanos, desde hace más de medio siglo, han padecido una intoxicación ideológica.¹⁵³*

No decorrer da década de 1970, o referido autor publicou sete obras poéticas, cujos títulos correspondem a *Topoemas* (1970), a *Renga* (1972), a *El mono gramático* (1974), a *Pasado en claro* (1975), a *Vuelta* (1976), a *Hijos del aire* (1979) e a *Poemas (1935-1975)* (1979).

Na mesma década, o autor estudado publicou treze ensaios críticos, cujos títulos são respectivamente *Posdata* (1970), *Las cosas en su sitio: sobre la literatura española del siglo XX* (1971), *Traducción: literatura y literalidad* (1971), *El signo y el garabato* (1973), *Solo a dos voces* (1973), *Teatro de signos/Transparencias* (1974), *Versiones y diversiones* (1974), *La búsqueda del comienzo* (1974), *Los hijos del limo: del romanticismo a la vanguardia* (1974), *Xavier Villaurrutia en persona y en obra* (1978), *El ogro filantrópico: historia y política (1971-1978)* (1979), *In/mediaciones* (1979) e *México en la obra de Octavio Paz* (1979)¹⁵⁴.

¹⁵³ Ibidem, p. 110.

¹⁵⁴ Entre 1970 a 1990, a produção poética e ensaística de Octavio Paz é imensa, ao todo, são vinte e sete ensaios, onze obras poéticas, duas prosas poéticas, uma peça teatral e uma tradução, contendo – todos – amplo foco analítico que abarca, em um quadro geral, debates filosóficos, históricos, políticos, literários, antropológicos, artísticos, entre outros. Não obstante, as obras datadas de 1970 a 1990 refletem a poesia experimental, a cultura asiático-oriental, a arte mesoamericana, os modelos de desenvolvimento, a modernidade latino-americana, os respectivos projetos de modernização, o Estado contemporâneo, a democracia plural e a política mexicana.

Essas obras poéticas e ensaísticas garantiram ao autor uma série de prêmios, como o Prêmio de Poesia de Flandres (1972), o Prêmio Jerusalém de Literatura (1977) e o Prêmio Grande Águia de Ouro do Festival Internacional do Livro de Niza (1979)¹⁵⁵. Tais premiações refletiram sua nova etapa de vida, como literato premiado e reconhecido mundialmente¹⁵⁶. Um fato que lhe permitiu sobrevoar novos campos da literatura, como exemplo, a tradução de autores chineses, franceses, ingleses, japoneses, portugueses e suecos.

Conforme o biógrafo Gallardo Muñoz:

O primeiro autor japonês escolhido para as suas traduções poéticas foi Matsudo Basho e experimentou também, com grande êxito, a tradução das obras do dramaturgo romano Eugenio Ionesco, que escrevia em francês e fundou o “teatro do absurdo”. [...] Octavio Paz se fascinava com o estranho humor de Ionesco, mesmo o seu surpreendente senso comum, envolto no presente absurdo de seu teatro, garantindo uma serenidade e firmeza altamente contagiosa.¹⁵⁷

No ano de 1974, Octavio Paz se embrenhou na composição de um experimento literário, que envolveu a reconciliação entre o ensaio crítico, a novela romântica e a poesia¹⁵⁸. Tal experimentação resultou no renomado *El Mono gramático*, que se assoalhou em uma nova poética, complexa e sensorial, preenchida por tensões, cuja abrangência lhe ampliou substancialmente o círculo de leitores. Segundo Octavio Paz, por sua vez, “*les resultó difícil o impenetrable a los no convencidos de que la poesía, como otras disciplinas, requiere de una formación especializada*”¹⁵⁹.

Para Maria Ivonete Santos Silva, *El Mono gramático* objetivou aperfeiçoar a técnica poética, tal como afirma:

¹⁵⁵ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 142.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 143.

¹⁵⁷ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 143. [As traduções se fazem presentes no ensaio *Versiones y diversiones* (1974)]

¹⁵⁸ Ibidem, p. 145.

¹⁵⁹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p.112.

El Mono gramático é a busca pela técnica poética ou de um aperfeiçoamento dessa mesma técnica, juntamente a proposição de se compreender e refletir o tempo, não somente num âmbito literário, como também filosófico, igualmente direcionado à modernidade e à intertextualidade.¹⁶⁰

De certa forma, Paz na obra também sintetizou o seu encontro com a Índia, canalizando-o, para reafirmar os vínculos poéticos e filosóficos. Ao perceber-se cercado pelo universo das palavras e nomes, no qual o verbo constitui a transfiguração do real¹⁶¹, o autor afirmou que os signos se esvaziavam.

Como se vê no excerto:

*se vacían: las cosas se vacían y los nombres se llenan, ya no están huecos, los nombres son plétoras, son dadores, están henchidos de sangre, leche, semen, savia, están henchidos de minutos, horas, siglos, grávidos de sentidos y significados y señales, son los signos de inteligencia que el tiempo se hace a sí mismo, los nombres les chupan los tuétanos a las cosas, las cosas se mueren sobre esta página pero los nombres medran y se multiplican, las cosas se mueren para que vivan los nombres.*¹⁶²

Ainda em 1974, nosso autor redigiu *Los hijos del limo*, ensaio esse que configurou praticamente a prolongação de *El arco y la lira* (1956). *El arco y la lira* refletiu acerca da comunicação entre os poemas, bem como a origem da poesia moderna latino-americana. No prefácio da obra, ao buscar uma definição ao que é nela (na obra) proposto, afirmou categoricamente que:

Los hijos del limo intentó responder a tres preguntas: el decir poético, el poema ¿es irreductible a todo otro decir? ¿Qué dicen los poemas? ¿Cómo se comunican los poemas? La materia de ese libro es una prolongación de la respuesta que intenté dar a la tercera pregunta. Un

¹⁶⁰ SILVA, Maria Ivonete Santos. Op. cit., p. 22. [Essa elaboração de técnica poética se confronta com a idéia da poesia como gênero artístico. Ao formulá-la (a técnica), portanto, se busca o enquadramento da poética no gênero literário, posto que aperfeiçoá-la em técnica instantaneamente a distancia da esfera artística]

¹⁶¹ SILVA, Maria Ivonete Santos. Op. cit., p. 23.

¹⁶² PAZ, Octavio. *El Mono gramático*. 1º Ed. Barcelona: Seix Barral, 1974. p. 21.

*poema es un objeto hecho del lenguaje, los ritmos, las creencias y las obsesiones de este o aquel poeta y de esta o aquella sociedad, pero su manera de ser histórico es contradictoria. El poema es una máquina que produce, incluso sin que el poeta proponga, anti-historia.*¹⁶³

No ano de 1975, Octavio Paz publicou *Pasado en claro*, uma obra poética autobiográfica e profunda, combinando às suas experiências singulares, as obsessões temáticas: o caráter intercambiável dos sentidos, a experiência do tempo e do ser, o homem frente a si mesmo, o poema como corpo e o corpo como poema, o poema como museu que hospeda referências e a transfiguração das palavras.

Como se vê no seguinte trecho:

*A veces la página respira:
los enjambres de signos, las repúblicas
errantes de sonidos y sentidos,
en rotación magnética se enlazan
y dispersan,
sobre el papel.*¹⁶⁴

No final da década de 1970, o autor publicou o ensaio *El ogro filantrópico* (1979), ensaio esse que também rumou por novos horizontes, buscando – em um só discurso – entrelaçar cultura, história e política. A partir da análise do contexto político cultural mexicano, nosso autor criticou o governo *priista* e, igualmente, refletiu o impacto dessa hegemonia partidária na configuração sócio-cultural mexicana. Essas mesmas críticas reservadas ao governo *priista* lhe garantiram, mais uma vez, a propagação de polêmicas relacionadas ao seu nome.

Ao longo da década de 1980, Octavio Paz publicou três obras poéticas, cujos títulos foram *Prueba del nueve* (1985), *Árbol adentro (1976-1987)* (1987) e *Lo mejor de Octavio Paz. El fuego de cada día* (1989).

¹⁶³ PAZ, Octavio. *Los hijos del limo*. Primera reimpression. Barcelona: Seix Barral, 1981. p. 12.

¹⁶⁴ DOSSIER 3: OCTAVIO PAZ. Op. cit., p. 24.

Nessa mesma década, o referido autor publicou nove ensaios literários, cujos títulos são respectivamente *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe* (1982), *Tiempo nublado* (1983), *Sombras de obras* (1983), *Hombres en su siglo y otros ensayos* (1984), *Pasión crítica: conversaciones con Octavio Paz* (1985), *México en la obra de Octavio Paz* (três volúmenes) (1985), *Primeras Letras (1931-1943)* (1988) e *Poesía, mito, revolución* (1989). Tais obras garantiram novamente ao autor dois prêmios, o Prêmio Miguel de Cervantes (1982) e o Prêmio Alexis de Tocqueville (1989)¹⁶⁵.

Esse período mexicano obteve severas críticas referentes ao mecanismo eleitoral, uma vez que o governo *priista* chegou a eleger – declaradamente – os seus sucessores presidenciais. No caso de José López Portillo (1976-1982), a sucessão presidencial demorou a se realizar, devido a uma fragmentação interna do partido, fragmentação essa que, por fim, haveria de eleger Miguel de la Madrid (1982-1988).

Mediante tal situação, Paz passou a analisar, em suas obras, um país em sério dilema entre a democracia e a imobilização política, democracia essa refletida como mero processo eleitoral. De tal modo, ele também direcionou a sua crítica ao desenvolvimento econômico imediato. Fato esse que denotou, para muitos mexicanos, certo distanciamento dos valores liberais românticos (clássicos) e que, por consequência, colocou em xeque (para muitos) a idéia de modernidade antes estabelecida¹⁶⁶.

A postura “contraditória” do autor estudado se tornou mal vista em seu *milieu* e, por isso, muitos colegas passaram a chamá-lo de conservador. Não obstante, para o cientista político Yvon Grenier, a postura contraditória de Octavio Paz seria reflexo da mentalidade típica da época, como se vê:

Contraditório? Ou melhor, uma mentalidade típica da cultura burguesa, que enxerga suas limitações enquanto permanece certa de que seus elementos fundamentais são possivelmente a menor desvantagem dentre as alternativas. Paz considera como prova real o fato de que sem o

¹⁶⁵ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 159.

¹⁶⁶ De certa forma, nosso autor propõe aos países latino-americanos juntarem-se aos modernos – Estados Unidos e Europa –, para assim, participarem efetivamente de suas transformações. Yvon Grenier confronta tal idéia, ao afirmar que Octavio Paz constituía um liberal privatizado, por essas novas propostas que elabora.

desenvolvimento econômico, se torna difícil, talvez, impossível, atingir a democratização; de que a ênfase no dinheiro e no individualismo é menos prejudicadora a democracia, que a própria fase pré-moderna, com sua ênfase no poder e no status; de que a ausência de desenvolvimento econômico condena países em desenvolvimento a sacrificar a democracia e a revolução, tendo que se satisfazer com uma pretensa democracia, por um lado, e, de outro, com revoltas barulhentas e estéreis.¹⁶⁷

Na ocasião, conforme o biógrafo Gallardo Muñoz:

Com a idade avançada, sessenta anos, se sentia muito vivo e capaz, com uma disposição para trabalhar que pasmava muitos jovens. Octavio era um homem infatigável, que vivia a criar, escrever e que fazia da literatura a sua fé, sua religião, sua meta, sem que em nenhum chegasse a desfalecer por cansaço. Nesses momentos, no fim de 70, sua atividade caía mais sobre os ensaios, pois ocupavam seu tempo com maior afinco em relação à poesia. Como era um ensaísta tão bom quanto poeta, seus leitores não se sentiam abandonados. No ano em que editou a antologia poética, **Obra poética (1933-1988)**, Octavio Paz ganhou outro prêmio importante, que reconheceu todo seu mérito literário, a obra de toda uma vida e, nesta ocasião, era o Premio Alexis de Tocqueville, em 1989, que reafirmou os méritos do prêmio Miguel de Cervantes, em 1982, na Espanha.¹⁶⁸

No ano de 1984, Octavio Paz publicou *Tiempo nublado*, um ensaio literário que abrangeu a reflexão sobre o dilema mexicano (imobilidade e democracia) e, a partir dele, analisou a decadência do império norte-americano. Nesse caso, a modernidade norte-americana – “o pecado original histórico estadunidense”¹⁶⁹ – os fazia culpados¹⁷⁰. A partir da concepção hobbesiana de Estado, nosso autor analisou uma suposta decadência dos Estados Unidos, partindo de questionamentos que se debruçam sobre a corrupção do luxo, os vícios (liberdade) e virtudes (democracia).

No ano de 1988, o processo eleitoral contou com as candidaturas de Carlos Salinas de Gortari (PRI) e Cuahutémoc Cárdenas (PRD). Naquele momento, a população

¹⁶⁷ GRENIER, Y. Op. cit., p. 18-19.

¹⁶⁸ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 163.

¹⁶⁹ PAZ, Octavio. **Tempo Nublado**. 2º Ed. São Paulo: Editora Guanabara, 1986. p. 37.

¹⁷⁰ PAZ, Octavio. Op. cit., 1986a, p. 37.

mexicana exigia uma contagem legítima dos votos, porém a evidente fraude eleitoral garantiu a vitória de Carlos Salinas. O candidato Cárdenas, por sua vez, condenou o processo eleitoral de 1988, mas angariou o estabelecimento do acordo que garantiu o crescimento do PRD, a criação do Instituto Federal Eleitoral – IFE – e do Tribunal Eleitoral do poder Judiciário da Federação – TEPJF –, que haveriam de evitar novas fraudes.

Octavio Paz aprovou publicamente a vitória de Carlos Salinas e, sendo assim, se fez presente na cerimônia de posse do presidente, juntamente a vários ditadores latino-americanos. Para muitos colegas intelectuais e leitores, o autor se resignou publicamente perante tudo o que havia escrito¹⁷¹.

De acordo com o ensaísta Luis Javier Garrido,

O Octavio Paz do governo salinista duvidou de si mesmo ao escrever sobre poder e, por isso, se colocou a serviço de um sistema falido. Os expositores de Paz contribuiriam muito se copiassem os artigos e as dezenas de declarações legitimadoras de um governo que teve altos índices de corrupção, cometeu todo tipo de crimes, para em troca receber poder determinante nas políticas culturais do Estado e ganhar popularidade. Quando recebeu o prêmio Nobel em 1990, Paz representava um escritor mimado da oligarquia que o conheciam pela Televisa e compravam seus livros, mas não o liam. Os compromissos de Paz com o sistema impediram que compreendesse no final de sua vida o processo político do México e, em especial, o movimento de Chiapas, que – para ele – teria ocorrido somente pela enganação das comunidades indígenas. Muitos, portanto, lhe fizeram críticas.¹⁷²

No decorrer da década de 1990, Octavio Paz publicou três ensaios *La otra voz - Poesía y fin de siglo* (1990), *Obras Completas* (1991) e *Poesía del fin del siglo* (1992). No período, publicou duas obras poéticas *La llama dupla: amor y erotismo* (1993) e *Vislumbres de la India* (1995).

¹⁷¹ **DOSSIER 2: OCTAVIO PAZ.** Op. cit., p. 23. [Como é o caso de Luis Javier Garrido]

¹⁷² *Ibidem.*, p. 23.

Tais obras lhe garantiram maior reconhecimento literário, com o Prêmio Nobel de Literatura (1990). Além dos seguintes prêmios, o Prêmio Príncipe de Astúrias (1993) e o Prêmio Gran Cruz da Legião de Honra de França (1994)¹⁷³. Com esses reconhecimentos, Paz decidiu editar a magna obra – a coletânea de todas as suas obras literárias – sob sua direção e supervisão¹⁷⁴.

Nesses últimos anos, pode-se afirmar que Paz focou sua escrita na reflexão das ditaduras ideológicas, no embate erotismo *versus* religiosidade, na inserção de ilusões na concepção de progresso, nos sinais do esgotamento do socialismo científico e o totalitarismo do Estado contemporâneo.

No dia 17 de Dezembro de 1997, foi inaugurada a *Fundación Octavio Paz*, uma fundação bem equipada que constituiu para muitos uma fonte provedora de cultura e criatividade. Na solene cerimônia de abertura, Octavio Paz e demais personalidades mexicanas se fizeram presentes.

Na Cidade do México, em 19 de abril de 1998, Octavio Paz faleceu, após o recrudescimento de um câncer.

CAPÍTULO 2

Da Prosa Poética ao Ensaísmo Político: A Modernidade Labiríntica e a Modernização Mexicana

¹⁷³ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 164-165.

¹⁷⁴ Ibidem, p. 170. [Tal obra implicaria na publicação de várias obras do autor]

Se a modernidade não pode ser definida apenas pela racionalização e se, inversamente, uma visão de modernidade como fluxo incessante de mudanças não dá valor à lógica do poder e da resistência das identidades culturais, não se torna claro que a modernidade se definiu precisamente por essa separação do mundo objetivo, criada pela razão em concordância com as leis da natureza e do mundo da subjetividade, que é antes de mais individualismo ou apelo à liberdade pessoal?¹⁷⁵

2.1. O Espelho (In)discreto de convergência: a dialética labiríntica da solidão, a tradição de ruptura e o projeto moderno autêntico

Qual é então nossa tradição? A resposta aqui é grave, porque nossa tradição, nosso passado, está formado por um contínuo indagar por nossa falta de tradição, de um contínuo perguntar por que não somos isto ou aquilo. Somos povos em suspense, expectadores de algo que não temos e que apenas poderemos ter se deixarmos de lado essa expectativa, essa espera, esse duvidar de nossa humanidade, e agirmos, pura e simplesmente, em função do que queremos ser, e só isso.¹⁷⁶

Após a exposição da trajetória intelectual do renomado literato Octavio Paz, a presente pesquisa se direciona à compreensão do conceito de modernidade do referido autor. Como já mencionado, Paz propôs a (re)discussão da modernidade mexicana e, para maior abrangência, a latino-americana, com o intuito de encaminhar o México ao que definiu como *modernização autêntica*. Nesse aspecto, as propostas políticas modernizadoras destacar-se-iam do desenvolvimento unicamente sócio-econômico, para abarcar também o campo cultural.

¹⁷⁵ TOURRAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. 8º Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994. p. 12.

¹⁷⁶ ZEA, Leopoldo. **La cultura y el hombre de nuestros días**. México: UNAM, 1959. p. 143.

Octavio Paz refletiu a modernidade mexicana em suas obras de essência crítica e amplo foco analítico (antropologia, arte, poesia, crítica, política, filosofia e história), concebendo-a como um sinônimo de reintegração. Durante as décadas de 1950 e 1960, a literatura latino-americana debateu intensamente a questão da modernidade na sua região e, até mesmo, abrangeu outras temáticas, como os projetos de modernização, a identidade coletiva das sociedades e os modelos de ordenamento social. Tal literatura crítica da modernidade latino-americana seria mais fortemente publicada no Brasil por volta da década de 1980.

Na verdade, a modernidade em seu longo caminhar adquiriu inúmeros significados de âmbito cultural, histórico e político. Como afirma Maria Esther Maciel, “a modernidade envolveu um amplo conjunto de valores ético-estéticos e políticos compreendidos do Iluminismo à crise das vanguardas em meados do século XX, no mundo ocidental, sob a insígnia de ‘razão crítica’”¹⁷⁷.

Isso ocorreu em detrimento de uma forte característica do referido conceito, a ruptura de tradições¹⁷⁸. Ao ambicionar constantemente essa ruptura, sem muitas vezes atingi-la, reservou aos seus principais autores o encargo de renovação dos signos. Essa rotação dos significados modernos os conduziu a uma transição permanente, que lhes conferiu o predicado das “explosões interiores”¹⁷⁹, sob regência de sentimentos conflitantes, como a angústia, a ansiedade, o encantamento, o desencantamento, a fugacidade, a nostalgia, a vertigem, etc..

O amplo conjunto de signos atribuídos à modernidade acaba por dificultar uma compreensão sólida de suas premissas. Por essa razão, Néstor García Canclini afirma que um estudo sobre a modernidade latino-americana necessitaria em primeira instância de uma divisão (distintiva) entre a modernidade e seus demais processos, no caso, o

¹⁷⁷ MACIEL, Maria Esther. **Itinerário da modernidade**. In: Maciel, Maria Esther. *Vertigens da Lucidez poesia e crítica em Octavio Paz*. São Paulo: Editora Experimento, 1995. p. 06-63.

¹⁷⁸ Este estudo parte do pressuposto de que a principal característica da modernidade seria a ânsia pela ruptura de tradições.

¹⁷⁹ Cf. em: BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. 8º Ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 1990. [A expressão “explosões interiores” é o nome dado por Marshall Berman para a tensão típica da mentalidade moderna].

modernismo e a modernização¹⁸⁰. Não obstante, pode-se afirmar que os principais autores modernos do final do século XIX assimilaram ao moderno a interdependência entre o “modernismo” e a “modernização”.

Como afirma García Canclini,

A investigação da modernidade latino-americana exige a distinção entre a modernidade, enquanto etapa histórica, e a modernização, como processo social. Essa distinção dá origem a uma indagação: “Por que nossos países realizam mal e mais tarde o modelo metropolitano de modernização?”¹⁸¹

Desse modo, adverte-se que a análise aqui exposta concebe com flexibilidade a modernidade como uma etapa histórica; a ideia de modernização como um complexo estrutural de processos sócio-econômicos que constrói a modernidade gradativamente, podendo inclusive se desenvolver independentemente (após iniciado); e a aceção de modernismo como uma etapa cultural, incumbida da renovação das práticas simbólicas, especialmente pela crítica e/ou autocrítica. Nesse caso, a crítica e/ou autocrítica consistem em um mecanismo de reavaliação da própria modernidade, na busca incessante por se identificar, bem como compreender suas limitações conceituais; por isso, o discurso moderno se aproxima, por vezes, da ontologia e, porque não, da teleologia.

Em suma, a modernidade consiste em um processo histórico que se desenvolveu ao longo de quatro séculos¹⁸². Refere-se primeiramente a três mudanças, a conhecer: a nova consciência do sentido histórico, a nova representação da temporalidade e o novo corte da identidade ocidental¹⁸³.

Ao partir desse pressuposto e para melhor entendimento, os principais estudiosos do termo dividem-no em três etapas distintas, sendo elas: a primeira do século XIII ao

¹⁸⁰ Cf. em: GARCÍA, Néstor Canclini. **Culturas Híbridas**. 4º Ed. São Paulo: Edusp, 2003. p. 209.

¹⁸¹ GARCÍA, Néstor Canclini. Op. cit., p. 209. [Neste caso, Néstor García Canclini fundamenta o que designou como “heterogeneidade multitemporal”, com o aporte do hibridismo cultural. Ou seja, a coexistência de culturas estrangeiras e dessemelhantes no cenário latino-americano em decorrência da ausência de uma política cultural moderna, política essa reguladora dos princípios e requisitos modernos, favorecendo um processo sócio-cultural que funde estruturas, identidades e práticas distintas.]

¹⁸² A modernidade concebida como um processo histórico se alicerça em uma vertente hegeliana.

¹⁸³ TOURRAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. 8º Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

XVI; a segunda do século XVII ao XVIII e a terceira do século XIX ao XX. Essa mesma divisão haveria de trazer consigo, em um primeiro momento, episódios fundamentais da História Moderna, como o Renascimento, a Reforma Religiosa e a “Descoberta” do Novo Mundo.

Na segunda etapa, o Iluminismo assoalhou as suas principais características, com a universalização da Razão e as premissas da liberdade individual. Já na terceira etapa, a modernidade, no decorrer do século XX, assimilou fortemente indivíduo e a desconstrução de crenças, ideologias, tradições, valores, etc. Neste cenário, obter-se-ia a propulsão necessária ao surgimento da pós-modernidade. Diante disso, pode-se afirmar que esse estudo requer cautela, pois o objetivo principal, nessa segunda etapa, dista de ambicionar um Tratado Filosófico da modernidade.

A modernidade implicaria em uma série de modificações culturais, históricas, políticas e sociais, que interiorizaram suas forças na dicotômica relação entre modernismo e modernização¹⁸⁴. Essas mesmas modificações far-se-iam atreladas à elevação da Razão Crítica, à promoção da filosofia moral, à reflexão da subjetividade, à revogação da metafísica, ao primado da liberdade individual, entre outros¹⁸⁵.

Conforme Maria Esther Maciel,

A palavra modernidade, conforme esclarece Hans Robert Jaus, foi usada cronologicamente desde o século V, da antiguidade romana à idade cristã, adquirindo “uma função variável”, um caráter atópico. Dessa forma veio o significado dicionarizado da palavra como “qualidade ou caráter do que é atual, presente”. Portanto, a força compreendida entre o final do século XVIII e meados do século XX, fez do moderno uma noção moderna, marcando limites entre o antigo e o novo. Assim, como aponta vários estudiosos, o poeta simbolista francês, Baudelaire foi o primeiro poeta a problematizar, pela via estética, o conceito de modernidade, muito embora os românticos alemães já tivessem tangenciado esse novo conceito entre Romantismo e Classicismo. A noção de modernidade em Baudelaire se dá através do imaginário social da época, quando o poeta faz apologia da “beleza efêmera” relativizando paradoxalmente da “beleza eterna” da noção clássica, ao que diz Octavio Paz “cada momento

¹⁸⁴ BERMAN, Marshall. Op. cit., p. 17.

¹⁸⁵ TOURRAINE, Alain. Op. Cit., p. 12.

é, simultaneamente uma refutação da eternidade e sua metamorfose é uma novidade transitória”. Ao afirmar como contínua descontinuidade, a Modernidade se revela como um conjunto fragmentado de modernidades. Para Octavio Paz “a modernidade nunca é a mesma: sempre é outra”.¹⁸⁶

Na atmosfera moderna, principalmente do final do século XIX, conservou-se um ambiente de fervilhantes inovações, inovações essas que nutriram seu âmago de fontes diversificadas. Por essa razão, pode-se afirmar que a sua paisagem haveria de ser delineada a partir de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, malhas ferroviárias, grandes zonas industriais, grandes zonas urbanas, cidades em constante crescimento, jornais, telégrafos, telefones, etc¹⁸⁷..

No renomado *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman afirma que:

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, como a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói o antigo, acelera o próprio ritmo da vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação em massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram no mesmo pacote os mais variados indivíduos e sociedades, Estados nacionais cada vez mais fortes, burocraticamente gerados e estruturados; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos e ou econômicos, lutando para obter algum controle sobre sua vida; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão.¹⁸⁸

Essa mesma atmosfera, além de influenciar o espaço físico, também sustentou o espírito moderno. Sendo assim, a essência moderna far-se-ia de sentimentos, muitas vezes, opostos, devido às transformações do ambiente e, por isso, o moderno imbuir-se-ia de

¹⁸⁶ MACIEL, Maria Esther. Op. cit., p. 08.

¹⁸⁷ BERMAN, Marshall. Op. cit., p.16.

¹⁸⁸ BERMAN, Marshall. Op. cit., p.16.

alegria, ansiedade, encantamento e, ao mesmo tempo, inculir-se-ia do desencantamento, nostalgia, vertigem, por aquilo que de forma fugaz esvaia em detrimento das novas mudanças. Sendo assim, as “explosões interiores” típicas da sensibilidade moderna estabelecer-se-iam como consequência de uma dupla experiência ambiental: o desvanecimento das tradições e a moderna propriamente dita¹⁸⁹. Sobretudo, essa modernidade sentida como única, ao indivíduo moderno seria uma ameaça a toda e qualquer tradição e História¹⁹⁰.

Tal como afirma Berman,

Designarei esse conjunto de experiências [experiências de tempo e espaço, de si e dos outros, das possibilidades e perigos da vida] como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo, no qual, como disse Marx: “Tudo que é sólido se desmancha no ar”.¹⁹¹

No prenúncio do século XX, o turbilhão moderno se solidificou em processos sócio-econômicos, que garantiram um perpétuo estado de “vir a ser”. Esses mesmos processos sócio-econômicos configurariam na modernização propriamente dita e que, por sua vez, haveriam materializado a efervescência do espírito moderno. Destarte, os autores modernos sofriam com o desvanecimento de tradições, como dito anteriormente, e se imbuíam da ânsia pela transformação interna e externa. Além disso, preocupavam-se com o terror da vida que, por ora, desfazia-se perante tantas transformações históricas, políticas e sociais. Portanto, combatiam tal atmosfera moderna – a modernização dita “de baixo

¹⁸⁹ Ibidem, p.15.

¹⁹⁰ Ibidem, p.16.

¹⁹¹ Ibidem, p.16.

para cima” – e, ao mesmo tempo, sentiam-se confortáveis em meio ao que ela lhes proporcionava¹⁹². Essa relação paradoxal com o ambiente vivido, para Marshall Berman, configurou-se como uma forte característica da essência moderna¹⁹³.

Segundo o mesmo autor,

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detém o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a combater essa força, a lutar para mudar o mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiências e aventuras. Faziam-se sensíveis às novas possibilidades, positivos ainda em suas sensações radicais, jocosos e irônicos ainda em seus momentos de mais grave seriedade e profundidade.¹⁹⁴

Nesse cenário, os autores modernos delinearão uma literatura que retratou essa experiência conflitante, cuja premissa aproximar-se-ia de uma teoria dialética da modernidade. Em verdade, almejavam resgatar muito das raízes modernas do século XIX, afinal, no século XX, distanciaram-se daquilo antes estabelecido como características próprias da modernidade.

Conforme Berman, nas posturas e ideias dos intelectuais do período apreendem-se diferentes perspectivas:

(...) Ortega y Gasset, Spengler, Maurras, T. S. Eliot e Allen Tate, candidatos à nova direita no século XX, vemos a perspectiva de Weber ampliada, apropriada, distorcida ou amplificada, pelos modernos mandarins e candidatos a aristocracias da direita do século XX. Outros autores, como Tocqueville e Mill, a tecnologia moderna e a organização social condicionaram o destino do homem. No entanto, os homens modernos haveriam de compreender esse condicionamento e, portanto, combatê-lo. Aos homens modernos faltaria esse ímpeto, pois suas almas e mentes teriam sido moldadas pela ordem capitalista.¹⁹⁵

¹⁹² BERMAN, Marshall. Op. cit., p.18.

¹⁹³ Ibidem, p.19.

¹⁹⁴ Ibidem, p.20.

¹⁹⁵ BERMAN, Marshall. Op. cit., p.27.

Na segunda metade do século XX, os críticos da modernidade imbuir-se-iam ainda mais da ânsia pela reflexão dessa mesma modernidade (desgarrada do século XIX, bem como de suas raízes), objetivando desencadear um processo de modernização que rumasse a uma nova modernidade, principalmente, no que se refere à liberdade individual. Por essa razão, empenhar-se-iam na reflexão do discurso filosófico da modernidade, para firmar novos projetos modernos¹⁹⁶. Para Berman, esse movimento denominado vanguarda almejou os confins daquilo que havia sido produzido pela própria modernidade¹⁹⁷.

Por isso, afirma que:

Todos os modernismos e antimodernismos dos anos de 1960 se viram, portanto, seriamente comprometidos. Porém, sua despojada plenitude, assim como sua intensidade e vitalidade de expressão, geraram uma linguagem comum, uma ambiência vibrante, um horizonte comum de experiência e desejo. Todas essas visões e revisões da modernidade constituíram orientações ativas perante a história, tentativas de conectar o conturbado presente com o passado e o futuro, a fim de ajudar homens e mulheres de todo o mundo contemporâneo a se sentirem em casa nesse mundo. Todas essas iniciativas falharam, mas nasceram de uma largueza de visitas e de imaginação e de um ardente desejo de se atualizar. Foi a ausência de tais visões e iniciativas generosas que fez dos anos de 1970 uma década insípida. Virtualmente hoje ninguém parece interessado em estabelecer as amplas conexões humanas que a idéia de modernidade implica.¹⁹⁸

Para o sociólogo Zygmunt Bauman, o ambicioso projeto moderno configuraria em uma característica fundamental da modernidade, especialmente no que diz respeito ao

¹⁹⁶ Nesse caso, pode-se citar Jürgen Habermas. A partir da década de 1970, Habermas objetivou o estabelecimento desse mesmo projeto moderno, para recuperar os valores do século XIX. Sobretudo, propôs um estudo etimológico da modernidade com o intuito de apreender suas limitações conceituais. Para Habermas, no início do século XX, a modernidade direcionou sua perspectiva para um campo fortemente instrumental. Por isso, dever-se-ia refletir em tudo o que ela implicou, para então compreender os seus entraves.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 28. [Para Marshall Berman, o movimento de vanguarda procurou nesse novo projeto moderno uma modernização mais justa e/ou igualitária. Por esta razão, esse mesmo grupo se empenhou em trazer à tona a circunvizinhança moderna, para “libertar os marginais, os desempregados e os inempregáveis. Inclusive, os terceiros mundos, os guetos e as prisões da América Latina”. Pode-se afirmar que a vanguarda apareceu no cenário europeu no final do século XIX e início do século XX.]

¹⁹⁸ BERMAN, Marshall. Op. cit., p. 32.

controle social mediante a Razão instrumental, visando o ordenamento racional e técnico, ou seja, o Estado-Nação e a Ciência¹⁹⁹. Ou melhor dito, para nomeado autor essa seria uma característica própria da modernidade sólida, tal qual a define²⁰⁰.

Como afirma Bauman,

O Estado-Nação fornecia os critérios para avaliar a realidade do dia presente. Esses critérios dividiam a população em plantas úteis a serem estimuladas e cuidadosamente cultivadas e ervas daninhas a serem removidas ou arrancadas. Já a Ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a Natureza e subordiná-la às necessidades humanas. A louvada curiosidade científica que teria levado os cientistas ‘aonde nenhum homem ousou ir ainda’ nunca foi isenta da estimulante visão de controle e administração, de fazer as coisas melhores do que são (isto é, mais flexíveis, obedientes, desejosas de servir).²⁰¹

Essa visão crítica da modernidade, tal qual estabelecida acima, abarcou também a literatura da América Latina, principalmente nas décadas de 1950 e 1960. A partir do ensaio crítico, renomados autores latino-americanos propuseram a reflexão da modernidade na sua região, reflexão essa que envolveria os seguintes temas: a identidade coletiva latino-americana, as ambiguidades do desenvolvimento sócio-econômico, os modelos de ordenamento social, o modernismo temporão e a modernidade tardia, bem como heterogênea²⁰².

O debate latino-americano sobre a modernidade envolveu, sobretudo, a afirmação da relação dispare entre um modernismo pulsante e uma modernização sócio-econômica truncada, “por realizar”. Da mesma forma, a retórica desse discurso abarcou também a declaração de uma modernidade sentida como alheia à realidade latino-americana, ou melhor, vigorosamente europeia.

¹⁹⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1999. p.13.

²⁰⁰ Para Zygmunt Bauman, a modernidade pode ser dividida em duas etapas, a conhecer: a sólida e a líquida. Nesse caso, a etapa sólida corresponderia ao período histórico de gestão e afirmação da modernidade, do século XIII ao XX. A partir da segunda metade do século XX, Bauman denomina a etapa como líquida, ou seja, a pós-moderna.

²⁰¹ BAUMAN, Zygmunt. Op. cit., p. 29.

²⁰² Mansilla, H. C. F. **Intelectuais e política na América Latina**: uma breve abordagem a uma ambivalência fundamental. In: Os intelectuais e a política na América Latina. Cadernos Adenauer IV, Ano IV, 2003, n.05. Rio de Janeiro, Fundação Konrad Adenauer, 2004.

Para o sociólogo Jorge Larraín, a questão da modernidade na América Latina seria muito debatida em razão do bloqueio cultural da época da colonização, estabelecido pelas metrópoles, Espanha e Portugal. De modo que, os precursores da independência, quando se banharam na literatura moderna, por meio de contrabando e viagens, sentiram-na como algo adaptado e/ou apropriado ²⁰³. Assim sendo, o imaginário social latino-americano associaria a modernidade de forma instantânea à Europa.

Como afirma Jorge Larraín:

Após a conquista, desbravamento e exploração do território latino-americano, a modernidade europeia haveria de atingir o continente no final do século XIX, contudo, deslumbrada com o iluminismo, alcançou o âmbito mais formal, cultural e discursivo – o modernismo, deixando de lado o político, institucional e econômico, mantendo as estruturas tradicionais de antes – e, formando as famosas estruturas caciquistas, oligárquicas, clientelistas, etc. Muito embora, tais definições sejam discutíveis. Quando a modernidade passa a ser implantada no século XX em seu âmbito político, econômico e institucional, os intelectuais idealizadores passam a se questionar se deveria ser uma “adaptação” ou utilização dos modelos propriamente ditos europeus ou norte-americanos, discutindo se isso atrapalharia nossa identidade. ²⁰⁴

E complementa:

A modernidade latino-americana não é nem inexistente, nem igual à modernidade europeia. Tem sua trajetória histórica própria e suas características específicas, sem prejuízo de partilhar muitos traços gerais. A trajetória latino-americana para a modernidade é simultaneamente parte importante do processo de construção de identidade: não se opõe a uma identidade já feita, essencial, inamovível e constituída para sempre no passado. Tanto a modernidade como a identidade na América Latina são processos que vão se construindo historicamente e que não implicam necessariamente numa disjuntiva radical, mesmo que possa existir tensão entre eles. Os traços da nossa modernidade que exploramos, tanto os

²⁰³ LARRAIN, Jorge. **A trajetória latino-americana para a modernidade**. Chile: Revista de Estudios Públicos, n°66, 1997.

²⁰⁴ LARRAIN, Jorge. Op. cit., p. 15. [Segundo Jorge Larraín, a trajetória latino-americana rumo à modernidade teria sido simultânea à construção da identidade. Por esta razão, parte do pressuposto de que, por assimilar a modernidade à Europa, existiria um conflito entre a modernidade e a identidade latino-americana]

gerais, como os específicos, constituem, para o bem ou para o mal, elementos de nossa identidade atual. Mas, nada impede que sejamos ajuizados criticamente para enfrentar o futuro.²⁰⁵

Para Nestor García Canclini, o debate latino-americano sobre a tradição, a modernidade e mesmo a pós-modernidade revelariam a ausência de uma concepção cultural moderna²⁰⁶. Por essa razão, a análise que propõe haveria de desembocar no hibridismo cultural, ou seja, a coexistência de culturas estrangeiras e dissimiles, objetivando repensar o estabelecimento das relações entre a tradição, o modernismo cultural e a modernização sócio-econômica.

Tal como afirma Canclini:

Trata-se de ver como, dentro da crise da modernidade ocidental – da qual a América Latina é parte –, são transformadas as relações entre tradição, modernismo cultural e modernização sócio-econômica. Para isso, é preciso ir além da especulação filosófica e do intuicionismo estético dominantes na bibliografia pós-moderna. A escassez de estudos empíricos sobre o lugar da cultura nos processos chamados pós-modernos levou a reincidir em distorções do pensamento pré-moderno: construir categorias ideais sem comprovação factual.²⁰⁷

A partir dessa perspectiva e como integrante desse mesmo debate latino-americano, Octavio Paz propôs em suas obras a (re)discussão da modernidade mexicana e, em um âmbito mais abrangente, latino-americana. Para então encaminhar o México a um processo de *modernização autêntico*, tal qual definido por ele, e que, em primeira instância, partiria de uma mentalidade moderna. Na reflexão das perspectivas modernas e do desajustamento de seu discurso, nosso autor objetivou suscitar novas problematizações para essa antiga contenda da América Latina.

Em suas obras, Paz criticou esse mesmo debate latino-americano que, segundo ele, perante a modernização sócio-econômica, ambicionava elevar-se ao patamar moderno.

²⁰⁵ LARRAIN, Jorge. Op. cit., p. 01.

²⁰⁶ CANCLINI, Nestor García. Op. cit., p. 23.

²⁰⁷ Ibidem, p. 24.

Afinal, o poeta partiu do pressuposto de que a modernização, como alavanca moderna, não seria um processo unicamente político-econômico, mas também sócio-cultural. Por essa razão, inseriu-se nas discussões de forma crítica e, por várias vezes, realizou constatações polêmicas; por exemplo, como quando afirmou que os intelectuais latino-americanos estariam mais preocupados em debater o dependentismo e o subdesenvolvimento da América Latina do que empenhados em procurar novos meios para rumar à modernidade²⁰⁸.

A partir da década de 1950, Octavio Paz iniciou a sua produção ensaístico-crítica. Até então, nosso autor havia publicado somente obras que se utilizavam da lírica poética. Na retórica do ensaio, procurou uma melhor inserção nos debates culturais, políticos e sociais, mexicanos e, quiçá, latino-americanos²⁰⁹. Entretanto, a visão poética, que lhe envolvia como uma brumosa, não o abandonou. Inclusive, influenciou-o na elaboração desses mesmos ensaios, como exemplo, na escolha de assuntos, na sustentação de conceitos, etc..

Na década anterior de 1940, Paz havia rompido com grupos fortemente estabelecidos no cenário mexicano, como o *Unión de Estudiantes Pro Obrero y Campesinos* e os *Contemporáneos*. Por essa razão, no final do decênio, almejou uma melhor inserção nas discussões do período por meio do ensaio crítico²¹⁰.

O poeta abandonou o grupo marxista *Unión de Estudiantes Pro Obrero y Campesinos*, do qual participou em seus anos de *San Ildefonso*. Logo depois, ele entrou em conflito com o grupo literário LEAR – *Liga de los Escritores y Artistas Revolucionarios* devido à lógica de comprometimento político na literatura. Até mesmo, atracou-se com o poeta Pablo Neruda então diplomata chileno residente no México. O comprometimento literário, para nosso autor, deveria ser a própria literatura, mesmo que implicasse a faculdade de exercer críticas à realidade na qual estava inserido. Essas posturas polêmicas do autor garantiam a ele críticas severas, ironias e isolamento.

²⁰⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p.149.

²⁰⁹ Nesse momento, Octavio Paz buscava maior abrangência, bem como maior público. Nos ensaios críticos, encontrou essas novas possibilidades.

²¹⁰ Para dar continuidade ao objetivo aqui proposto recuperam-se certos aspectos da trajetória intelectual de Octavio Paz, muito embora já tenham sido trabalhados no primeiro capítulo.

Desse mesmo modo, Octavio Paz rompeu os laços com o grupo da revista literária *Contemporáneos*. Não obstante, os principais literatos dessa revista, como Carlos Pellicer, Jorge Cuesta e Xavier Villarrutia, fossem encantados por suas poesias.

Em 1944, Paz recebeu a renomada bolsa de estudos Guggenheim pela Universidade de Berkeley, cuja temática da pesquisa seria a cultura norte-americana e as suas mais variadas tendências literárias²¹¹. Juntou-se ao *Servicio de Exteriores Mexicano* e, em seguida, foi enviado ao setor administrativo francês, em Paris. Na França residiu por seis anos e, por lá, habituou-se ao que definiu como “pulsantes debates político-filosóficos”²¹².

No *milieu* francês, nosso autor conheceu várias personalidades do meio acadêmico, artístico e literário, como exemplo, André Malraux, Cornelius Castoriadis, François Mauriac, Jean Paulhan, Kostas Papaioannou, Raymond Aron, René Char e Jean-Paul Sartre. Como já se mencionou, nosso autor manteve certa distância do pensamento sartriano, ainda que reconhecesse a importância filosófica que nele existia.

No momento, Paz identificava-se mais com as idéias surrealistas de André Breton e Albert Camus. O surrealismo, enquanto movimento artístico-literário, abrolhado na atmosfera vintista parisiense, haveria de firmar seus princípios em uma crença de *realidade superior*, realidade essa atingida exclusivamente por intermédio da agregação de elementos desconexos. No fim da década de 1940, ele retornou ao México, encantado com esse ambiente francês, com aquilo que havia lhe proporcionado, no âmbito reflexivo, de leitura, etc..

A partir dessas rupturas e dessas polêmicas, Octavio Paz aventurou-se na composição de uma obra com distinto gênero literário. Essa mesma obra seria o renomado ensaio crítico intitulado *El laberinto de la soledad* (1950). Após *El laberinto de la soledad*, como já mencionado, redigiu também *El Arco y La Lira* (1956), *Las peras del Olmo* (1957) e reeditou *El laberinto de la soledad* (1959).

Os ensaios críticos haveriam de abordar, em suma, o ser mexicano, a situação emergencial da escrita da história mexicana e a ideia de modernidade (latino-americana e

²¹¹ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 119.

²¹² PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 81.

mexicana)²¹³. No entanto, a visão poética do autor – como uma brumosa – nunca lhe abandonou e chegou, até mesmo, a influenciar na seleção de temas, bem como na formulação de conceitos. É importante evidenciar, contudo, que o ensaio crítico, enquanto gênero literário, não estabelece um método científico, pois o seu foco temático se faz mais amplo, permitindo a exploração multidisciplinar de determinado assunto. Sendo assim, pode desenvolver um conceito concomitantemente à penetração da subjetividade, seja ela crítica, analítica, reflexiva, etc²¹⁴..

No ano de 1950, como afirmamos, nosso autor escreveu o primeiro ensaio literário, *El laberinto de la soledad*. Esse texto alicerça sua retórica em dois objetivos: a análise da formação sócio-cultural mexicana e a reflexão da modernidade no país. Sendo assim, nosso autor evidencia forte influência do ensaio clássico de Samuel Ramos intitulado *El perfil del hombre y la cultura en México* (1934), que lhe garantiu embasamento para escrever sobre a identidade mexicana. Do mesmo modo, pode-se afirmar que se demonstra (o ensaio) assoalhado por conceitos freudianos, no que diz respeito à questão cultural e aos conflitos humanos.

Nesse ensaio, Octavio Paz também objetivou a compreensão do “ser mexicano”. Parte-se desse pressuposto, pois compreende-se que, a partir da análise do “ser mexicano”, o autor objetivou concebê-lo em um contexto cultural, histórico e social e, porque não, como fruto dele (contexto). Destarte, ele reflete acerca da clausura mexicana e, a partir disso, realizou a análise dos mecanismos utilizados pelos próprios mexicanos para tal fim: as máscaras. Essas mesmas máscaras que surgiriam como cerne da reflexão, a fim de suscitar a sua derrocada e, então, o abandono absoluto dos obstáculos ao caminho moderno.

²¹³ RODRÍGUEZ, Xavier Ledesma. **El concepto de modernidad en Octavio Paz**. Colima: Revista de Estudios sobre la cultura contemporánea. Año/Vol. V, n° 10, ano 2000, p. 127-142. Disponível em: <www.redalyc.org>. Acessado em: fevereiro de 2008. [Conforme o sociólogo Xavier Rodríguez Ledesma, Octavio Paz reflete a modernidade nesse período a partir da postura distante do mexicano em relação ao moderno. Segundo Rodríguez, ao autor as principais diferenças entre os norte-americanos e os mexicanos não se detêm somente à esfera do desenvolvimento econômico, mas também à conformação histórica]

²¹⁴ LAFER, Celso. **Sua palavra se ajusta à criação e à crítica**. São Paulo: Jornal da Poesia, Domingo, 26 de Abril, ano 1998. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/opaz02c.html>>. Acesso em: 26 de Junho de 2008.

Por essa razão, Octavio Paz denuncia a ausência de um espírito mexicano verdadeiramente moderno. Tal deficiência, para ele, haveria de encaminhar o país a um insipiente desenvolvimento sócio-econômico e que, por consequência, daria vazão às incontroláveis sublevações²¹⁵. Sendo assim, ele conclama o restabelecimento da consciência de um país que, do seu ponto de vista, teria sido sepultado vivo, com seus juízos, anseios e impulsos²¹⁶. Para tal restabelecimento, seria essencial uma revelação (epifânica) semelhante àquela que se dá, em fase humana, na adolescência.

Como se vê no enxerto,

Em algum momento, nossa existência se revela como intransferível e preciosa. Quase sempre esta revelação se situa na adolescência. A descoberta de nós mesmos se manifesta como um saber que estamos a sós; entre o mundo e nós surge uma impalpável e transparente muralha: a da nossa consciência. É verdade que, mal nascemos, sentimo-nos sós; mas as crianças e os adultos podem transcender a sua solidão e esquecer-se de si mesmos por meio da brincadeira ou do trabalho. Em compensação, o adolescente, vacilante entre a infância e a juventude, fica suspenso um instante diante da infinita riqueza do mundo. O adolescente se assombra com essa nova fase de vida. E segue-se a reflexão: inclinado para o rio de sua consciência pergunta-se se este rosto que aflora lentamente das profundezas, deformado pela água, é o seu. A singularidade de ser – mera sensação na criança – transforma-se em problema e pergunta, em consciência inquiridora. Aos povos em transe de crescimento ocorre alguma coisa parecida. Seu ser se manifesta como interrogação: o que somos e como realizaremos isto que somos?²¹⁷

De certa forma, a interpretação de um “país adolescente” – tomado pela introspecção, pelo autoconhecimento, em formação, etc. – assoalha a necessidade de evidenciá-lo ao mundo como região promissora, em progresso, rumo à “maturidade”. Esse momento de introspecção do país, tal qual na adolescência em fase humana, quando se volta às nações, epifânicas, em sua existência, implicariam o estudo de sua própria História. Conhecer a História seria fazer um exercício de auto-reflexão. Em outras

²¹⁵ PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão e post-scriptum**. 3º Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992. p.55.

²¹⁶ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p.12.

²¹⁷ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p.13.

palavras, o autor estudado apresenta, aos países pelos quais passou e, provavelmente seria publicado, um México caminhando à modernidade.

Sendo assim, continua a reflexão:

A preocupação com o sentido das singularidades do meu país, que compartilho com muitos, parecia-me há tempos supérflua e perigosa. Em vez de perguntarmo-nos a nós mesmos, não seria melhor criar, trabalhar sobre uma realidade que não se entrega àquele que a contempla, mas sim àquele que é capaz de nela mergulhar? O que pode nos diferenciar do resto dos povos não é a sempre duvidosa originalidade de nosso caráter – fruto, talvez, das circunstâncias sempre mutantes –, mas sim a de nossas criações. (...) Minha pergunta, como a dos outros, surgia então como um pretexto do meu medo de enfrentar a realidade; e todas as especulações sobre o pretense caráter dos mexicanos seriam hábeis subterfúgios de nossa impotência criadora. Acreditava, como Samuel Ramos, que o sentimento de inferioridade influi na nossa predileção pela análise e que a escassez de nossas criações se explica, não tanto por um crescimento das faculdades críticas às expensas das criadoras, quanto por uma desconfiança instintiva em relação às nossas capacidades.²¹⁸

Um introspectivo convicto, o adolescente atinge a fase adulta somente quando se identifica em um ambiente, assim como reconhece sua história. De modo que, em 1950, no México, pouco menos de trinta anos após a Revolução Mexicana, poder-se-ia considerar natural que o país repensasse e resignificasse sua História²¹⁹. Por isso, Paz afirma que: “não podemos deixar de nos questionarmos e também de nos contemplarmos”²²⁰. Nesse repensar da história, enfrentar-se-ia um grande entrave: o sentimento de inferioridade do mexicano, também denotado por Samuel Ramos. Diante desse sentimento, o mexicano havia construído máscaras a fim de esconder a sua verdadeira face. Além de esconderem, as máscaras mexicanas haveriam de isolá-lo.

Para Octavio Paz, a modernidade incompleta do México acoplaria em seu território grupos diversificados que verbalizavam diferentes línguas e, sendo assim, proporcionavam

²¹⁸ Ibidem, p.10.

²¹⁹ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p.12.

²²⁰ Ibidem, p.12.

que uma infinidade de épocas coexistisse, inclusive, se ignorando e se asfixiando²²¹. Essas primeiras reflexões começaram a ser redigidas nos EUA, por volta de 1944, ocasião na qual conheceu o grupo de “chicanos” chamado *los pachucos*.

Na cidade de Los Angeles, os *pachucos* abrolharam como vários jovens que se vestiam com um *pantalón*, amarrando-o na cintura e nos tornozelos. Junto a ele, colocavam a grande *solapa*, o *sombrero* e o sapato bicolor (branco e preto)²²². Esse grupo foi responsável pela difusão do “*spanglish*”²²³, uma linguagem que implicaria a união das duas línguas, o espanhol e o inglês²²⁴.

Os *pachucos* singularizavam-se pela conduta, linguagem e a vestimenta, contudo, não ambicionavam definir exatamente aquilo que representavam. Em torno disso, pode-se afirmar que viviam em um entremeio em relação à sociedade estadunidense e à mexicana e por isso, perderiam muito da cultura mexicana, como exemplo, a língua, as crenças, os costumes, a religião, entre outros²²⁵.

Por essa razão, Octavio Paz afirma que a sensibilidade pendular seria uma característica marcante dos *pachucos*²²⁶. Um pêndulo sem razão, que oscila com violência e sem compasso, sem compartilhar de algo concreto²²⁷. Dessa forma, sem reivindicar uma identidade ou tradição, simplesmente não compõem o que lhes cerca:

Como se sabe, os “pachucos” são bandos de jovens, geralmente de origem mexicana, que vivem nas cidades do Sul e que se singularizam tanto por sua vestimenta quanto por sua conduta e sua linguagem. Rebeldes instintivos, contra eles já se refestelou, mais de uma vez, o racismo norte-americano. Mas os *pachucos* não reivindicam a sua raça nem a nacionalidade dos seus antepassados. Apesar de sua atitude revelar uma obstinada e quase fanática vontade de ser, esta vontade não afirma nada de concreto a não ser a decisão – ambígua, conforme veremos – de não ser como os outros que os cercam. O “pachuco” não quer voltar à sua origem mexicana; também – pelo menos na aparência – não deseja

²²¹ Ibidem, p.13.

²²² Ibidem, p. 15.

²²³ O termo traduzido significa espanglês.

²²⁴ Ibidem, p. 16.

²²⁵ Ibidem, p. 17.

²²⁶ Ibidem, p. 17.

²²⁷ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p. 17.

fundir-se à vida norte-americana. Tudo nele é impulso que se nega a si mesmo, nó de contradições, enigma. E o primeiro enigma é o seu próprio nome: pachuco, vocábulo de filiação incerta, que não diz nada e diz tudo. Estranha palavra, que não tem significado preciso ou que, mais exatamente, está carregada, como todas as criações populares, de uma pluralidade de significados! Queiramos ou não, estes seres mexicanos, são um dos extremos a que pode chegar o mexicano.²²⁸

E complementa:

Os mexicanos sofreram uma repulsa menos violenta [em relação aos negros norte-americanos], mas, longe de tentar uma problemática adaptação, procuram torná-las notáveis. Por meio de um dandismo grotesco e de uma conduta anárquica, apontam não tanto a injustiça ou a incapacidade de uma sociedade que não conseguiu assimilá-los quanto a sua vontade pessoal de continuar sendo diferente.²²⁹

A partir dos *pachucos*, Paz direciona sua análise à formação social mexicana, mais precisamente ao homem e a mulher. Em patamares opostos, nosso autor reflete a construção social do masculino e do feminino no México. Um exemplo de hombridade, o mexicano revela-se brusco, machista, recluso, robusto e nebuloso²³⁰. Por outro lado, a mulher firmar-se-ia como exemplo de abertura, efusividade, rompimento e, por sua vez, conectada ao estigma da frincha feminina²³¹. No entanto, o hermetismo seria uma característica de ambos os sexos, posto que fechados, obscuros e enigmáticos.

Para Octavio Paz, o mexicano hermético encobre a sua verdadeira essência, pois sepultou um México, com seus mitos e tradições. Esse mexicano esconde aquilo que faz do país autêntico, diferenciado. Por isso, afirma que: “Talvez a dissimulação tenha nascido

²²⁸ Ibidem, p. 17.

²²⁹ Ibidem, p. 18.

²³⁰ Ibidem, p. 18.

²³¹ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p. 25. [Para Octavio Paz, a mulher mexicana, como tantas outras, seriam marcadas por feridas que irrompem constantemente no seio de uma sociedade machista. Para melhor elaborar essa temática, nosso autor assemelha a ferida irrompida ao órgão sexual feminino, uma fenda aberta que atribui esse estigma ao sexo feminino.]

durante a colônia, índios e mestiços tinham, como no poema de Reyes, de cantar mudos, pois ‘entre dentes ainda ouvem as palavras de rebelião’”²³².

O hermetismo, portanto, revelaria outra característica mexicana, embora oposta: a festa. Noutras palavras, pode-se afirmar que a festa seria uma válvula de escape ao mexicano, na qual se permite falsear as emoções²³³.

Tal qual afirma,

Velho ou adolescente, crioulo ou mestiço, general, operário ou bacharel, o mexicano como um ser que se fecha e se preserva: mascara, o rosto, e mascara, o sorriso. Plantando na arisca solidão, espinhoso e cortês ao mesmo tempo, tudo lhe serve para que se defenda: o silêncio e a palavra, a cortesia e o desprezo, a ironia e a resignação. Tão ciumento de sua intimidade como da alheia, não se atreve sequer a roçar com os olhos o vizinho: um simples olhar pode desencadear a cólera destas almas carregadas de eletricidade. (...) O hermetismo é um recurso de nosso receio e da nossa desconfiança. Mostra que instintivamente consideramos perigoso o meio que nos cerca. Esta reação se justifica, se pensarmos no que foi a nossa história e no caráter da sociedade que criamos. A dureza e a hostilidade do ambiente – e esta ameaça, oculta e indefinível, que sempre flutua no ar – obrigam a que nos fechemos para o que é externo, como estas plantas da chapada que acumulam seus sumos debaixo de uma casca espinhenta.²³⁴

Nesse aspecto, pode-se afirmar que Paz parte para a justificativa sócio-cultural, pois discorre sobre o período colonial colocando-o como responsável pela situação mexicana. Em verdade, a estrutura colonial, segundo o autor, haveria arrancado a autenticidade mexicana, obrigando-o a ser diferente e, por conta disso, a necessidade das máscaras²³⁵.

Por essa razão, analisa o mito da *Malinche*, a indígena do Golfo do México que haveria auxiliado e acompanhado Hernán Cortéz durante a Conquista. O filho da *Malinche*, um fruto do relacionamento com Cortéz, haveria sido execrado pela

²³² Ibidem, p. 26.

²³³ Ibidem, p. 27.

²³⁴ Ibidem, p. 31.

²³⁵ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p. 45.

comunidade indígena. Diante disso, Paz remete às mais variadas idéias trabalhadas no ensaio afirmando que, em algumas festas comemoradas, o mexicano firma-se como um filho de *Malinche*. Como exemplo, a comemoração da Independência que sugeriria traição, ou seja, um filho de *Malinche*, quiçá, um filho de *Chingada*²³⁶.

O mito da *Chingada* revelaria a passividade abjeta, a sedução forçosa do pai e a humilhação da mãe-pátria²³⁷. No culto às divindades masculinas, como Cuahutémoc e Huitzilopochtli, com o avanço do cristianismo permitem-se o surgimento de divindades femininas. Contudo, *Chingada* permaneceu como algo negativo e sem conseguir preencher essa simbologia até então existente, desaba-se em solidão.

Por isso, Octavio Paz afirma que:

A Reforma foi a grande ruptura com a Mãe. Esta separação era um ato fatal e necessário, porque toda a vida verdadeiramente autônoma se inicia com uma ruptura com a família e o passado. Mas ainda nos dói esta separação. Ainda respiramos pela ferida. Daí que o sentimento de orfandade seja o fundo constante de nossas tentativas políticas e de nossos conflitos íntimos. O México está tão só como cada um dos seus filhos. O mexicano e a mexicanidade se definem como ruptura e negação. E, portanto, como busca como vontade de transcender esse estado de exílio. Em resumo, como viva consciência da solidão, histórica e pessoal. A história que não nos podia dizer nada sobre a natureza de nossos sentimentos e de nossos conflitos, pode mostrar-nos agora como se realizou a ruptura e quais foram as nossas tentativas para transcender a solidão.²³⁸

Nos primeiros cinco capítulos, como expostos acima, nosso autor refletiu a formação social do México. Essa primeira parte de *El laberinto de la soledad* beira uma reflexão ontológica do “ser mexicano”. Conforme Paz, o país haveria sofrido um desequilíbrio entre o indivíduo e o ambiente sócio-cultural; entretanto, em 1959, na segunda edição do ensaio afirmou, em nota, que a compreensão do “ser mexicano” não teria sido o fio condutor de sua reflexão²³⁹.

²³⁶ Ibidem, p. 49.

²³⁷ Ibidem, p. 50.

²³⁸ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p. 50.

²³⁹ Ibidem, p. 52.

Nos próximos capítulos do ensaio, Octavio Paz analisa os períodos históricos do México. Por essa razão, divide os capítulos em Conquista, Colônia, Independência, Revolução e Inteligência Mexicana.

Em primeira instância, nosso autor reflete a cultura pré-corteziana e a Conquista do México. Para Octavio Paz, ao longo da Conquista, a cultura pré-corteziana firmaria seu próprio fim²⁴⁰. Uma parte dessa cultura haveria de procurar refúgio na cultura hispânica, recém-chegada, colonizadora, o que definira como “vertigem sagrada”²⁴¹. Outra parte, por repudiá-la, prefere a morte. Com a extenuação das divindades, os que sobram, resta o alento do cristianismo espanhol.

Diante do que define como “esfacelamento da cultura mexicana”²⁴², Paz dirige sua análise à independência²⁴³. Na Independência, a sociedade mexicana auxiliaria a firmar como dirigente a classe de herdeiros da ordem espanhola, abandonando novamente sua autenticidade. Essa mesma autenticidade seria recobrada com a Revolução Mexicana, abrolhada em seu solo e partindo de suas próprias perspectivas. Mediante isso, pode-se afirmar que a Revolução, segundo o autor, haveria despertado o país²⁴⁴.

Em síntese, no que diz respeito à Independência:

A independência oferece a mesma figura ambígua da conquista. A obra de Cortés é precedida pela síntese política que realizam na Espanha os reis católicos e pela que iniciam na América medial os astecas. A independência se apresenta também como um fenômeno de duplo significado: desagregação do corpo morto do império e nascimento de uma pluralidade de novos Estados. Conquista e independência parecem ser momentos de fluxo e refluxo de uma grande onda histórica, que se forma no século XV, estende-se até a América, atinge um momento de belo equilíbrio nos séculos XVI e XVII e finalmente se retira, desagregando-se antes em mil fragmentos. Na independência os povos rompem com a Colônia, mas são incapazes de construir uma sociedade moderna. Afinal, os grupos que fomentaram a independência não

²⁴⁰ Ibidem, p. 68.

²⁴¹ Ibidem, p. 86. [Segundo Octavio Paz, “O fascínio pela cultura espanhola por parte de alguns e a vertigem do suicídio de outros”.]

²⁴² Ibidem., p. 86.

²⁴³ Ibidem, p. 88.

²⁴⁴ Ibidem, p. 90.

constituíram novas forças sociais, mas o prolongamento do sistema feudal. Assim, firmando a sobrevivência e o fragmento de um todo desfeito.²⁴⁵

Nesse cenário, o porfiriato²⁴⁶ configuraria uma forte herança do feudalismo colonial, com alicerce no positivismo. O governo de Porfírio Díaz voltaria suas ambições às principais idéias da burguesia europeia, como a ciência, o progresso e o livre comércio²⁴⁷. Como resultado desse mesmo progresso, ciência e legalidade, o passado retorna, porém sem fecundidade²⁴⁸.

Para Octavio Paz, os intelectuais liberais e, mesmo os positivistas, procuravam resignificar a História do México²⁴⁹ e, por essa razão, inicia-se uma grande produção intitulada História das Ideias com Alfonso Reyes, José Vasconcelos, Antonio Caso e Pedro Henríquez Ureña²⁵⁰.

Os precursores da Revolução não colocavam para si os problemas do México e, segundo o autor, buscaram um novo projeto histórico.

Tal como afirma,

A Revolução Mexicana é um fato que irrompe em nossa história como uma verdadeira revelação do nosso ser. Muitos acontecimentos – que compreendem a história política interna do país e a história, mais secreta, do nosso ser nacional – preparam-na, mas poucas vezes, e todas elas fracas e apagadas, antecipam. A Revolução tem antecedente, causas e motivos; carece, num sentido profundo, de precursores. A Independência não é somente fruto de diversas circunstâncias históricas, mas sim de um movimento intelectual universal, que no México é iniciado no século XVIII. A Reforma é o resultado da obra e da ideologia de várias gerações intelectuais, que a preparam, predizem e realizam. Uma obra da inteligência mexicana.²⁵¹

²⁴⁵ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p. 108.

²⁴⁶ O período referente ao governo ditatorial do general Porfírio Díaz pode ser assim definido. O porfiriato corresponde aos momentos antecessores à Revolução Mexicana.

²⁴⁷ Ibidem, p. 108.

²⁴⁸ Ibidem, p. 109.

²⁴⁹ Ibidem, p. 115.

²⁵⁰ Ibidem, p. 122.

²⁵¹ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p. 123.

O movimento de Emiliano Zapata, por outro lado, embasar-se-ia verdadeiramente na realidade mexicana²⁵². Conforme Octavio Paz, o movimento haveria ressignificado o sentimento de nação e, por isso, modificado o “futuro a se cumprir”, proporcionando o “retorno às origens”²⁵³; ou melhor dito, um retorno às raízes mexicanas e ao passado indígena²⁵⁴. Segundo o autor, o movimento de Zapata se configuraria na expurgação do feudalismo colonial e na instituição de uma legislação que se reajustasse à realidade mexicana²⁵⁵.

Tal como afirma,

A Revolução é uma súbita imersão do México em si mesmo. Das suas profundezas e entranhas extrai, quase às cegas, os fundamentos do novo Estado. Volta à tradição, reatamento dos laços com o passado, rompidos pela Reforma e pela Ditadura, a Revolução é uma busca de nós mesmos e um regresso à mãe. E, por isso, é também uma festa: a festa das balas, para empregar a expressão de Martín Luis Guzmán. Como as festas populares, a Revolução é um excesso e um gasto, um chegar aos extremos, um estouro de alegria e desamparo. Nossa Revolução, é a outra face do México, ignorada pela Reforma e humilhada pela Ditadura. (...) A Revolução mal tem idéias. É um estouro da realidade: uma revolta e uma comunhão, um remexer de velhas substâncias adormecidas, um vir à tona de muitas ferocidades, muitas ternuras e muitas delicadezas ocultas pelo medo de ser.²⁵⁶

No que diz respeito ao movimento de Emiliano Zapata, afirma que:

O zapatismo foi uma volta a mais antiga e permanente das nossas tradições. Num sentido profundo, nega a obra da Reforma, pois constitui um regresso àquele mundo do qual, de um só golpe, quiseram desprender-se os liberais. A revolução se transforma numa tentativa de reintegração

²⁵² Ibidem, p. 125.

²⁵³ Ibidem, p. 130.

²⁵⁴ Ibidem, p. 130.

²⁵⁵ Ibidem, p. 131.

²⁵⁶ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p. 133.

ao nosso passado. Ou, como diria Leopoldo Zea, de “assimilar a nossa história”, de fazer dela uma coisa viva.²⁵⁷

A partir dessa Revolução, a inteligência mexicana, segundo o autor, haveria desenterrado o país. Ao analisar a inteligência mexicana, Octavio Paz objetivou recuperar o pensamento crítico de um grupo que fez da reflexão uma atividade vital na vida política mexicana²⁵⁸. Para tanto, debruça-se sobre o pensamento de José Vasconcelos, um intelectual considerado fundador da educação moderna no México. Essa inteligência mexicana, segundo nosso autor, permitiu ao país que se reencontrasse, por intermédio da história e da tradição²⁵⁹.

Como se vê no enxerto:

Dentro dos muros da Escola Preparatória, a velha escola positivista, tornou-se a ouvir a voz metafísica, que reclama os seus direitos inalienáveis. Vasconcelos era antiintelectualista. Filósofo da intuição, considera que a emoção é a única faculdade capaz de apreender o objeto. O conhecimento é uma visão total e instantânea da realidade. Vasconcelos elabora mais tarde uma “filosofia da raça ibero-americana”, que continua uma corrente muito importante do pensamento hispano-americano. Mas, a influência deste pensador só se deixará sentir anos mais tarde, quando ocupa a Secretaria da Educação Pública no governo do novo regime.²⁶⁰

No ensaio *El laberinto de la Soledad*, Octavio Paz realça aquilo que não considera moderno na sociedade mexicana. Tendo isso feito, nosso autor promove o autoconhecimento, com o intuito de estabelecer novas formas de o país atingir a modernidade, porém, sem desprender-se da autenticidade.

Nesse mesmo ensaio, o poeta delineia questões altissonantes como a “dialética labiríntica da solidão”, a “tradição de ruptura” e a “junção dos opostos”, como possíveis

²⁵⁷ Ibidem, p. 133.

²⁵⁸ Ibidem, p. 134.

²⁵⁹ Ibidem, p. 135.

²⁶⁰ PAZ, Octávio. Op. cit., 1992a, p. 135.

signos de uma modernidade truncada. A partir disso, pode-se constatar que Octavio Paz obviamente parte do pressuposto de que a sociedade mexicana e, inclusive, as sociedades latino-americanas, não seriam modernas.

Para o sociólogo Xavier Rodríguez Ledesma, a premissa desse mesmo conceito em Octavio Paz far-se-ia na forma como o mexicano entende, reage e reflete diante da modernidade²⁶¹. Conforme Rodríguez, Paz representa o povo mexicano como órfão de sua própria História, com consciência de sua solidão e separação do outro; de forma a contrapor a sociedade norte-americana, desenvolvida, bem-resolvida, pois haveria construído seu próprio mundo²⁶².

Tal como afirma,

Alguns acham que todas as diferenças entre os norte-americanos e nós são meramente econômicas, isto é, que eles são ricos e nós somos pobres, que eles nasceram na democracia, no capitalismo e na Revolução Industrial e nós nascemos na Contrarreforma, no monopólio, no feudalismo. Por mais profunda e determinante que seja a influência do sistema de produção na criação de cultura, recuso-me a acreditar que bastará possuímos uma indústria pesada e vivermos livres de qualquer imperialismo econômico para que desapareçam as nossas distinções.²⁶³

Como se pode notar, Rodríguez Ledesma analisa criticamente as reflexões de Paz, no que se refere às diferenças entre norte-americanos e mexicanos, que resultaria na conformação histórica do México.

Segundo Rodríguez,

A explicação para o ser mexicano no texto mencionado gira em torno do posicionamento, distanciamento e atitude do mexicano, frente o moderno. Para Paz, a diferença entre os estadunidenses e os mexicanos não se mantém somente no desenvolvimento econômico, tal discrepância se

²⁶¹ RODRÍGUEZ, Xavier Ledesma. **El concepto de modernidad en Octavio Paz**. Colima: Revista de Estudios sobre la cultura contemporánea. Año/Vol. V, n° 10, ano 2000, p. 127-142. Disponível em: <www.redalyc.org>. Acessado em: fevereiro de 2008. p.02.

²⁶² RODRÍGUEZ, Xavier Ledesma. Op. cit., p.21.

²⁶³ RODRÍGUEZ, Xavier Ledesma. Op. cit., p.23.

firma na conformação histórica mexicana. A chave para compreender a atitude dos nossos povos frente aos temas que a modernidade trouxe (Contra-reforma, racionalismo, positivismo, socialismo) encontra-se na herança deixada pelo período colonial espanhol. A constituição liberal e democrática que gerou o povo latino-americano. Segundo Paz, quando independente da metrópole, a sociedade mexicana realizou esforços vãos para vestir uma áurea moderna. A ideologia liberal e democrática serviu para ocultar a realidade histórica que se vivia.²⁶⁴

Em suma, pode-se afirmar que a modernidade mexicana e, inclusive, a latino-americana, segundo Octavio Paz, firmar-se-ia em um acesso labiríntico em razão dos entremeios, por suas divisões e passagens interligadas, com disposições irregulares e complicadas. Dentro disso, a solidão seria a consequência da modernidade em si; o isolamento do indivíduo.

Para a teórica literária Prof. Dr. Maria Ivonete Santos Silva, no ensaio *El laberinto de la soledad*:

Em 1950, se, por um lado, encontramos uma crítica mordaz ao mexicano “fechado”, preso em si mesmo, temeroso em abrir-se e revelar-se ao outro e a si mesmo, por outro, encontramos uma “volta” ao surrealismo, quando suas considerações visam, claramente, explorar o subconsciente e o sonho que levou Breton a definir o movimento como “*el descenso vertiginoso en nosotros mismo, la iluminación sistemática de los lugares ocultos*”. (...) O imperativo é negar por isso ele define a poesia moderna como uma experiência que implica uma negação do mundo exterior.²⁶⁵

Para melhor salientar a importância desse ensaio na trajetória do poeta, o teórico literário Ladislav Franek, afirma que:

O Labirinto da Solidão foi escrito enquanto o autor esteve em Paris, em 1948 e 1949, embora muitos de seus tópicos tenham sido revisados ao longo de sua carreira. A primeira edição foi publicada no México em 1950. Como adendo de muitas críticas e autocríticas do autor, em 1970, adicionou-se Posdata. O interesse de Octavio Paz na História do México

²⁶⁴ Ibidem, p. 03.

²⁶⁵ SILVA, Maria Ivonete Santos. Op. cit., 2006a, p. 20.

tornou-se uma idéia fixa, fruto da ânsia em encontrar solução aos problemas do país. Em *Labirinto da Solidão* não se encontra estórias ficcionais, mas uma relação emocional, nem sempre feliz, do escritor com sua terra natal. “Procurando por México ou por mim mesmo?”, diria Octavio Paz. Provavelmente, estaria procurando um lugar no México. Um lugar reservado a ele no país. Quem sabe, procurando o lugar que o México ocupa dentro dele. Por esta razão, escreve *El pelegrine en su patria*, mediante a pergunta, “sou um estrangeiro em minha própria terra?”.²⁶⁶

Após a publicação de *El laberinto de la Soledad*, Octavio Paz compôs uma grande quantidade de ensaios críticos que analisariam os seguintes assuntos: a poesia moderna, o ofício do escritor, os movimentos literários, a história mexicana, a modernidade (latino-americana e mexicana), os projetos modernizadores, a democracia, a liberdade, a fraternidade, entre outros.

A partir da década de 1970, ensaios como, *El ogro filantrópico: historia y política (1971-1978)* (1979), *Itinerario* (1980), *Tiempo Nublado* (1983), *México en la obra de Octavio Paz: el peregrino en su patria (Historia y política del México)* (1987), adotariam uma análise distinta daquela até então exercida. Esse período corresponderia a um momento significativo do contexto político cultural mexicano. Afinal, refere-se ao período posterior ao massacre dos estudantes universitários em praça pública, que chocou todo o país, especialmente pelo fato de ter sido filmado, fotografado e difundido por importantes jornais e revistas.

Às vésperas dos XV Jogos Olímpicos, o presidente Gustavo Díaz Ordaz Bolaños (1964-1970) empenhou-se em mostrar um novo México ao mundo. Com o evento esportivo, conseguiria a atenção necessária para a construção da nova imagem. Alguns dias antes, os estudantes da UNAM – *Universidad Nacional Autónoma de México* –, aproveitando-se dessa mesma atenção, fizeram uma série de manifestações e, Díaz Ordaz ordenou que o exército ocupasse o campus universitário. Os estudantes foram espancados

²⁶⁶ FRANEK, Ladislav. **An essay on modernism of Octavio Paz**. Slovak: Institute of world literature, Slovak Academy of Science, Department of Romance Languages, Faculty of Arts, Comenius University, Bratislava, Human Affairs, n° 8, 1998.

e detidos de forma indiscriminada. Em forma de protesto, o então Reitor da UNAM, Javier Barros Sierra se demitiu.

Também em protesto a essas agressões, no dia 02 de Outubro de 1968, por volta de 5.000 universitários e trabalhadores, planejaram uma manifestação na Praça de Tlatelolco, Cidade do México. Insatisfeito, o presidente determinou o cerco da praça pelo exército; inclusive, ocupando o topo dos prédios e sobrelojas. Logo depois, ordenou que atirassem em todos ali presentes. As fontes oficiais apontam para um montante de 04 mortos e 20 feridos. Outras fontes como a historiografia, os jornais e as testemunhas afirmam um número equivalente de 200 a 300 mortos.

O sangrento desfecho desse episódio também conhecido como “massacre de Tlatelolco” provocou repulsa em muitos intelectuais da época, assim como grande comoção da população mexicana, contribuindo para que antigas insatisfações em relação ao governo viessem à tona. No caso de Octavio Paz, o massacre afetou-o profundamente, principalmente pela barbárie policial e intolerância do governo²⁶⁷. Por essa razão, ele renunciou ao cargo diplomático que exercia na Índia, já havia seis anos, em sinal de protesto. Isso se deu (a renúncia) através da conhecida carta de demissão, na qual o autor defendia a liberdade individual mediante qualquer circunstância²⁶⁸.

Após esses acontecimentos e essa tomada de posição, os ensaios críticos vindouros constituiriam reflexões sobre os possíveis caminhos do México à modernidade, com propostas modernizadoras que visavam compreendê-la em seus impasses e contrapontos. A partir da (re)discussão da modernidade, nosso autor clama por aquilo que diz estar ausente nela, como a democracia e a liberdade. Por esta razão, menciona constantemente a tradição crítica e, diante disso, propõe ao país participar da modernidade, no mínimo pela autocrítica, para redimir e expurgar as consequências dessa ausência.

Para Octavio Paz, a modernidade seria essencialmente uma aspiração e, que, incessantemente, absorve o passado e o futuro²⁶⁹. Noutras palavras, a convergência de

²⁶⁷ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 139.

²⁶⁸ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 140. [Octavio Paz pela carta provocou a comoção das letras e das ciências humanas, assim como a angariação da antipatia de grande parte da opinião oficial]

²⁶⁹ PAZ, Octavio. **Obras completas**: El peregrino en su patria. Vol.8. México: FCE, 1994. p.22.

tempos, na qual um passado vivo e pulsante molda o futuro, para o advento do agora, o presente próspero²⁷⁰. Um retorno às origens, ou melhor, uma reconciliação com a antiguidade, objetivando melhor recepcionar o novo. Transforma-se em um momento de genuína liberdade, no qual o homem reinventa-se, por meio daquilo que lhe é consubstancial, a crítica. Como se pode notar, nosso autor inverte a lógica da modernidade voltada ao futuro e, por sua vez, ao progresso.

Anos mais tarde, Paz questionaria essa inversão, como se vê no excerto:

*La modernidad es una palabra en busca de su significado: ¿es una idea, un espejismo o un momento de la historia? ¿Somos hijos de la modernidad o ella es nuestra creación? Nadie lo sabe a ciencia cierta. Poco importa: la seguimos, la perseguimos. Para mí, en aquellos años, la modernidad se confundía con el presente o, más bien, la producía: el presente era su flor extrema y última.*²⁷¹

Nas palavras do autor, contudo, o fundamento da modernidade:

*Es una paradoja doble: por una parte, el sentido no reside ni en el pasado ni en la eternidad sino en el futuro y de ahí que la historia se llame asimismo progreso; por la otra, el tiempo no reposa en ninguna revelación divina ni en ningún principio inmovible: lo concebimos como un proceso que se niega sin cesar y así se transforma. El fundamento del tiempo es la crítica de sí mismo, su división y separación constantes; su forma de manifestación no es la repetición de una verdad eterna o de un arquetipo: el cambio es su sustancia.*²⁷²

Por esta razão, Octavio Paz afirma que a busca pela modernidade implicaria no retorno às origens, pois ela conduz ao começo e, por sua vez, à reconciliação. Neste ponto, o passado e o futuro juntam-se no presente, estabelecendo a liberdade de reinventar-se, como afirma:

²⁷⁰ PAZ, Octavio. Op. cit., 1994a, p.22.

²⁷¹ Ibidem, p.36.

²⁷² PAZ, Octavio. **Ogro filantrópico**. 4ª Ed. São Paulo: Editoria Paz e Terra, 1989. p. 122.

*Volví a mi origen y descubrí que la modernidad no está afuera sino adentro de nosotros. Es hoy y es la antigüedad más antigua, es mañana y es el comienzo del mundo, tiene mil años y acaba de nacer. Habla en náhuatl, traza ideogramas chinos del siglo IX y aparece en la pantalla de televisión. Presente intacto, recién desenterrado, que se sacude el polvo de siglos, sonrío y, de pronto, se echa a volar y desaparece por la ventana. Simultaneidad de tiempos y de presencias: la modernidad rompe con el pasado inmediato solo para rescatar al pasado milenario y convertir a una figurilla de fertilidad del neolítico en nuestra contemporánea. Perseguimos a la modernidad en sus incesantes metamorfosis y nunca logramos asirla. Se escapa siempre: cada encuentro una fuga. La abrazamos y al punto se disipa: sólo era un poco de aire. Es el instante, ese pájaro que esta en todas partes y ninguna. Queremos asirlo vivo pero abre con las alas y se desvanece, vuelto un puñado de sílabas. No quedamos con las manos vacías. Entonces las puertas de la percepción se entran y aparece el otro tiempo, el verdadero, el que buscábamos sin saberlo: el presente, la presencia.*²⁷³

De tal modo, a tradição moderna haveria convergido os limites existentes entre passado, presente e futuro. Isso ocorreu, pois a crítica, bem como a autocrítica, fundamentariam essa ânsia por mudança; a mudança do agora, buscando um presente único, diferente dos outros. Por isso, nosso autor menciona uma modernidade auto-suficiente, heterogênea, plural e multifacetada. Conforme, Paz: “*cada época, cada generación, cada año y aun cada día tienen su modernidad: nunca la misma. No obstante, todas se parecen en algo: el querer ser moderno*”²⁷⁴.

Dessa mesma forma, Octavio Paz expõe uma modernidade heterogênea, como mencionada acima em *El peregrino en su patria* (1987), no ensaio *La casa de la presencia* (1979):

Hay tantas «modernidades» como épocas históricas. No obstante, ninguna sociedad ni época alguna se ha llamado a sí misma moderna — salvo la nuestra. Si la modernidad es una simple consecuencia del paso del tiempo, escoger como nombre la palabra moderno es resignarse de antemano a perder pronto su nombre. ¿Cómo se llamará en el futuro la

²⁷³ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 41.

²⁷⁴ PAZ, Octavio. Op. cit., 1994a, p. 36.

época moderna? Cada sociedad se asienta en un nombre, verdadera piedra de fundación; y en cada nombre la sociedad no sólo se define sino que se afirma frente a las otras. Nuestra sociedad también divide al mundo en dos: lo moderno — lo antiguo. Esta división no opera únicamente en el interior de la sociedad — allí asume la forma de la oposición entre lo moderno y lo tradicional.²⁷⁵

Por isso, complementa:

Tradición de lo moderno: heterogeneidad, pluralidad de pasados, extrañeza radical. Ni lo moderno es la continuidad del pasado en el presente ni el hoy es el hijo del ayer: son su ruptura, su negación. Lo moderno es autosuficiente: cada vez que aparece, funda su propia tradición. Una paradoja que es, simultáneamente, el principio intelectual que los justifica y que los niega, su alimento y su veneno. Desde su nacimiento, la modernidad es una pasión crítica y así es una doble negación, como crítica y como pasión, tanto de las geometrías clásicas como de los laberintos barrocos.²⁷⁶

Mediante isso, pode-se afirmar que o combustível para a tão mencionada mudança, segundo Paz, uma característica fundamental da modernidade, consistiria na negação de si mesma, por intermédio da crítica e/ou autocrítica. Ou melhor dito, a divisão, bem como separação, daquilo que antes era considerado uma constante e que, por sua vez, promulga o estabelecimento de um novo presente²⁷⁷.

Nesse mesmo ensaio, no que se refere à tradição moderna, à crítica e às mudanças, Paz afirma que:

La tradición moderna borra las oposiciones entre lo antiguo y lo contemporáneo y entre lo distante y lo próximo. El ácido que disuelve todas esas oposiciones es la crítica. Sólo que la palabra crítica posee demasiadas resonancias intelectuales y de ahí que prefiera acoplarla con otra palabra: pasión. La unión de pasión y crítica subraya el carácter paradójico de nuestro culto a lo moderno. Pasión crítica: amor

²⁷⁵ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 122.

²⁷⁶ Ibidem, p. 122.

²⁷⁷ PAZ, Octavio. Op. cit., 1994a, p. 36.

*inmoderado, pasional, por la crítica y sus precisos mecanismos de desconstrucción, pero también crítica enamorada de su objeto, crítica apasionada por aquello mismo que niega. Enamorada de sí misma y siempre en guerra consigo misma, el cambio perpetuo, es su principio. Un presente único, distinto a todos los otros.*²⁷⁸

Sendo assim, complementa:

*La oposición a la modernidad opera dentro de la modernidad. Criticarla es una de las funciones del espíritu moderno; y más: es una de las maneras de realizarla. El tiempo moderno es el tiempo de la escisión y de la negación de sí mismo, el tiempo de la crítica. La modernidad se identificó con el cambio, identificó el cambio con la crítica y a los dos con el progreso.*²⁷⁹

Para Octavio Paz, no âmbito político, a modernidade desembocaria em duas vertentes: a democracia e o liberalismo. Uma via obrigatória para alcançar o liberalismo democrático, cujo programa encaminharia a uma convivência civilizada, assim como novas formas de poder, embasados na cidadania, em uma atmosfera de diálogo e tolerância; por isso, expõe que o liberalismo capitalista e a técnica não satisfariam o homem, perante sua estrutura complexa²⁸⁰.

Por outro lado, no âmbito econômico, implicaria o processo sócio-econômico, com base no avanço dos níveis produtivos. Não obstante nosso autor não enalteça o mercado e o progresso, concebendo-os como males do liberalismo capitalista e, por isso, realizou algumas constatações polêmicas; como exemplo, a afirmação de que a intervenção estatal na economia seria fundamental para acelerar o crescimento das forças produtivas e que, no México, graças a essa política intervencionista, a evolução econômica seria umas das mais rápidas e duradouras²⁸¹.

Conforme Xavier Rodriguez Ledesma,

²⁷⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 122.

²⁷⁹ Ibidem, p. 121.

²⁸⁰ PAZ, Octavio. **Tempo Nublado**. 2º Ed. São Paulo: Editora Guanabara, 1986. p.13.

²⁸¹ RODRÍGUEZ, Xavier Ledesma. Op. cit., p. 13.

Até aqui existem dois elementos para se tratar nas reflexões de Octavio Paz:

- 1) A modernidade torna-se sinônimo de desenvolvimento. Na esfera política, significa democracia e liberdade. Na esfera econômica, significa acesso a produção capitalista;
- 2) O desenvolvimento significa avanço nos níveis produtivos, instauração ampla e plena de capitalismo. A partir disso, os problemas inerentes a uma sociedade subdesenvolvida desapareceriam.²⁸²

Na retórica ensaística de Octavio Paz, as ideias fundamentais da modernidade consistiriam na ciência, na democracia, na evolução, na liberdade e na revolução, todas elas provenientes da crítica²⁸³; de tal modo que o referido autor expõe o liberalismo democrático como forma ideal de governo, entretanto, a questão cerne de sua obra, seria a liberdade individual. Assim como a democracia, a igualdade e a fraternidade, consistiram na tríade moderna²⁸⁴.

Como se vê no enxerto:

*A mi modo de ver, la palabra central de la tríada es fraternidad. En ella se enlazan las otras dos. La libertad puede existir sin igualdad y la igualdad sin libertad. La primera, aislada, ahonda las desigualdades y provoca las tiranías; la segunda, oprime a la libertad y termina por aniquilarla. La fraternidad es el nexo que las comunica, la virtud que las humaniza y las armoniza. Una virtud que no conocieron ni los griegos ni los romanos, enamorados de la libertad pero ignorantes de la verdadera compasión. Dadas las diferencias naturales entre los hombres, la igualdad es una aspiración ética que no puede realizarse sin recurrir al despotismo o a la acción de la fraternidad. Asimismo, mi libertad se enfrenta fatalmente a la libertad del otro y procura anularla. El único puente que puede reconciliar a estas dos hermanas enemigas — un puente hecho de brazos enlazados— es la fraternidad. Sobre esta humilde y simple evidencia podría fundarse, en los días que vienen, una nueva filosofía política.*²⁸⁵

²⁸² Ibidem, p.14.

²⁸³ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 132.

²⁸⁴ Ibidem, p. 226.

²⁸⁵ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 226.

Por outro lado, o mercado, o progresso e a técnica, conforme o autor, firmar-se-iam como uma letargia da modernidade. Afinal, para enaltecê-las a modernidade sacrificaria alguns de seus elementos; como exemplo, a nação.

Tal como afirma,

*Conviértase en una idea a la que todos los valores humanos se sacrifican: la nación. Al antiguo señor —tirano o clemente, pero al que siempre se puede asesinar— sucede el Estado, inmortal como una idea, eficaz como una máquina, impersonal como ellas y contra el que no valen las súplicas ni el puñal porque nada lo apiada ni lo mata. Al mismo tiempo el culto a la técnica gana las almas y reemplaza a las antiguas creencias mágicas.*²⁸⁶

Nesse aspecto, pode-se afirmar que a técnica fecharia os meios de comunicação entre o homem e o ambiente em que vive, bem como com seus semelhantes, provocando a superficialidade das relações, ou seja, a ausência de fraternidade.

Como se vê no enxerto:

*El hombre moderno se sirve de la técnica como su antepasado de las fórmulas mágicas, sin que ésta, por lo demás, le abra puerta alguna. Al contrario, le cierra toda posibilidad de contacto con la naturaleza y con sus semejantes: la naturaleza se ha convertido en un complejo sistema de relaciones causales en el que las cualidades desaparecen y se transforman en puras cantidades; y sus semejantes han dejado de ser personas y son utensilios, instrumentos. La relación del hombre con la naturaleza y con su prójimo no es esencialmente distinta de la que mantiene con su automóvil, su teléfono o su máquina de escribir. En fin, la credulidad más grosera que no malgasta ni la pesadilla circular del mercado. Solo la fraternidad lo faría. Advierto que no hago sino imaginar o, más exactamente, entrever, ese pensamiento. Lo veo como el heredero de la doble tradición de la modernidad: la liberal y la socialista. No creo que deba repetir las sino trascenderlas. Sería una verdadera renovación.*²⁸⁷

²⁸⁶ Ibidem, p. 191.

²⁸⁷ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 191.

Essa visão crítica da modernidade, como se nota acima, haveria de revelar que a América Latina e, principalmente, o México, viveriam em uma modernidade truncada, incompleta. Por isso, analisou a modernidade em seu país e na região latino-americana, com o objetivo de encaminhá-los ao que definiu como *modernización auténtica*. A partir dessas reflexões, como dito anteriormente, nosso autor procurou suscitar novas ideias para esse antigo debate latino-americano.

Para Octavio Paz, a modernidade latino-americana sentir-se-ia alheia à européia. No entanto, a modernidade européia, única estabelecida, garantiu “nomes pejorativos” àqueles que distam dela, como exemplo, a dependência, o subdesenvolvimento, o atraso, entre outros. Essa inferioridade haver-se-ia interiorizado no inconsciente latino-americano, e, por isso, as suas sociedades deveriam expurgá-las mediante a reflexão daquilo que realmente representam.

Por isso, nosso autor questiona o que de fato implicaria em ser moderno, tal como afirma:

Es inferior por no ser moderno. Su extrañeza — su inferioridad — le viene de su «atraso». Sería inútil preguntarse: ¿atraso con relación a qué y a quién? Occidente se ha identificado con el tiempo y no hay otra modernidad que la de Occidente. Apenas si quedan bárbaros, infieles, gentiles, inmundos; mejor dicho, los nuevos paganos y perros se encuentran por millones, pero se llaman (nos llamamos) subdesarrollados... Aquí debo hacer una pequeña digresión sobre ciertos y recientes usos perversos de la palabra subdesarrollo. El adjetivo subdesarrollado pertenece al lenguaje anémico y castrado de las Naciones Unidas. Es un eufemismo de la expresión que todos usaban hasta hace algunos años: nación atrasada. El vocablo no posee ningún significado preciso en los campos de la antropología y la historia: no es un término científico, sino burocrático. A pesar de su vaguedad intelectual — o tal vez a causa de ella —, es palabra predilecta de economistas y sociólogos.

Para eliminar tal subdesenvolvimento, os países “modernos” do Ocidente haveriam destruído, em uma progressiva degradação, a cultura e o território, em nome do

desenvolvimento, do progresso e da modernidade. Uma devastação que, segundo Paz, haveria de ser menor somente em relação à ganância que condenou a América Latina²⁸⁸.

Tal como afirma,

La identificación entre modernidad y civilización se ha extendido de tal modo que en América Latina muchos hablan de nuestro subdesarrollo cultural. (...) Con el pretexto de acabar con nuestro subdesarrollo, en las últimas décadas hemos sido testigos de una progresiva degradación de nuestro estilo de vida y de nuestra cultura. El sufrimiento ha sido grandioso y las pérdidas más ciegas que las ganancias. No hay ninguna nostalgia oscurantista en lo que digo — en realidad los únicos oscurantistas son los que cultivan la superstición del progreso cueste lo que cueste. Sé que no podemos escapar y que estamos condenados al «desarrollo»: hagamos menos inhumana esa condena. Desarrollo, progreso, modernidad: ¿cuándo empiezan los tiempos modernos? Entre todas las maneras de leer los grandiosos libros del pasado hay una que prefiero: la que busca en ellos, no lo que somos, sino justamente aquello que niega lo que somos.²⁸⁹

Diante disso, Paz clamou por uma modernidade autêntica, mas que em sua (re)invenção seguisse os contornos daquilo que haveria criado o povo latino-americano, para barrar os moldes de incompletude moderna.

No ensaio *Itinerario*, Paz afirma:

Yo creo que, como los otros países de América Latina, México debería encontrar su propia modernidad. En cierto sentido, debería reinventarla. Pero reinventarla nos modos de vivir y morir, producir y consumir, trabajar y gozar, que formarán nuestros pueblos. Eres un trabajo que conmina de una condición social y histórica favorables, un extraordinario realismo y una imaginación no menos extraordinaria. Credo que, antes de ejecutar la crítica de nuestra sociedad, de su historia y presente, nosotros, escritores hispano-americanos, debemos empezar por la crítica de nosotros mismos. La primera eres curarnos de la intoxicación de ideologías simplistas y simplificadoras. Muchos son los ejemplos de nuestra incompleta modernidad.²⁹⁰

²⁸⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 200.

²⁸⁹ Ibidem, p. 200.

²⁹⁰ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 117.

Por fim, os ensaios críticos literários de Octavio Paz refletem a modernidade da América Latina e, principalmente, do México. Por intermédio de um amplo foco analítico que abarca a antropologia, a arte, a poesia, a política, a filosofia e a história, nosso autor analisa o conceito a fim de encaminhar o país a um processo autêntico de modernização e que, primeiramente, partiria de uma mentalidade moderna. A partir dessa reflexão, Paz objetivou suscitar novas problematizações para esse antigo, porém imprescindível, debate latino-americano.

CAPÍTULO 3

Do Ensaísmo Dialético ao Projeto Moderno Mexicano: A Proposta Reflexiva da Democracia e da Liberdade

*El dinero y su rueda,/el dinero y sus números huecos,/el dinero y su rebaño de espectros./ (...)El planeta se vuelve dinero,/el dinero se vuelve número,/el dinero se come al tiempo,/el tiempo se come al hombre,/ el dinero se come al tiempo./ La muerte es un sueño que no sueña el dinero./El dinero no dice tú eres:/el dinero dice cuánto.*²⁹¹

²⁹¹ PAZ, Octavio. **Calamidades y Milagros**. Entre la piedra y la flor. In: Libertad Bajo la palabra. 3º Ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. p. 90.

3.1. O Ogro Filantrópico e a colheita de tempestades: o antiestatismo, a democracia e a liberdade

*Y ahora que mis manos sangran y mis dientes tiemblan, inseguros. En una cavidad rajada por la sed y el polvo. Me detengo y contemplo mi obra: he pasado la segunda parte de mi vida rompiendo las piedras. Perforando las murallas. Taladrando las puertas y apartando los obstáculos que interpuse entre la luz y yo durante la primera parte de mi vida.*²⁹²

*Ante el patriarca nestoriano latió más fuerte mi corazón herético.*²⁹³

Após a exposição e análise do conceito de modernidade do poeta Octavio Paz, a presente pesquisa suscita elementos de discussão sobre a procedência liberal – apropriação e entendimento – do referido autor. A partir disso, objetiva-se a compreensão de sua proposta política de modernização – o projeto moderno mexicano –, proposta essa que abarca primordialmente a democratização mexicana e uma reforma partidária que alterasse o hegemonismo do *Partido Revolucionario Institucional* (PRI). Para tanto, parte-se da concepção de modernidade já trabalhada com o intuito de melhor fundamentá-la. Tendo em vista que, essa mesma proposta, far-se-ia reflexo indubitável da leitura que Paz realizou da situação política mexicana. Discute-se então a posição do autor aqui estudado no debate sobre o hegemonismo partidário do PRI que, em verdade, a partir de um antiestatismo arraigado, elaborou soluções ao que considerou como os impasses da modernidade mexicana.

Em suma, a modernidade consistiu no ponto central das obras de Octavio Paz. Como já mencionado, esse conceito, segundo Paz, se configuraria em uma aspiração que absorve incessantemente o passado e o futuro. Uma convergência de tempos (passado, presente e futuro), cujo passado vivo e pulsante molda o futuro, para o advento do

²⁹² PAZ, Octavio. **Trabajos del poeta**. Entre la piedra y la flor. In: *Libertad Bajo la palabra*. 3º Ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. p. 176.

²⁹³ PAZ, Octavio. **Ladera este**. Barcelona: Seix Barral, 1981. p. 54.

presente. Um agora próspero, transforma-se no “retorno às origens”, ou melhor, na reconciliação com a antiguidade que objetiva uma melhor recepção do porvindouro “futuro”; momento esse de genuína liberdade, no qual o homem reinventa-se por intermédio daquilo que lhe é consubstancial: a crítica. Nesse aspecto, a crítica seria fundamental à ânsia moderna por mudança; a mudança do agora em busca do presente único, diferente dos outros. Por essa razão, nosso autor ambicionou para a América Latina uma modernidade auto-suficiente, plural, multifacetada, etc..

Na publicação de *El laberinto de la Soledad*, em 1950, Paz haveria de refletir pela primeira vez a questão da modernidade mexicana²⁹⁴. Nesse mesmo ensaio, analisou a “dialética labiríntica da solidão”, a “tradição de ruptura” e a “junção dos opostos”; considerando-os possíveis signos de uma modernidade incompleta. Mediante disso, promoveu o autoconhecimento do país a fim de estabelecer novas formas de rumar à modernidade. Logo após, redigiu uma série de ensaios críticos que analisaram assuntos como a poesia moderna, o ofício do escritor, os movimentos literários, a história mexicana, a modernidade mexicana e latino-americana, os projetos modernizadores, entre outros.

A partir de 1970, no entanto, os vindouros ensaios de Paz exerceriam uma crítica mais acirrada ao contexto político-cultural mexicano. Como muito frisado aqui, esse início de década refere-se ao período posterior ao massacre de Tlatelolco, que ocorreu em 02 de Outubro de 1968. Esse episódio provocou grande comoção da população mexicana, de tal modo que contribuiu para que antigas insatisfações em relação ao governo vissem à tona. Como já mencionado, nosso autor chocou-se com o ocorrido e, sendo assim, renunciou ao cargo diplomático que exercia na Índia desde 1962.

Na entrevista *Tela de juicios* concedida a Julio Scherer, em 1993, pode-se notar que Paz posteriormente refere-se ao ano de 1968 com cautela e certa dose de superficialidade.

Como se lê:

²⁹⁴ No início da década de 1950, Octavio Paz havia se inclinado ao ensaísmo literário, com o intuito de alcançar seu público de forma mais direta, assim como desprender-se do isolamento intelectual no qual estava encerrado no país.

- *Evocas mi regreso a México en 1971, después de 12 años de ausencia. Aunque en octubre de 1968 había dejado la Embajada de México en la India, no creí que fuese cuerdo volver al país inmediatamente. Aparte de la hostilidad gubernamental, me habría visto envuelto en querellas estériles y circunstanciales, lo mismo con el poder público que con la oposición. Decidí esperar un poco: era claro que la represión no podía prolongarse y que pronto se abrirían espacios libres que harían posible la crítica y el debate. En octubre de 1969, pronuncié una conferencia en la Universidad de Austin que, ampliada, se transformó en un pequeño libro: **Posdata** (1970). En esas páginas sostenía que la salida de la crisis histórica que vivía México no era la revolucionaria que proponían los líderes estudiantiles y la mayoría de la izquierda sino la instauración de una verdadera democracia. Hasta entonces habíamos vivido bajo la hegemonía de un partido estatal, un régimen de compromiso entre la democracia auténtica y la dictadura de un César revolucionario. El sistema daba un poder inmenso al presidente pero lo limitaba a un periodo de seis años; un organismo impersonal – el partido – aseguraba la continuidad. Afirmé que después de 1968 esta situación de excepción no podía prolongarse más sin peligro de estallido o de recaída en una franca dictadura. La alternativa histórica consistía en elegir entre la democracia y la dictadura.*²⁹⁵

Os ensaios crítico-literários de Octavio Paz, nesse período, constituiriam reflexões bem fundamentadas sobre os possíveis caminhos do México rumo à modernidade, porém, agora instando por aquilo que diria ausente no país, como exemplo, a democracia plural e a liberdade individual. Para amenizar isso, o autor propôs ao México adentrar a modernidade por intermédio da crítica e/ou da autocrítica.

Em suma, essa retórica ensaística de Paz estabeleceu-se a partir de uma subjetividade que lhe permitiu uma análise de amplo espectro e, portanto, a abrangência antropológica, artística, histórica, literária, política, etc.. Ou seja, nos ensaios de Paz não há uma análise acadêmica profunda e formal. Destarte, pode-se dizer que nosso autor foi um intelectual democrático, com responsabilidade pública; que concebeu a modernidade como algo metafísico e que, por consequência, não trilhou sua trajetória intelectual como ator político.

²⁹⁵ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 214-215.

Após o massacre de Tlatelolco, cabe aqui lembrar que nosso autor retornou ao México somente após a nomeação à presidência de Luís Echeverría Alvarez (1970-1976)²⁹⁶. Logo depois, em 1972, fundou a renomada revista literária *Plural*, que contou com a colaboração de importantes intelectuais mexicanos. Não obstante, o governo de Echeverría acusou frequentemente a revista de posturas antidemocráticas; de modo a interferir frequentemente nas suas publicações. Por isso, em 1976, a própria equipe resolveu fechá-la.

Nesse mesmo ano, Paz e os colaboradores da *Plural* fundaram uma nova revista literária sob o título de *Vuelta* (1976-1998). Essa nova revista perdurou por mais de vinte anos.

No decorrer do decênio, Octavio Paz produziu uma grande quantidade de obras poéticas e ensaísticas, cujos títulos seriam respectivamente *Topoemas* (1970), a *Renga* (1972), a *El mono gramático* (1974), a *Pasado en claro* (1975), a *Vuelta* (1976), a *Hijos del aire* (1979) e a *Poemas (1935-1975)* (1979); *Posdata* (1970), *Las cosas en su sitio: sobre la literatura española del siglo XX* (1971), *Traducción: literatura y literalidad* (1971), *El signo y el garabato* (1973), *Solo a dos voces* (1973), *Teatro de signos/Transparencias* (1974), *Versiones y diversiones* (1974), *La búsqueda del comienzo* (1974), *Los hijos del limo: del romanticismo a la vanguardia* (1974), *Xavier Villaurrutia en persona y en obra* (1978), *El ogro filantrópico: historia y política (1971-1978)* (1979), *In/mediaciones* (1979) e *México en la obra de Octavio Paz* (1979)²⁹⁷.

No ano de 1979, o referido autor publicou o importante ensaio *El ogro filantrópico*. Essa mesma obra refletiu sobre o hegemonismo partidário do PRI e o conseqüente impacto desse governo na democracia mexicana. Em *El ogro filantrópico*, Paz afirmou que o PRI não deveria ser destituído, mas sim reestruturado, pois não havia no país outro

²⁹⁶ Como já mencionado, para dar seguimento ao objetivo aqui proposto, nesta terceira etapa da pesquisa, recuperam-se certos aspectos da trajetória intelectual de Octavio Paz, muito embora também tenham sido trabalhados no primeiro capítulo.

²⁹⁷ Nesse aspecto, pode-se afirmar que a produção literária de Octavio Paz far-se-ia imensa, por exemplo, entre 1970 e 1990, consistem em vinte e sete ensaios, onze obras poéticas, duas prosas poéticas, uma peça teatral e uma tradução. Essas obras abrangem com seu amplo foco analítico a poesia experimental, a cultura asiático-oriental, a arte mesoamericana, os modelos de desenvolvimento, europeu e norte-americano, a modernidade latino-americana e mexicana, os respectivos projetos de modernização, o Estado contemporâneo, etc..

partido político suficientemente forte para substituí-lo. Tal análise lhe garantiu, mais uma vez, afirmações rigorosas a seu respeito.

Nas palavras do autor, o ensaio crítico *El ogro filantrópico*:

(...) explica como essa filosofia [positivismo] foi adotada pelas classes dominantes. Tanto na Europa quanto entre nós, o positivismo foi uma filosofia destinada a justificar a ordem social imperante. Entretanto, ao cruzar o mar o positivismo mudou de natureza. Lá a ordem social era a da sociedade burguesa: democracia, livre discussão, técnica, ciência, indústria, progresso. No México, com os mesmos esquemas verbais e intelectuais, foi na realidade a máscara de uma ordem fundada no sistema latifundiário. O positivismo mexicano introduziu um determinado tipo de má fé nas relações com as idéias.²⁹⁸

Ao longo da década de 1980, Octavio Paz manteve a grande produção literária, com obras poéticas e ensaísticas cujos títulos seriam respectivamente *Prueba del nueve* (1985), *Árbol adentro (1976-1987)* (1987) e *Lo mejor de Octavio Paz. El fuego de cada día* (1989); a *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe* (1982), *Tiempo nublado* (1983), *Sombras de obras* (1983), *Hombres en su siglo y otros ensayos* (1984), *Pasión crítica: conversaciones con Octavio Paz* (1985), *México en la obra de Octavio Paz* (três volúmenes) (1985), *Primeras Letras (1931-1943)* (1988) e *Poesía, mito, revolución* (1989). Essas publicações lhe garantiram importantes prêmios literários e, por assim dizer, firmaram uma nova etapa de sua vida, como literato galardoado e reconhecido mundialmente.

No ano de 1984, Paz publicou o renomado ensaio *Tiempo nublado*, ensaio esse que abrangeu a reflexão sobre esse dilema mexicano (imobilidade e democracia) e, a partir desse pressuposto, analisou a decadência do império norte-americano. Dessa forma, a modernidade norte-americana faria de sua sociedade culpada e, por isso, definida pelo autor como “o pecado original histórico estadunidense”²⁹⁹. A partir da concepção hobbesiana de Estado, nosso autor analisou uma suposta decadência dos Estados Unidos e,

²⁹⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 16.

²⁹⁹ PAZ, Octavio. Op. cit., 1986a, p. 37.

por isso, refletiu criticamente a sua “corrupção do luxo”, “vícios da liberdade” e “virtudes da democracia”.

Como se lê no trecho da obra, Paz afirma que:

Um prodígio dos tempos: à medida que os grupos terroristas se tornam mais intransigentes e audaciosos, os governos do Ocidente se mostram mais indecisos e vacilantes. Os governos só podem opor ao fanatismo dos terroristas o seu ceticismo? A mais franca justificativa da necessidade do Estado foi dada por Hobbes: “já que a condição humana é a da guerra de todos contra todos”, os homens não têm outro remédio senão ceder parte de sua liberdade a uma autoridade soberana, que seja capaz de assegurar a paz e a tranqüilidade de todos e de cada um em particular. Todavia, o mesmo Hobbes admitia que “a condição de súdito é miserável”. Grande contradição: a erosão da autoridade governamental nos países do Ocidente deveria causar regozijo aos amantes da liberdade; o ideal da democracia pode definir-se sucintamente assim: um povo forte e um governo fraco. Entretanto, a situação nos entristece porque os terroristas parecem empenhados em dar razão a Hobbes. Não apenas os seus métodos são reprováveis como seu ideal não é a liberdade, e sim a instauração de um despotismo de sectários.³⁰⁰

No cenário mexicano, principalmente do final da década de 1970 e início de 1980, o PRI havia eleito – declaradamente – os seus sucessores presidenciais por intermédio de escandalosas fraudes eleitorais. Após o mandato de Echeverría, José López Portillo (1976-1982) foi eleito presidente, muito embora o próprio partido estivesse em crise e fragmentado. Fragmentação essa que permitiu a candidatura e a eleição do próximo mandato presidencial com Miguel de la Madrid (1982-1988). Desse modo, pode-se afirmar que a sucessão presidencial e os mecanismos eleitorais no México nada mais eram do que uma simulação democrática; por isso, muitos escritores latino-americanos como Mario Vargas Llosa haveriam de defini-la como “*la dictadura disimulada*”, ou ainda, “*la dictadura perfecta*”³⁰¹.

³⁰⁰ Ibidem, p. 38.

³⁰¹ PASSETI, Gabriel. **México da "Ditadura Perfeita" a "Democracia Americana"**. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra14/fox.html>>. Acessado em: 04 de Novembro de 2009.

No ano de 1988, o processo eleitoral contou com as candidaturas de Carlos Salinas de Gortari (PRI) e Cuahutémoc Cárdenas (PRD). Nesse caso, a população mexicana exigia uma contagem legítima dos votos, porém a evidente fraude nas eleições garantiu a vitória de Carlos Salinas. Cuahutémoc Cárdenas acabou por condenar o processo eleitoral de 1988 e, por essa mesma razão, reivindicou a criação do Instituto Federal Eleitoral – IFE – e do Tribunal Eleitoral do poder Judiciário da Federação – TEPJF –, a fim de impedir novas fraudes eleitorais.

Nesse momento, Octavio Paz aprovou publicamente a vitória de Carlos Salinas, bem como participou da cerimônia de posse do novo presidente, juntamente aos ditadores latino-americanos ali presentes. Para colegas e leitores, o autor havia se resignado perante as obras e os discursos escritos até então.

Na mesma entrevista intitulada *Tela de juicios* concedida a Julio Scherer, Paz defende-se e afirma que o governo de Carlos Salinas:

- Fue el régimen heredero de la Revolución, fundado por Calles y perfeccionado por Cárdenas y Alemán, dio estabilidad al país y nos permitió respirar. La aparición de una nueva clase media – hija de la estabilidad y del desarrollo económico y social – mostró, en 1968, que las estructuras políticas de México eran arcaicas y que tenían que cambiarse. El país había crecido y había transformado. La cuestión de la democracia, antes relegada, se volvió el tema primordial de la discusión política. En esta fase, la final, han sido decisivos las reformas económicas y políticas realizadas por Carlos Salinas y su equipo. Más jóvenes que los políticos anteriores y con mayor sensibilidad histórica, se dieron cuenta de los cambios de la sociedad mexicana y obraron en consecuencia. Así han logrado sacar al país del pantano en que había caído.

- Te quedas corto. Yo diría todo esto de un modo más categórico.

- No lo dudo. Pero déjame que lo diga con mis palabras. Sobre las reformas económicas, seré breve. No soy un especialista. En 1982 el país estaba en bancarrota. Nuestra situación evocaba la de aquellas viejas y ricas posibilidades de sus familias criollas, arruinadas por las prodigalidades de sus hijos calaveras. Miguel de la Madrid logró detener el derrumbe y así hizo posible la acción reformadora del actual régimen. Hemos salido de la ruina, hemos saneado nuestras finanzas y hoy asistimos a la recuperación de nuestra economía. Se han restablecido el crédito internacional y la economía mexicana, gracias a las

*privatizaciones, se ha puesto en movimiento. No niego que muchos han sufrido la consecuencia de los cambios; añado: habrían sufrido más si ellos. Y estoy seguro de que, si el crecimiento económico continúa, los beneficios de la reforma de la economía alcanzarán a la mayoría. Es lo que ha ocurrido en otros países. La distribución de los beneficios es un problema social y económico; los medios para lograrlos son, ante todo, políticos: la democracia y el sindicalismo libre. La lucha por la distribución más justa de los bienes económicos es una tarea que corresponde, sencillamente, a los trabajadores y a los consumidores y que sólo puede llevarse a cabo en un régimen plenamente democrático. Así pues, las reformas económicas nos conducen a la reforma política. Y hay algo más y que no se ha dicho: las privatizaciones, aparte de vitalizar a la economía, han contribuido indirectamente al proceso de democratización.*³⁰²

Os ensaios literários de Octavio Paz abarcaram, nesse momento, a reflexão sobre a modernidade e a modernização autêntica mexicana, como já mencionadas, porém, vinculadas a proposta de redemocratização do país e da reforma partidária do PRI. Conforme Paz, a reestruturação do PRI haveria de alterar seu hegemonismo partidário, assim como garantiria maior espaço e fortalecimento aos outros partidos políticos do México³⁰³. Tal discurso seria muito debatido por grandes nomes da América Latina; como exemplo, Carlos Fuentes que afirmava que privilegiar o partido político “menos pior”, por reear os “novos rumos” do cenário mexicano, acabaria por firmar uma prática extremamente nociva à saúde política do país³⁰⁴.

Nessa perspectiva, portanto, pode-se afirmar que, segundo nosso autor, o PRI configuraria uma consequência do Estado pós-revolucionário, afinal, nessa época, a revolução degradingolou-se na construção de burocracias “completas” que visavam à administração do governo.

Como se lê no excerto:

³⁰² PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 111.

³⁰³ Ibidem, p. 111.

³⁰⁴ MARTINS, Marília. **Entrevista com Carlos Fuentes, o dando pessimista**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/ny/posts/2009/07/17/entrevista-com-carlos-fuentes-dandi-pessimista-206042.asp>>. Acessado em: 04 de Novembro de 2009.

Por um lado num regime de partido único como é o do México, as organizações sindicais e populares são a fonte quase exclusiva de legitimação do poder estatal; por outro, as uniões populares, sobretudo as operárias, possuem certa liberdade de manobra. O governo necessita dos sindicatos tanto quanto os sindicatos do governo. Na realidade, as duas únicas forças capazes de negociar com o governo são os capitalistas e os dirigentes operários. Por último, não contente com impulsionar e, em certo sentido, modelar à sua imagem o setor capitalista e o operário, o Estado pós-revolucionário completou a sua evolução com a criação de duas burocracias completas. A primeira é composta por administradores e tecnocratas, herdeira histórica da burocracia novo-hispânica e da porfirista. É a mente e o braço da modernização. A segunda, formada por profissionais da política, é a que dirige, nos seus diversos níveis e escalões, o PRI.³⁰⁵

No decorrer dos anos, para Octavio Paz, o PRI haveria propagado a modernização no México, muito embora o próprio partido político ainda não houvesse alcançado sua legítima modernização³⁰⁶. Por isso, nosso autor afirmava que, em decorrência do hegemonismo, o PRI havia firmado uma trajetória solidamente burocrática e patrimonialista.

Nas palavras de Paz,

Apesar de ter sido o agente principal da modernização, ele mesmo não conseguiu se modernizar inteiramente. Em muitos de seus aspectos, sobretudo, com relação ao público e à forma de conduzir os assuntos, continua sendo patrimonialista. Num regime desse tipo, o chefe de governo – o príncipe ou o presidente – considera o Estado como seu patrimônio pessoal. Por essa razão, o corpo dos funcionários e empregados governamentais, dos ministros aos contínuos e dos magistrados e senadores aos porteiros, longe de constituir uma burocracia impessoal, forma uma grande família política ligada por vínculos de parentesco, amizade, compadrio, conterraneidade e outros fatores de ordem pessoal. O patrimonialismo é a vida privada incrustada na vida pública.³⁰⁷

³⁰⁵ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 104.

³⁰⁶ PAZ, Octavio. Op. cit., 1994a, p. 130.

³⁰⁷ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 108.

As burocracias e os mecanismos que fizeram desse hegemonismo partidário algo viável, segundo o autor, alicerçaram-se em um limiar entre o partido político tradicional e o partido comunista, ideológico, militar, etc.³⁰⁸. Por essa razão, Paz afirmava insistentemente que a reestruturação do PRI propulsionaria positivamente a revitalização da democracia do México.

Como se lê no excerto:

A burocracia do PRI está a meio caminho entre o partido político tradicional e as burocracias que militam sob uma ortodoxia e que atuam como milícias de Deus e da História. O PRI não é terrorista, não quer mudar os homens nem salvar o mundo: quer salvar-se a si mesmo. Por isso quer reforma. Porém sabe que sua reforma é inseparável da do país. A pergunta que a história tem feito ao México desde 1968 não consiste unicamente em saber se o Estado poderá governar sem o PRI, mas se nós, mexicanos, nos deixaremos governar sem o PRI.³⁰⁹

Além das burocracias e dos mecanismos que alicerçaram o hegemonismo do PRI, havia também o fato de não existir, nesse cenário mexicano, uma oposição firmemente estabelecida em relação a ele. Dentre os partidos políticos do período, o PAN (*Partido Acción Nacional*) foi o único que sustentou certa oposição ao PRI e, mesmo assim, com pouca força política e perdendo frequentemente as eleições.

De acordo com Octavio Paz:

Com efeito, em primeiro lugar é preciso perguntar: quais são os partidos políticos que poderiam disputar a dominação do PRI? Se descartarmos os partidos marionetes, que durante anos desempenharam o papel de títeres na farsa eleitoral, o único rival sério do PRI foi o PAN. É um partido nacionalista, católico e conservador, que, como seu nome indica (Partido da Ação Nacional), esteve aparentado em sua origem às tendências mais ou menos influenciadas pelo pensamento de Maurras e da sua *Action Française* (o monarquismo e o anti-semitismo incluídos). O PAN foi o eterno derrotado nas eleições, embora nem sempre legalmente. Não se deve esquecer que o PRI não é um partido que conquistou o poder: é o

³⁰⁸ Ibidem, p. 108.

³⁰⁹ Ibidem, p. 110.

braço político do poder. Até agora só para alguns importou o fato de o PRI ganhar invariavelmente as eleições. Essa indiferença se dá pelo fato de nem PAN nem nenhum dos outros grupos terem conseguido firmar resistência suficiente.³¹⁰

Dessa forma, o impasse político no qual o México estava inserido, juntamente aos conflitos entre os pequenos partidos políticos, o PRI e o PAN, segundo Octavio Paz, rumaria o país a caminhos que haveriam de bifurcar, entre a reforma democrática e social e/ou a violência reacionária.

De acordo com o mesmo autor:

Para a burguesia, a alternativa é outra: governar com o Estado e o PRI ou sem eles. Com quem então? Com o exercito ou com grupos e forças paramilitares como a dos Falcões. Portanto, as alternativas reais são: reforma democrática e social ou violência reacionária. Com certa inseqüência, a esquerda incorre em violências meramente verbais, e agora, com os seqüestros, recorre a gestos de violência simbólica. Porém o verdadeiro perigo da subversão está do outro lado: a alta burguesia pode sentir a tentação de romper a sua aliança com o PRI e recorrer à força.³¹¹

Para além da reestruturação do PRI e da redemocratização do país, Octavio Paz propôs também a reforma do Estado mexicano; inclui-se nesse quadro a recuperação dos valores tradicionais do liberalismo, como exemplo, a liberdade individual. Não obstante, para Paz, qualquer reforma que se dispusesse a fazer no México, haveria de implicar em modificações no PRI.

Como se lê:

O tema da Reforma política, como se chama às recentes tentativas do governo mexicano de introduzir o pluralismo, merece uma pequena digressão. O PRI nasceu de uma necessidade: assegurar a continuidade do regime pós-revolucionário, ameaçado pelas querelas entre os chefes militares sobreviventes das guerras e dos distúrbios que sucederam à

³¹⁰ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 108.

³¹¹ Ibidem, p. 144.

derrocada de Porfirio Díaz. Sua essência foi um compromisso entre a autêntica democracia de partidos e a ditadura de um caudilho, como nos outros países da América Latina. (...) A nova legalidade que o regime procura fundamenta-se no reconhecimento de que existem outros partidos e projetos políticos, quer dizer, no pluralismo. É um passo no sentido da democracia. De modo geral, se não malograr, a Reforma política realizará o sonho de muitos mexicanos, diferido sem cessar desde a Independência: transformar o país em uma verdadeira democracia moderna.³¹²

Por essa razão, nosso autor salienta que a reforma democrática mexicana seria o único caminho viável para se fomentar um ambiente mexicano alicerçado em uma democracia plural, heterogênea; ou seja, autenticamente moderna, nos mais variados âmbitos, principalmente, o político e o social.

Tal qual se lê na afirmação:

O PRI é uma organização relativamente autônoma. Evidentemente, eu não postulo uma reforma democrática e social imposta de cima. Ao assinalar a composição do PRI e o caráter de sua função política, quero frisar que no México existe pluralidade de forças e tendências sociais. Se é verdade que só um movimento independente pode realizar a reforma de que o México necessita, também é verdade que esse movimento só pode nascer de um contexto democrático e numa situação de pluralidade político e social. Por isso a meta imediata continua sendo: democratização.³¹³

Não obstante, os mecanismos utilizados no país para a sua modernização, segundo Paz, beneficiariam somente o sistema capitalista³¹⁴. Afinal, a democracia estabelecida no México já havia chegado deteriorada e tendia a isso, cada vez mais; portanto, far-se-ia necessário um movimento democrático.

Como se lê no excerto:

³¹² PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 152.

³¹³ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 153.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 153.

O desenvolvimento pelo desenvolvimento beneficiou unicamente o capitalismo estrangeiro e nacional. Ademais, temos assistido à deterioração gradual, porém inexorável, da nossa incipiente democracia, a quebra moral e política do PRI: ninguém acredita nos seus proclamas e manifestos. É hora de mudar o rumo da nossa orientação política e social. É viável um movimento popular democrático no México?³¹⁵

Dessa forma, ao denunciar a hipertrofia da modernização e o monopólio do PRI, o poeta contraditoriamente afirmava que o regime do partido governista seria necessário para o alcance da democracia, tal como: “*más pluralismo y democracia para el PRI. Puede hablarse de un monopolio del PRI no en una dictadura y varias veces he dicho que vivimos en un régimen peculiar. Un régimen hacia la democracia*”³¹⁶.

Além da análise dos dilemas democráticos e da imobilização política mexicana, nesse período, Paz direcionou a sua crítica ao desenvolvimento econômico imediato. Fato esse que denotou, para muitos mexicanos, certo distanciamento do autor de seus valores liberais românticos (clássicos) e, por conseqüência, que acabaria por colocar em xeque a idéia de modernidade antes estabelecida. Essa postura “contraditória” tornou-se mal vista no seu *milieu* e, por essa razão, muitos colegas e leitores passaram a chamá-lo de conservador.

No mais, as propostas formuladas por Octavio Paz para o contexto político-cultural mexicano abarcaram também ponderações em relação à democracia plural e à liberdade individual. Entretanto, as exposições de suas idéias, como muito frisado, em temáticas complexas e polêmicas não seriam concluídas de forma tão profunda. Por isso, se distanciaria de conceitos delicados do cenário latino-americano, como o militarismo, o caudilhismo, o clientelismo, etc..

A partir dessas reflexões, pode-se afirmar que a retórica do autor deixa evidente a tradição liberal. Isso se dá mediante a convocação daquilo que definiu como “liberalismo genuíno”. Para sustentá-la, Paz defendeu a autonomia individual, a democracia e o poder equilibrado. Opondo-se então ao despotismo, às ideologias totalitárias, à ideia de

³¹⁵ Ibidem, p. 154.

³¹⁶ PAZ, Octavio. Op. cit., 1994a, p. 388.

progresso, ao individualismo materialista e ao mercado. Esse último elemento seria definido pelo autor como um pesadelo circular, pois haveria trazido consigo categorias nocivas, como exemplo, o consumismo, a massificação e a desespirtualização do indivíduo. Conforme Paz, o sistema capitalista e a globalização haveriam anulado os valores que, em primeira instância, fundaram o liberalismo³¹⁷; por isso, tornar-se-ia primordial a busca pelo retorno às suas idéias clássicas.

Como se lê:

*Vivíamos el crepúsculo de muchos de los supuestos que fundaron hace dos siglos a la modernidad. Entre ellos dos básicos: el culto al futuro y la idea de progreso, en sus dos vertientes: la evolucionista y la revolucionaria. Vivíamos un vacío histórico. El mercado libre probó ser más eficaz que la economía estatal, pero el mercado no es una respuesta a las necesidades más profundas del hombre. En nuestros espíritus y en nuestros corazones hay un hueco, una sed que no pueden satisfacer las democracias capitalistas ni la técnica.*³¹⁸

E complementa:

*El mercado ha minado todas las antiguas creencias – muchas de ellas, lo acepto, nefastas – pero en su lugar no ha instalado sino una pasión: la de comprar cosas y consumir este o aquel objeto. Nuestro hedonismo no es una filosofía del placer sino una abdicación del albedrío y habría escandalizado, por igual, al dulce Epicuro y al frenético Donatien de Sade. El hedonismo no es el pecado de las democracias modernas: su pecado es su conformismo, la vulgaridad de sus pasiones, la uniformidad de sus gustos, ideas y convicciones.*³¹⁹

Apenas com uma modernidade genuinamente mexicana (autêntica, verdadeira) atingir-se-ia o liberalismo democrático, liberalismo esse aqui definido como forma de convivência civilizada e, porque não, instrumento que possibilitaria surgimento de novas

³¹⁷ GALLARDO, Juan Muñoz. Op. cit., p. 129.

³¹⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 234.

³¹⁹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 132.

formas de poder, embasadas na cidadania e na atmosfera de diálogo e tolerância. Afinal, o liberalismo capitalista e a técnica já não satisfariam o homem. Para tanto, Paz evocou o retorno aos valores tradicionais do liberalismo, como mencionado acima, defendendo a democracia e a liberdade contra as ideologias totalitárias de fulcro de direita e de esquerda.

Nos ensaios de Octavio Paz, portanto, identificam-se as influências dos principais nomes do pensamento moderno do século XVIII e XIX. Como exemplo, a influência de Jean-Jacques Rousseau, no que se refere à soberania popular; a vontade geral, certa e tendenciosa, da vontade pública. Identifica-se também a influência do pensamento de Benjamin Constant, no que se refere à liberdade, separada em duas vertentes: a antiga e a moderna. Nesse caso, a liberdade moderna constituiria a liberdade civil e política, associando-a facilmente ao Estado e à democracia. Do mesmo modo, nota-se a influência de Alexis de Tocqueville, cujo pensamento determinaria que o excesso de igualitarismo possivelmente encaminhasse a uma série de problemas culturais, sociais e políticos, em decorrência do espaço que as massas passariam a ocupar. Frente a elas então seria necessário a atuação constante de uma opinião pública esclarecida e preparada. O igualitarismo exacerbado, assim sendo, impediria o desenvolvimento de potencialidades individuais, resultando em um trabalho em prol de certa mediocridade. No entanto, pode-se afirmar que embora Paz apreciasse as virtudes liberais e a democracia pluralista, por inúmeras razões, não havia se interessado pelas condições históricas, políticas e sociais, que fizeram delas viáveis.

Para Yvon Grenier, Octavio Paz alicerçou-se nas mais diversas leituras e interpretações para firmar uma reflexão em suas obras e, assim sendo, enfrentou longos anos de incompreensão no México e na América Latina³²⁰. Por essa razão, Grenier afirma que: “Paz foi tão liberal quanto um ensaísta ou um poeta poderiam sê-lo e, por isso, a burguesia mexicana não conseguia digeri-lo”³²¹. A partir disso, o mesmo autor afirma que: “o liberalismo firmado nas obras ensaísticas de Octavio Paz trafegaria entre o

³²⁰ GRENIER, Yvon. Op. cit., p. 13.

³²¹ Ibidem, p. 13.

liberalismo socialista e o romântico”³²² e, sobretudo, sem deixar de lado algumas contradições fortemente estabelecidas nas suas obras.

De acordo com H. C. F. Mansilla, o liberalismo de Paz alicerçou-se na convicção de uma democracia liberal pluralista, optando pelo individualismo e o regime de liberdades públicas.

Como se lê:

Um grande liberal, como foi – sem dúvida – Octavio Paz, manteve até a sua morte a convicção de que a democracia liberal pluralista, a opção pelo individualismo e o regime de liberdades públicas, representariam a herança mais nobre e resgatável da modernidade ocidental. O liberalismo na prática política seria – ou deveria ser – o civilizado reconhecimento dos outros. Paz tomou partido no ideário liberal clássico contrapondo-se às correntes neoliberais que inundaram o mundo nas últimas décadas. Uma porção fundamental desse legado encarnou nas concepções liberais da política e da economia, sobretudo, em vigência irrestrita dos direitos humanos e em relação aos indivíduos de parte do Estado. A democracia liberal se distingue, para ele, pelo valor atribuído ao cidadão autônomo: não deveria existir uma participação forçosa e manipulada dos assuntos políticos.³²³

Para o renomado biógrafo Fernando Vizcaíno, a tradição liberal de Octavio Paz, muitas vezes, fundamentou-se no pensamento marxista e, por outras, aproximou-se declaradamente do socialismo.

Como se pode perceber:

O ponto de convergência entre o pensamento marxista e a “filosofia” de Octavio Paz seria a concepção dialética do homem e da história. No entanto, o acordo revela-se mais aparente que real, pois se percebe que, no caso do poeta, existem raízes bem fundas; que constituem em verdade uma herança metafísica. Igualmente, há uma diferença clara entre a dialética hegeliano-marxista e a de Paz: na primeira, desencadeiam um

³²² Ibidem, p. 14.

³²³ MANSILLA, H. C. F. **OCTAVIO PAZ: SOBRE LIBERALISMO Y SOCIEDAD DE MASAS**. Disponível em: <<http://saavedrafajardo.um.es/WEB/archivos/tribuna/DOC0189-HCFM.pdf>>. Acessado em: 12 de Fevereiro de 2010.

processo linear de progresso e se integra por momentos que são superados à medida que as contradições se resolvem em duplas negações que assumem e superam o negado; em Paz, a contraposição forma uma mesma estrutura a do ser e do acontecer, produz então vida, mais que progresso. A tensão dos opostos não pode ser superada em uma reconciliação final, pois forma um momento estruturalmente necessário e até mesmo, desejável, se o objetivo seria vários resultados valiosos. Para o autor mexicano, o dualismo seria inerente a toda a sociedade, tal qual a aspiração em superá-lo: estabelece-se assim uma dialética da sociedade que se firma na condição de possibilidade de amor. Mas, a sociedade moderna tende a negar as contradições mediante a uniformização, suprimindo a dialética e desembocando no empobrecimento e conseguinte marasmo.³²⁴

Em suma, a própria discussão da modernidade mexicana em Octavio Paz desembocaria, em um âmbito político, nas duas vertentes mais mencionadas: a democracia e a liberdade; nesse caso, o fio condutor dessa proposição seria a tradição liberal. Como já mencionado, no âmbito econômico, implicaria em um processo sócio-econômico, com base no avanço considerável dos níveis produtivos. Por isso, nosso autor não enaltece o mercado e o progresso, concebendo-os como males do liberalismo capitalista e, assim sendo, realizando constatações polêmicas; como exemplo, ao afirmar que a intervenção estatal na economia seria fundamental para o aceleração do crescimento das forças produtivas e que, no México, graças a essa política intervencionista, a evolução econômica seria umas das mais rápidas e duradouras³²⁵.

Para H. C. F. Mansilla:

Octavio Paz acreditou que o liberalismo seria aceitável enquanto instrumento e não como meta normativa. Alcançou a sábia conclusão de que os mecanismos do mercado livre e as instituições da democracia moderna constituíam apenas instrumentos e caminhos aos fins morais. Para a sociedade liberal contemporânea dirigiu uma severa crítica: “a principal marca do conformismo seria o sorriso impessoal que selaria todos os rostos. (...) A publicidade haveria destruído a pluralidade não somente porque realiza o intercambio de valores, mas porque aplica um preço comum. Nessa desvalorização consiste, essencialmente, o

³²⁴ VIZCAÍNO, Fernando. **Biografía política de Octavio Paz o la rasi3n ardiente**. Disponível em: <<http://www.chicago.unam.mx/FerandoV.pdf>>. Acessado em: 12 de Fevereiro de 2010.

³²⁵ RODRÍGUEZ, Xavier Ledesma. Op. cit., p. 13.

complacente niilismo das sociedades contemporâneas. (...) Nada menos democrático e nada mais infiel ao projeto liberal que a igualdade de gostos, afeições, antipatias, ideias e preconceitos das massas contemporâneas”.³²⁶

De acordo com o mesmo autor, nas obras *Ogro Filantrópico* e *Tempo Nublado*, Paz introduziu o tema do liberalismo, da democracia plural e da liberdade individual, quando ainda eram recentes na consciência coletiva latino-americana³²⁷. Como se pode notar, no excerto abaixo, segundo H. C. F. Mansilla, no que se refere à discussão da democracia ocidental:

A cultura midiática da universalização, os medíocres resultados da economia globalizada, a perspectiva do imperialismo político-militar e o renascimento dos nacionalismos e fundamentalismos fazem-nos refletir sobre as perspectivas da democracia ocidental. Nas obras: *Ogro Filantrópico* e *Tempo Nublado*, Octavio Paz introduziu esses temas a mais de duas décadas, quando esses fenômenos recém afloravam na consciência coletiva. Segundo Paz, a incerteza teria sido seu véu em cima do conjunto da civilização ocidental. Os governos sentiram-se pressionados por múltiplas imposições de movimentos incontroláveis, provocando a demanda de inumeráveis grupos de pressão que nada de igual uns com os outros.³²⁸

Por isso, complementa:

A qualidade de vida estacionou e a falta de segurança pública aumentou. “Os grupos do ocidente”, asseverou Octavio Paz, “mostraram, com poucas exceções, uma mescla de miopia e cinismo. Foram agressivos com os débeis e mansos com os poderosos e arrogantes”. Na mesma passagem, Octavio Paz assinalou que o mundo ocidental está retratado na visão dos poetas e romancistas: “(...) túneis, cárceres de espelhos, subterrâneos, jaulas suspensas ao vazio, ir e vir sem fim ou saída”. A atitude predominante consiste no niilismo e na abdicação, um hedonismo

³²⁶ Ibidem, p.04.

³²⁷ Ibidem, p.04.

³²⁸ MANSILLA, H. C. F. Op. Cit., p.10.

vulgar, um erotismo convertido em técnica e esvaziado de arte e paixão, e uma vulgaridade tão frívola como generalizada.³²⁹

No interior desse debate, Octavio Paz insere a democracia mexicana. Nesse caso, o regime democrático implicaria essencialmente na pluralidade de opiniões, na diversidade de grupos e na liberdade crítica. Para isso, far-se-ia necessário um diálogo expandido que abrangesse as nações e os continentes; sem limitá-lo ao solo de um único país. Assim, possibilitando a reflexão das diferenças e a compreensão das condutas e dos povos. Sobretudo, as sociedades evitariam o isolamento e, até mesmo, pensariam em uma linguagem inteligível a todos. Por essa razão, nosso autor salientava a emergência da democracia plural, tal como afirma: “*el centralismo económico, político y cultural no es sino una forma más perfecta y terrible del monopolio, es decir, del absolutismo, necesitamos de una democracia plural*”³³⁰.

No ensaio *La democracia: lo absoluto y lo relativo*, de 1989, nosso autor expõe sua idéia de democracia, embasada em sua fundação grega e logo depois, direciona sua análise a democracia moderna.

Conforme Paz:

*La democracia griega había conquistado para el ciudadano el derecho de participar de la vida pública. La democracia moderna invierte la relación: el Estado pierde el derecho de participar de la vida privada de los ciudadanos. El valor central, el eje de la vida social, ya no es la gloria de la polis, la justicia o cualquier otro valor metahistorico sino la vida privada, el bien estar de los ciudadanos y sus familias. Los valores absolutos en la esfera publica, se desvanecen y emigran hacia la vida privada; los individuos y los grupos postulan sus ideas, sus intereses o sus valores como públicos. Todos ellos por naturaleza misma, son temporales y relativos: la sociedad los adopta por una temporada y después los desecha.*³³¹

³²⁹ Ibidem, p. 14.

³³⁰ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 306.

³³¹ PAZ, Octavio. **La Democracia:** lo absoluto y lo relativo. Disponível em: <<http://letraslibres.com/pdf/5455.pdf>>. Acessado em: 12 de Fevereiro de 2010. p. 20.

E complementa:

Desde seu nascimento em Atenas a democracia foi inventada várias vezes. Em todas as suas aparições, com exceção da idade moderna, foi um regime político constituído por um numero reduzido de cidadãos, confinados dentro de estreitos limites territoriais: as cidades-estado da antiguidade, as comunidades medievais e as cidades do renascimento. Em uma sociedade desse tipo, os cidadãos se conheciam. As democracias modernas são enormes tanto pelo numero de cidadãos, as vezes, centenas de milhares, como por sua grande extensão territorial, em ocasiões vasta como um continente. E o mais grave: a democracia moderna se faz de milhões de desconhecidos. Para remediar isso inventaram a democracia representativa. Foi uma solução?³³²

No mais, Octavio Paz advertiu a necessidade de uma separação entre o Estado e a Igreja. Entretanto, mantém uma veia religiosa em suas obras, como quando critica o liberalismo capitalista e o neoliberalismo por esvaziarem os espíritos dos homens modernos. Sendo assim, afirma severamente que: *“dijimos el horror que sentimos ante las injusticias del sistema totalitario comunista; con el mismo rigor debemos ver ahora a las sociedades democráticas liberales”*³³³.

Pode-se notar também essa ideia aqui:

*La democracia moderna postula una prudente neutralidad en materia de fe y creencias. Sin embargo, no es posible ni prudente ignorar a las religiones ni recluirlas en el dominio reservado de la conciencia individual. Las religiones poseen un aspecto público que es esencial, como se ve una de sus expresiones más perfectas: el rito de la misa. La separación entre religión y política es saludable y debe continuar. Pero la religión puede mostrarnos nuestras carencias y ayudarnos a redescubrir y recuperar ciertos valores.*³³⁴

A partir dessa perspectiva, nosso autor sustenta que a democracia havia sido uma criação política resultante da modernidade ocidental e, por isso, constituia-se como um

³³² PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 129.

³³³ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 124.

³³⁴ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 135.

fundamento da civilização moderna. No entanto, ao referir-se aos fracassos da democracia latino-americana afirma que a culpa deveria cair sobre a ausência de uma corrente intelectual crítica e moderna.

Como se lê:

Porém a democracia não é simplesmente o resultado das condições sociais e econômicas inerentes ao capitalismo e à Revolução Industrial. Castoriadis mostrou que a democracia é uma verdadeira criação política, ou seja, um conjunto de idéias, instituições e práticas que constituem a invenção coletiva. A democracia foi inventada duas vezes, uma na Grécia e outra no Ocidente. Em ambos os casos, nasceu da conjunção entre as teorias e as idéias de várias gerações e ações de diferentes grupos e classes, como a burguesia, o proletariado e outros segmentos sociais. A democracia não é superestrutura: é uma criação popular. Além disso, é a condição, o fundamento da civilização moderna. É por isso que entre as causas sociais e econômicas que se citam para explicar os fracassos das democracias latino-americanas, é necessário acrescentar aquela a que me referi mais acima: a falta de uma corrente intelectual crítica e moderna.

³³⁵

Por isso, complementa:

O que chamamos de modernidade nasceu com a democracia. Sem a democracia não haveria ciência, nem tecnologia, nem indústria, nem capitalismo, nem classe operária, nem classe média, isto é, não haveria modernidade. Claro, sem democracia pode-se construir uma grande máquina política e militar como a da Rússia. À parte o custo social, que o povo russo teve que pagar e foi altíssimo e doloroso, a modernização sem democracia tecnifica as sociedades, mas não muda. Dizendo melhor: converte-as em sociedades estratificadas, em sociedades hierárquicas de castas. ³³⁶

Essa mesma discussão da democracia quando encaminhada à América Latina, Octavio Paz afirma que a democracia ocidental ao atingir tal região já estaria frágil,

³³⁵ PAZ, Octavio. Op. cit., 1986a, p. 152.

³³⁶ PAZ, Octavio. Op. cit., 1986a, p. 152.

debilitada, portanto, far-se-ia necessário a reforma radical e que respeitasse a autenticidade de cada povo, com sua tradição e identidade.

Nas palavras do autor:

A democracia latino-americana chegou tarde e foi desfigurada e atraçoada várias vezes. Foi frágil, indecisa, rebelde, inimiga de si mesma, dócil à adulação do demagogo, corrompida pelo dinheiro, roída pelo favoritismo e o nepotismo. No entanto, quase todo bem que se fez na América Latina, há um século e meio, se fez sob o regime da democracia, ou, como no México, na direção da democracia. Os nossos países necessitam de mudanças e reformas ao mesmo tempo radicais e de acordo com a tradição e o gênio de cada povo. Onde se tentou mudar as estruturas econômicas e sociais, desmantelando ao mesmo tempo as instituições democráticas, fortificou-se a injustiça, a opressão e a desigualdade. A causa dos operários requer, antes de tudo, liberdade de associação e direito de greve: este é o primeiro que lhe arrebata os seus libertadores. Sem democracia as mudanças são contraproducentes; melhor dizendo: não são mudanças. Nisso a intransigência é indispensável e é necessário repetir: as mudanças são inseparáveis da democracia. Defende-las é defender a possibilidade de mudança; por sua vez, somente as mudanças poderão fortalecer a democracia e conseguir que ao fim encarne na vida social. Não apenas dos latino-americanos: é um trabalho de todos. A peleja é mundial. Além disso, é incerta, duvidosa. Não importa: é necessário pelear.³³⁷

Com base nessa relação, Paz afirma que a história da democracia na América Latina não seria unicamente de fracassos. E que, muito embora essa história deixe a desejar em alguns momentos, em outros revelou-se um batismo histórico de independência e liberdade para as sociedades latino-americanas.

Como se lê:

A história da democracia latino-americana não tem sido unicamente uma história de fracasso. Durante um longo período, foram exemplares as democracias do Uruguai, do Chile e da Argentina. As três, uma após a outra, caíram, substituídas por governos militares. A democracia colombiana, incapaz de resolver os problemas sociais, imobilizou-se num

³³⁷ Ibidem, p. 159.

formalismo; em contrapartida, depois do regime militar, a peruana se renovou e fortaleceu. Porém os exemplos mais animadores são os da Venezuela e da Costa Rica: duas autênticas democracias. Para terminar com esse rápido resumo: é significativo que a frequência dos golpes de Estado militares não tenha jamais manchado a legitimidade democrática na consciência dos nossos povos. Sua autoridade moral foi indiscutível. (...) Com ela nascemos e, apesar dos crimes e tiranias, a democracia era uma espécie de ato de batismo histórico dos nossos povos.³³⁸

Para Octavio Paz, a América Latina deveria traçar seu próprio caminho à democracia. Afinal, as estruturas históricas permaneceram nas sociedades e determinaram as distinções das civilizações. De certa forma, esses mesmos fatores produziram as desigualdades entre as sociedades e, especialmente, manteriam os problemas sócio-culturais que transbordaram ao plano político; daí a necessidade de um caminho genuíno. Já que as democracias do ocidente estariam anestesiadas pela propriedade privada, pela abundância e pelo culto ao progresso sócio-econômico.

Em meados do século XX, segundo o autor, os intelectuais nem ao menos questionavam ou supunham que a democracia pudesse fugir a legitimidade histórica e constitucional³³⁹. Todos os ditadores latino-americanos se dispuseram a restaurar instituições democráticas; ainda que fossem considerados regimes interinos³⁴⁰. Pode-se afirmar que Paz concebia fielmente uma democracia plural, que haveria de fixar-se mais como uma ideia cultural, do que como filosofia política e, portanto, que requereria aprendizagem e prática.

Sobre a democracia afirma,

A massificação e a transformação do debate público em espetáculo são fatores que degradam as democracias modernas. Denunciar esses males é defender a verdadeira democracia. Mas, há outro problema, não menos inquietante. Tanto para os pensadores antigos como para os modernos, de Aristóteles a Cícero, de Locke a Montesquieu, sem deixar de lado o próprio Maquiavel, a saúde política das sociedades dependia sempre da *virtud* dos cidadãos. Discutiu-se muito o sentido dessa palavra – a

³³⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 1986a, p. 159.

³³⁹ Ibidem, p. 168.

³⁴⁰ Ibidem, p. 169.

interpretação de Nietzsche é memorável -, mas qualquer que seja a concepção que se escolha, o vocábulo denomina sempre o domínio sobre nós mesmos. Quando a *virtud* fraqueja e dominam as paixões, as repúblicas perecem. Quando não conseguimos dominar nossos apetites, estamos suscetíveis a sermos dominados pelo estranho. O mercado minou todas as crenças – muitas delas, aceito, nefastas -, mas em seu lugar não se instalou outra coisa senão paixão: de comprar coisas e consumir esse ou aquele objeto. Nosso hedonismo não é uma filosofia do prazer, mas sim uma abdicação. O hedonismo não é o pecado da democracia moderna: seu pecado é o conformismo, a vulgaridade das paixões, a uniformidade dos gostos, idéias e convicções.³⁴¹

Essa mesma reflexão sobre a democracia na América Latina haveria de ser finalizada pelo autor, de tal forma: a democracia sempre foi escolhida pelos povos latino-americanos como caminho para se rumar à modernidade e, no entanto, a própria democracia seria resultado dela. Dessa contradição e engano, apareceria a dificuldade em trilhar um caminho para a democracia plural.

Como se lê:

Nossos povos escolheram a democracia porque lhes parecia que era o caminho para a modernidade. A verdade é o contrário: a democracia é resultado da modernidade, não o caminho para ela. As dificuldades que experimentamos para implantar o regime democrático é um dos efeitos, o mais grave talvez, de nossa incompleta e defeituosa modernização. Entretanto, não nos equivocamos ao escolher esse sistema de governo: com todos os que os homens inventaram. Enganamo-nos, isso sim, no método para chegar a ela, pois nos limitamos a imitar os modelos estrangeiros. A tarefa que espera os latino-americanos e que requer uma imaginação que seja ao mesmo tempo ousada e realista é encontrar, em nossas tradições, aqueles germes e raízes – eles existem – para iniciar e nutrir uma democracia genuína. É uma tarefa urgente, se ainda nos restar tempo. A minha advertência se justifica pelo seguinte: a alternativa tradicional da América Latina – democracia ou ditadura militar – começa a não ter vigência. Nos últimos anos apareceu um terceiro termo; a ditadura burocrático-militar que, por um colossal equívoco histórico, chamamos de “socialismo”.³⁴²

³⁴¹ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 133.

³⁴² PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 156.

Para firmar a democracia na região, as sociedades latino-americanas haveriam se empenhado em diferentes métodos para se estabelecer a modernização. Conforme Paz, diferentemente às civilizações que rumaram à modernidade a partir de tradições não-ocidentais, os povos latino-americanos partiram de uma cultura e de uma história que fundou aquilo que se define por modernidade.

Como afirma:

A historia de nosso países, desde a independência, é a historia de diferentes tentativas de modernização. Ao contrario dos japoneses e dos chineses que deram o salto em direção à modernidade a partir das tradições não-ocidentais, nós somos pela cultura e pela história, ainda que nem sempre pela raça, descendentes de um ramo de civilização onde se originou esse conjunto de atitudes, técnicas e instituições que chamamos modernidade.³⁴³

Para o autor, portanto, os povos latino-americanos cultivaram as suas diferenças; como cita acima em relação às civilizações orientais. Ao contrário, eles aprenderiam por anos a salientá-las ainda mais em grandes fortalezas; esse fator seria a mesma razão pela qual Paz advertiria que o México manter-se-ia distante da modernidade que havia começado há mais de dois séculos.

Nas palavras do autor:

*No creo que la pobreza de nuestras etnias se deba a la incapacidad para juzgar. Al contrario, juzgamos con gran facilidad y siempre de manera inapelable. Nuestro infierno no está empedrado de buenas intenciones sino de juicios temerarios. Pero ni los españoles ni los hispanoamericanos somos capaces de relacionar. No es una falla intelectual sino moral. Llámela usted individualismo, envidia, orgullo, sentimiento de inferioridad – como quiera. No cultivamos nuestras deferencias – eso se llama erotismo – sino que nos instalamos en ellas como en cerradas fortalezas.*³⁴⁴

³⁴³ PAZ, Octavio. Op. cit., 1986a, p. 160.

³⁴⁴ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p.29.

Diante dessa perspectiva, nosso autor se questiona quanto aos rumos tomados pela modernidade latino-americana. Afinal, a própria história da América Latina far-se-ia injusta com seus povos; os nomes do continente, os termos pejorativos que, por fim, somariam em pouco mais de dois séculos de equívocos.

Nesse aspecto, afirma que:

Nesta ocasião proponho a exploração da outra metade do tema: são modernas as atuais sociedades latino-americanas? E se não o são ou o são de uma maneira híbrida e incompleta, por quê? Minha reflexão, claro, não tem demasiadas pretensões teóricas; tampouco é ditame: trata-se de um simples parecer. Há cerca de dois séculos se acumulam os equívocos da realidade histórica da América Latina. Nem sequer os nomes que pretendemos designa-la são exatos: América Latina, América Hispânica, Ibero - américa, Indo - américa? Cada um desses nomes deixa de nomear uma parte da realidade. Tampouco são fiéis as etiquetas econômicas, sociais e políticas. A noção de subdesenvolvimento, por exemplo, pode ser aplicada à economia e à técnica, não à arte, à literatura, à moral, ou à política. Mais vaga ainda é a expressão Terceiro Mundo. A denominação não só é imprecisa como enganadora.³⁴⁵

Por isso, complementa:

Paradoxal modernidade: as idéias são de hoje, as atitudes de ontem. Seus avós juravam em nome de São Tomás, e eles no de Marx, porém tanto para uns quanto para outros a razão é uma arma a serviço de uma verdade com maiúscula. A missão do intelectual é defendê-la. Têm uma idéia polêmica e combatente da cultura e do pensamento: são cruzados. Desse modo, perpetuou-se em nossas terras uma tradição intelectual pouco respeitosa da opinião alheia, que prefere as idéias à realidade e os sistemas intelectuais à crítica dos sistemas.³⁴⁶

De certa forma, a modernidade na América Latina, cujo combustível deveria ser a crítica e a autocrítica, embasada em mudanças, haveria de legitimar essas práticas, com reformas e melhoramentos, garantindo estabilidade e rearranjos. Por assim dizer, o projeto

³⁴⁵ PAZ, Octavio. Op. cit., 1986a, p. 225.

³⁴⁶ PAZ, Octavio. Op. cit., 1986a, p. 227.

moderno vigente na região, sem alcançar essa ânsia por mudanças, cometeria três erros que desvirtuar-na-iam:

*En primer término: está en entredicho la concepción de un proceso abierto hacia el infinito y el sinónimo de progreso continuo. En segundo término: la surte del sujeto histórico, es decir, de la colectividad humana, en el siglo XX. En tercer término: la creencia en el progreso necesario. Y para terminar esta apresurada enumeración: la ruina de todas esas hipótesis filosóficas y históricas que pretendían conocer las leyes del desarrollo histórico.*³⁴⁷

Outro intenso enfoque de Octavio Paz seria a liberdade individual. Para além da liberdade em seu âmbito civil e político, nosso autor também se refere à liberdade intelectual; obviamente que, ao mencioná-la alude às inúmeras reprimendas – isolamentos e ironias – que suportou no decorrer de sua trajetória no México e na América Latina. Essa mesma liberdade seria o pivô da filosofia do presente; o agora próspero. Constata-se a importância da liberdade em Paz na afirmação: “*la libertad no es una filosofía y ni siquiera es una idea: es un movimiento de la consciencia que nos lleva, en ciertos momentos, a pronunciar dos monosílabos: sí o no*”.³⁴⁸

Conforme Octavio Paz:

*Apenas la libertad se convierte en un absoluto, deja de ser libertad: su verdadero nombre es despotismo. La libertad no es un sistema de explicación general del universo y del hombre. Tampoco es una filosofía: es un acto, a un tiempo irrevocable e instantáneo, que consiste en elegir una posibilidad entre otras. No hay ni puede haber una teoría general de la libertad porque es la afirmación de aquello que, en cada uno de nosotros, es singular y particular, irreductible a toda generalización. Mejor dicho: cada uno de nosotros es una criatura singular y particular. La libertad se vuelve tiranía en cuanto pretendemos imponerla a los otros.*³⁴⁹

³⁴⁷ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p.38-39.

³⁴⁸ Ibidem, p. 306.

³⁴⁹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 306.

E complementa,

*Con Cervantes comienza la crítica de los absolutos: comienza la libertad. Y comienza con una sonrisa, no de placer sino de sabiduría. El hombre es un ser precario, complejo, doble o triple, habitado por fantasmas, espoleado por los apetitos, roído por lo deseo: espectáculo prodigioso y lamentable. Cada hombre es único y cada hombre es muchos hombres que el no conoce: el yo es plural. Cervantes sonrie: aprender a ser libre as aprender a sonrier.*³⁵⁰

Para H.C. F. Mansilla, esse pensamento voltado à liberdade refere-se às aspirações liberais românticas do autor:

Mas a liberdade não é a única aspiração humana, diria Octavio Paz. Da mesma forma, a fraternidade, a justiça, a igualdade e a segurança, são aspirações. O mérito do romantismo histórico foi chamar antecipadamente a atenção sobre esses temas. A mutilação e parcelamento do ser humano, a carência da solidariedade e a falta de laços emotivos, que também são características do mundo moderno e da democracia liberal, conduzem ao isolamento dos seres humanos, angustiados e sempre descontentes: a liberdade revela uma carga pesada. A sociedade contemporânea arranca o indivíduo de sua comunidade orgânica e de suas lealdades primárias. O liberalismo doutrinário e, sobretudo, o neoliberalismo diluíram todas as ataduras (incluindo as religiosas) e expõe os cidadãos ao mero azar e ao implacável mercado.³⁵¹

Nesse caso, a liberdade individual, entretanto, possuiria um contraponto, o preço pela liberação dos indivíduos e seus valores privatizados. Afinal, a libertação desses preceitos, não mais coletivos e sim, privatizados, poderia encaminhar as sociedades ao caos, a desgraça.

Como se lê:

³⁵⁰ Ibidem, p. 307.

³⁵¹ MANSILLA, H. C. F. Op. Cit., p. 22.

*Las sociedades son históricas pero todas han vivido guiadas y inspiradas por un conjunto de creencias y ideas metahistóricas. La nuestra es la primera que se apresta a vivir sin una doctrina metahistórica; nuestros absolutos – religiosos o filosóficos, ético o estéticos – no son colectivos sino privados. La experiencia es arriesgada. Es imposible saber si las tensiones y conflictos de esta privatización de ideas, prácticas no terminara por quebrantar la fábrica social. Los hombres podrían ser poseídos nuevamente por las antiguas furias religiosas y por los fanatismos nacionalistas. Sería terrible que la caída del ídolo abstracto de la ideología anunciase la resurrección de las pasiones enterradas de las tribus, las sectas y las iglesias. Por desgracia, los signos son inquietantes.*³⁵²

Noutro ponto, as ideias firmadas nos ensaios de Octavio Paz norteiam a denúncia ao Estado. Para Paz, o Estado se configuraria na expressão de todos os males sociais e, sobretudo, significaria um fardo à população e um ente débil ao cumprimento de suas funções, principalmente por utilizar de subterfúgios em relação às atividades econômicas. Logo, a denúncia do Estado far-se-ia necessária e consistiria no dever de todo intelectual liberal.

Desse modo, o Estado comporia a imagem de um *Ogro Filantrópico*. Principalmente, ao revelar uma força mais poderosa que a dos antigos impérios e com amos mais terríveis que os velhos tiranos³⁵³. Uma máquina incansável, que se reproduz sem cessar³⁵⁴. Nos países do Ocidente, o Estado haveria de se tornar o modelo das organizações econômicas, com suas grandes empresas e grandes negócios³⁵⁵. Nesse quadro, as sociedades civis teriam desaparecido quase que por completo; afinal, fora da esfera estatal, não há nada, nem ninguém³⁵⁶.

Por isso, afirma em *Ogro Filantrópico*:

O Estado moderno é uma máquina, porém é uma máquina que se reproduz sem cessar. Nos países do Ocidente, longe de ser a dimensão

³⁵² PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 381.

³⁵³ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 101

³⁵⁴ *Ibidem*, p. 101

³⁵⁵ *Ibidem*, p. 101

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 101

política do sistema capitalista, uma superestrutura, é o modelo das organizações econômicas; grandes empresas e negócios, à sua imitação, tendem a se converter em Estados e impérios mais poderosos do que muitas nações. Nos últimos 50 anos assistimos, não a esperada socialização do capitalismo, mas a sua paulatina, porém irreversível, burocratização. As grandes companhias transnacionais já prefiguram um capitalismo burocrático. Frente a elas, as burocracias totalitárias do Leste europeu. Lá o processo foi mais rápido e feroz. Surpreendente inversão de valores que teria feito estremecer o próprio Nietzsche: o Estado é o ser e a exceção; a irregularidade e mesmo a simples individualidade são formas do mal, quer dizer, do nada. O campo de concentração que reduz o prisioneiro a um não-ser, é a expressão política da ontologia implícita nas ideocracias totalitárias.³⁵⁷

Para nosso autor, o Estado moderno revela-se um campo de concentração que reduz o cidadão a um “não-ser”, embasado na lógica econômica empresarial, cujas dimensões firmam a “banalidade do mal” de Hannah Arendt; ou seja, o mal conquista frequentemente e as máscaras surgem aos montes; quanto mais cresce o mal, mais os “malvados” passam a constituir o reflexo da normalidade, apequenam-se diante dele e firmam uma mera exceção.

Como se vê:

No sentido estrito da palavra, não havia mal, e sim males: exceções, casos particulares. O Estado do século XX inverte a proposição: o mal conquista, enfim, a universalidade e se apresenta com a máscara do ser. Só que, à medida que o mal cresce, os malvados se apequenam. Já não são seres de exceção, mas espelhos da normalidade. Um Hitler ou um Stalin, um Himmler ou um Yekhov, nos assombram não apenas por seus crimes, mas por sua mediocridade.³⁵⁸

No que se refere à América Latina, Octavio Paz afirma que o interesse pela temática do Estado seria bem menor, pois os estudiosos latino-americanos estariam mais interessados, obcecados, com o dependentismo e o subdesenvolvimento da região. No entanto, a “estranheza” das sociedades da América Latina, segundo o autor, não deveria

³⁵⁷ Ibidem, p. 101

³⁵⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 101

afugentar seus estudiosos e sim, fomentar ainda mais o interesse por essas questões complexas e polêmicas.

Como afirma:

Na América Latina o interesse pelo Estado é muito menor. Os nossos estudiosos continuam obcecados pelo tema da dependência e do subdesenvolvimento. Por certo, nossa situação é diferente. As sociedades latino-americanas são a própria imagem da estranheza: nelas se justapõem a Contra-Reforma e o liberalismo, a fazenda e a indústria, o analfabeto e o literato cosmopolita, o cacique e o banqueiro. Porém a estranheza das nossas sociedades não deve ser um obstáculo para estudar o povo latino-americano que é, precisamente, uma das nossas maiores peculiaridades. Por um lado, é herdeiro do regime colonial espanhol; por outro, é a alavanca modernizadora.³⁵⁹

Como se nota na afirmação acima, a região latino-americana, segundo o autor, configuraria na imagem da própria estranheza. De certa forma, isso impossibilitaria que alguns estudiosos mesclassem à idéia de Estado moderno à América Latina, pois seria complicado justapor a contra-reforma e o liberalismo, a fazenda e a indústria, o analfabeto e o literato cosmopolita, o cacique e o banqueiro. Por um lado, o Estado hispano-americano seria herdeiro do regime patrimonial espanhol e também alavanca modernizadora. Uma realidade ambígua, contraditória e comum, que o Estado fosse agente modernizador e, ao mesmo tempo, produtor de políticas que o fortalecesse e reduzissem na sociedade civil.

No México, um exemplo disso seria o general Porfírio Díaz, como afirma em *Ogro Filantrópico*:

E com Díaz o estado começa a se converter em agente modernizador. Por certo, a ação econômica do regime se apoiou nas empresas privadas e no capitalismo estrangeiro. Porém a fundação de empresas industriais e a construção de fábricas e ferrovias foi menos a expressão do dinamismo de uma classe burguesa que o resultado de uma deliberada política

³⁵⁹ Ibidem, p. 102

governamental de estímulos e incentivo. Ademais, o decisivo não foi a ação econômica, mas o fortalecimento do Estado. Sob a ditadura do general Díaz o estado mexicano começou a sair da pobreza. Os governos que sucederam a Díaz, passada a etapa violenta da Revolução, impulsionaram o processo de enriquecimento e logo, com Calles, outro general, o governo mexicano começou a sua carreira de grande empresário. Hoje é o capitalista mais poderoso do país, embora, como todos sabemos, não seja o mais eficiente, nem o mais honrado.³⁶⁰

Para Yvon Grenier, Octavio Paz cultivou o romantismo, o toryismo, o cristianismo e, com base no pensamento de Tocqueville, o liberalismo cético³⁶¹. A partir da denúncia do capitalismo e do produtivismo, desembocaria em uma vaga contextualização histórica e filosófica. Como se nota, Paz nessa denúncia firma ainda a crítica ao mercado, como consequência de uma modernização sócio-econômica imprópria à modernidade genuína, por ele sugerida.

Nas palavras do autor:

*El triunfo de la economía de mercado – un triunfo por default del adversario – no puede ser unicamente motivo de regocijo. El mercado es un mecanismo eficaz pero, como todos los mecanismos, no tiene conciencia y tampoco misericordia. Hay que encontrar la manera de insértalo en la sociedad para que sea la expresión del pacto social y un instrumento de justicia y equidad.*³⁶²

E quanto ao mercado, complementa:

*El mercado no se detiene nunca y cubre la tierra con gigantescas pirámides de basura y desperdicios; envenena los ríos y los lagos; vuelve desiertos las selvas; saquea las cimas de los montes y las entrañas del planeta; corrompe el aire, la tierra y el agua; amenaza la vida de los hombres y la de los animales y las plantas.*³⁶³

³⁶⁰ PAZ, Octavio. Op. cit., 1989a, p. 125

³⁶¹ GRENIER, Yvon. Op. cit., p. 65.

³⁶² PAZ, Octavio. Op. cit., 1993a, p. 340.

³⁶³ PAZ, Octavio. Op. cit., 1993a, p. 340.

Nessa perspectiva, o mercado teria uma relação estreita com a deterioração do meio ambiente; destruição essa que seria símbolo da lógica de mercado – a mercadológica, tal como define –, que desespiritualiza, bem como esvazia, as sociedades de seus valores.

Como se lê:

*El tema de o mercado tiene una relación muy estrecha con el deterioro del medio ambiente. La contaminación no sólo infesta al aire, a los ríos y a los bosques sino a las almas. Una sociedad poseída por el frenesí de producir más para consumir más tiende a convertir las ideas, los sentimientos, el arte, el amor, la amistad y las personas mismas en objetos de consumo. Todo se vuelve cosa que se compra, se usa y se tira al basurero. Ninguna sociedad había producido tantos desechos como la nuestra. Desechos materiales y morales.*³⁶⁴

A partir disso, muita destruição acabou por ser realizada nas terras da América Latina em nome desse progresso e desse avanço tecnológico. Assim, as consequências desse desenvolvimento econômico, principal preocupação dos intelectuais latino-americanos, abarcariam o desequilíbrio ecológico, a contaminação dos espíritos e dos pulmões, as aglomerações e os subúrbios infernais, os estragos psíquicos, a erosão da sensibilidade, a corrupção da imaginação, ente outros.

Como afirma:

Olvidemos por un momentos los crímenes y las estupideces que se han cometido en nombre del desarrollo, de la Rusia comunista a la India socialista y de la Argentina peronista al Egipto nasserista, y veamos lo que pasa en los Estados Unidos y en Europa occidental: la destrucción del equilibrio ecológico, la contaminación de los espíritus y de los pulmones, las aglomeraciones y los suburbios infernales, los estragos psíquicos en la adolescencia, el abandono de los viejos, la erosión de la sensibilidad, la corrupción de la imaginación, el envejecimiento de Eros, la acumulación de los desperdicios, la explosión del odio... (...) Se trata de una tarea urgente y que requiere por igual la ciencia y la imaginación, la honestidad y la sensibilidad; una tarea sin precedentes

³⁶⁴ PAZ, Octavio. Op. cit., 1993a, p. 40.

*porque todos los modelos de desarrollo que conocemos, vengán del Oeste o del Este, conducen al desastre.*³⁶⁵

Nos ensaios de Octavio Paz, o mercado surge como a razão da morte do espírito do homem moderno. Na esfera artística, por exemplo, transforma as obras de arte em objetos de consumo e, por isso, perdem o valor estético, a moral e o princípio, que antes poderiam concebê-las.

Complementa:

*El mercado suprime la imaginación: es la muerte del espíritu. El mecenas obtuso o inteligente, el burgués sensible o grosero, el Estado, el Partido, y la Iglesia eran, y son, patronos difíciles y que no siempre han mostrado buen gusto. El mercado no tiene ni siquiera mal gusto. Es impersonal; es un mecanismo que transforma en objetos a las obras y a los objetos en valores de cambio: los cuadros son acciones, cheques al portador. Los Estados y las Iglesias exigían que el artista sirviese a su causa y legislaban sobre su moral, su estética y sus intenciones. Sabían que las obras humanas poseen un significado y que, por eso, podían perforar todas las ortodoxias. Para el mercado las obras sólo tienen precio y, así, no impone ninguna estética, ninguna moral. El mercado no tiene voluntad: es un proceso ciego, cuya esencia es la circulación de objetos que el precio vuelve homogéneos. En virtud del principio que lo mueve, el mercado suprime automáticamente toda significación: lo que define a las obras no es lo que dicen sino lo que cuestan.*³⁶⁶

Diante desse mercado, a análise de Paz, ainda assim, não chega a reivindicar a sua supressão, pois isso causaria uma enfermidade ainda mais nociva às sociedades latino-americanas.

Como se lê:

Como en el caso de los nacionalismos, no propongo la supresión del mercado: el remedio sería peor que la enfermedad. El mercado es necesario; es el corazón de la actividad económica y es uno de los motores de la historia. El intercambio de cosas y productos es un lazo

³⁶⁵ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 292.

³⁶⁶ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 335.

*poderoso de unión entre los hombres; ha sido creador de culturas y vehículo de idea, hombres y civilizaciones.*³⁶⁷

Nesse âmbito, Paz afirma que o colapso moderno far-se-ia clarividente, principalmente com o desencantamento da Revolução e com a ineficácia do progresso, do mercado e do produtivismo; de tal modo que, a única, dentre todas as filosofias políticas, que superaria essa colheita de tempestades haveria sido o liberalismo democrático, muito embora tenha sobrevivido na roupagem de um liberalismo privatizado.

No que diz respeito ao desencantamento moderno:

*El verdadero cadáver intelectual de nuestro tiempo no es el del marxismo sino el de la idea de la historia como depositaria de una mítica trascendencia. El mundo vive, desde hace ya años, no las consecuencias de la muerte de Dios sino de la muerte del Proyecto. Ese proyecto se llamó a veces Progreso, otras Revolución. Asistimos al ocaso de las utopías, los mismo las capitalistas que las socialistas. Unas y otras estaban basadas en la creencia en el progreso infinito que, a su vez, había engendrado la ilusión del desarrollo continuo. Hemos descubierto que vivimos en un planeta finito y con recursos finitos. La crisis de los energéticos y el futuro y previsible agotamiento de los recursos naturales ponen hasta aquí al optimismo de las filosofías del siglo pasado. Puede decir el fin de las utopías. Más bien: fin de la idea de la historia como un fenómeno cuyo desarrollo se conoce de antemano. El determinismo histórico ha sido una costosa y sangrienta fantasía. La historia es imprevisible porque su agente, el hombre, es la indeterminación en persona.*³⁶⁸

Dessa forma, Octavio Paz conclui sua análise em relação ao colapso moderno afirmando que a história moderna do México sempre debateu a modernização, porém, poucos intelectuais haveriam realizado a crítica dela. Tal crítica haveria sido feita somente pelos tradicionalistas, alguns poetas, ou mesmo, no decorrer da Revolução Mexicana, na época de Zapata, com o povo pobre em armas. Essa ausência crítica firmaria projetos

³⁶⁷ PAZ, Octavio. Op. cit., 1993a, p. 337.

³⁶⁸ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 339.

modernos inautênticos e dissimiles em relação à realidade mexicana e, por isso, nosso autor propõe a formulação de um projeto mais humilde, genuíno e justo.

Em suas palavras do autor:

*En el fondo, el gran debate de la historia moderna de Mexico, desde el siglo XVII, es el de la modernización. Muy pocos intelectuales han hecho la crítica de la modernización. La crítica la ha hecho el tradicionalismo del pueblo mexicano, algunos poetas y, a veces, como en la época de Zapata, el pueblo pobre en armas. Pienso que en ese sueño de nuestros campesinos hay una semilla de verdad. Están en entredicho los proyectos ruinosos que nos han llevado a la desolación que es el mundo moderno y diseñar otro proyecto, más humilde pero más humano y más justo.*³⁶⁹

Noutras palavras, o renomado ensaísta e poeta Octavio Paz propôs a reflexão da modernidade mexicana, em convergência de tempos (a mencionada reconciliação entre passado e futuro para o advento do presente), a fim de resgatar os valores tradicionais do liberalismo e firmar uma democracia plural e uma liberdade individual, no cenário político-cultural mexicano. Para então, a partir de uma mentalidade verdadeiramente moderna, promover a reestruturação do PRI e a reforma democrática do país.

³⁶⁹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 382.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*¿Oyes tus pasos en el cuarto vecino?
no aquí ni allá: los oyes
en otro tiempo que es ahora mismo,
oye los pasos del tiempo
inventor de lugares sin peso ni sitio,
oye la lluvia correr por la terraza,
la noche ya es más noche en la arboleda,
en los follajes ha anidado el rayo,
vago jardín a la deriva
- entra, tu sombra cubre esta página.³⁷⁰*

Esta pesquisa analisou a concepção de modernidade no ensaísmo político de Octavio Paz (1970-1988). Como já mencionado, a modernidade se configurou no ponto

³⁷⁰ PAZ, Octavio. **Como quien oye llover**. Ciudad de México: Revisa vuelta, 1986, n°120, p.13. Disponível em: <www.letraslibres.com/pdf.php?id=2625>. Acesso em: 24 de Junho de 2009.

central das obras ensaísticas do nosso autor. Para elaborar tal conceito, Paz ponderou os mais variados modelos de modernização, especialmente o europeu e o estadunidense, assim como as perspectivas de desenvolvimento reservadas à América Latina e também as propostas de democratização, de forma a adentrar ao debate sobre o hegemonismo partidário do PRI – *Partido Revolucionario Institucional*.

O recorte da pesquisa refere-se, como enfatizamos, a um momento significativo do contexto político-cultural mexicano. O país encontrava-se imerso e tumultuado por uma modernização truncada, de cujo cenário político transbordava inúmeros movimentos sociais. Esse recorte de tempo refere-se também aos reflexos do massacre de Tlatelolco de Outubro de 1968, uma chacina de estudantes universitários em praça pública que chocou o país. Nesse cenário, Octavio Paz então diplomata na Índia desde 1962, demitiu-se do cargo através de uma carta publicada, na qual reivindicava por justiça e liberdade individual.

Após esse episódio e esse posicionamento, os ensaios do autor, como *Posdata* (1970), *El ogro filantrópico: historia y política (1971-1978)* (1979), *Tiempo Nublado* (1983), *El laberinto de la Soledad y posdata* (1984) e *México en la obra de Octavio Paz: el peregrino en su patria (Historia y política del México)* (1987), passam a constituir reflexões diretamente relacionadas aos possíveis caminhos do país a uma modernidade genuinamente mexicana, cujas propostas políticas modernizadoras se distanciam do modelo de desenvolvimento estritamente econômico conduzido pelas elites dirigentes mexicanas.

Esses ensaios literários listados acima compuseram o *corpus documental* da pesquisa. No mais, o estudo aqui exposto, a partir da análise dessa literatura, delineou a trajetória do autor, para que, em seguida, se compreendesse o conceito de modernidade em suas obras e, por fim, se elaborasse o mapeamento de suas reflexões acerca dos processos de modernização no país.

Em suma, a concepção de modernidade mexicana na retórica ensaístico-crítica de Octavio Paz se embasou em uma perspectiva característica do poeta, a crítica moderna. Nesse aspecto, pode-se afirmar que a modernidade em si significaria essencialmente uma

aspiração que, absorveu, incessantemente, o passado e o futuro. Uma convergência de tempos, na qual um passado vivo e pulsante moldou o futuro, para o advento do presente, um agora próspero, que se transformou no retorno às origens, cuja reconciliação com a antiguidade objetivou uma melhor recepção do novo; um momento de genuína liberdade, no qual o homem reinventa-se por intermédio daquilo que lhe é consubstancial, a crítica.

Dessa forma, a modernidade faria convergir os limites existentes entre passado, presente e futuro. Isso ocorre, pois a ânsia por mudança, cujo combustível seria a crítica, fomentaria a busca por um presente único, diferente dos outros. Por isso, Paz ambiciona para a América Latina uma modernidade heterogênea, multifacetada, etc..

Em Octavio Paz, essa discussão sobre a modernidade, no âmbito político, desembocaria em duas vertentes: a democracia plural e a liberdade individual; cujo fio condutor seria a tradição liberal. Esse caminho seria uma via obrigatória ao liberalismo democrático, com um programa político embasado na convivência civilizada, na cidadania, no diálogo e na instrumentalização de novas formas de poder.

Por outro lado, no âmbito econômico, se configuraria um processo sócio-econômico com base no avanço dos níveis produtivos. No entanto, nosso autor não enaltecia o mercado e a lógica de progresso, os definindo como males do liberalismo capitalista.

Na retórica ensaística de Paz, as ideias que acompanham a modernidade implicariam na ciência, na democracia, na evolução, na liberdade e na revolução, todas elas provenientes da crítica. Com base nela, a muito mencionada democracia seria exposta como um regime político embasado na pluralidade de opiniões, na diversidade de grupos e na liberdade crítica. Para tanto, far-se-ia necessário um diálogo expandido que abrangesse nações e continentes; sem limitá-lo a um único solo. Isso promoveria a reflexão a respeito das diferenças e a compreensão das condutas e dos povos. Essas sociedades, tendo a democracia como seu eixo, evitariam o isolamento e, até mesmo, arquitetariam uma linguagem inteligível a todos.

Essa reflexão da democracia quando direcionada à América Latina, segundo Paz, muito embora, em alguns momentos deixe a desejar, não consiste em uma história de

fracassos e sim, de um equívoco. Afinal, a democracia enquanto resultado da modernidade havia sido adotada na região latino-americana como um caminho para se atingir a modernidade. Esse equívoco demonstraria a dificuldade dos países em trilhar uma modernidade genuína.

Em meados do século XX, para Octavio Paz, os intelectuais nem ao menos questionavam ou supunham que a democracia pudesse fugir a legitimidade histórica e constitucional. Por isso, os ditadores latino-americanos em grande maioria dispuseram-se a restaurar instituições democráticas, ainda que fossem considerados regimes interinos. Além do mais, para se firmar a democracia, a América Latina empenhar-se-ia em diferentes métodos de adotar uma modernização sócio-econômica. Outra contradição, pois, a partir de uma mentalidade verdadeiramente moderna, haveria de se atingir a democracia plural e a liberdade individual.

Por assim dizer, a liberdade individual, outro ponto importante da modernidade, para além do âmbito civil e político, implicaria também na liberdade intelectual; obviamente que, ao mencioná-la alude às inúmeras reprimendas – isolamentos e ironias – que suportou no decorrer de sua trajetória no México e na América Latina. Essa mesma liberdade seria o pivô da filosofia do presente; o agora próspero.

Noutro ponto importante, a concepção de modernidade também abarcaria o antiestatismo. Nos ensaios de Paz, identificam-se denúncias ao Estado moderno. Esse Estado então se configuraria como a expressão de todos os males sociais e, sobretudo, significaria um fardo à população e um ente débil ao cumprimento de suas funções, principalmente por utilizar de subterfúgios em relação às atividades econômicas. Logo, a denúncia do Estado far-se-ia necessária e se consistiria no dever de todo intelectual liberal.

Pode-se afirmar, portanto, que Octavio Paz propôs a reflexão da modernidade mexicana, como uma convergência de tempos (a reconciliação entre passado e futuro para o advento do presente), a fim de resgatar os valores tradicionais do liberalismo e firmar uma democracia plural com base na liberdade individual. Somente a partir desse patamar se poderia promover a reestruturação do PRI e a reforma democrática do país; consolidando com uma mentalidade verdadeiramente moderna.

Octavio Paz conclama, assim, por uma modernidade autêntica e que em sua reinvenção saiba incorporar os contornos daquilo que esteve na base da constituição do povo latino-americano, superando a moldagem de uma modernidade incompleta. Cabe aqui, portanto, recopilar uma citação já realizada, mas de suma importância ao desenlace dessas considerações finais.

Nas palavras do autor:

*Yo creo que, como los otros países de América Latina, México debería encontrar su propia modernidad. En cierto sentido, debería reinventarla. Pero reinventarla nos modos de vivir y morir, producir y consumir, trabajar y gozar, que formarán nuestros pueblos. Eres un trabajo que conmina de una condición social y histórica favorables, un extraordinario realismo y una imaginación no menos extraordinaria. Credo que, antes de ejecutar la crítica de nuestra sociedad, de su historia y presente, nosotros, escritores hispano-americanos, debemos empezar por la crítica de nosotros mismos. La primera eres curarnos de la intoxicación de ideologías simplistas y simplificadoras. Muchos son los ejemplos de nuestra incompleta modernidad.*³⁷¹

Há que se reconhecer, depois de tantos anos, que esse desafio, colocado por Octavio Paz, ainda permanece por se realizar.

³⁷¹ PAZ, Octavio. Op. cit., 2003a, p. 117.

Referências bibliográficas

Fontes de pesquisa

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PAZ, Octavio. **Claude-Lévi Strauss ou o novo festim de esopo**. 2º Ed. México: Editora Perspectiva, 1977.

PAZ, Octavio. **Conjunções e disjunções**. Trad. Lúcia Teixeira Wisnik. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. 5º Reimpresión. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

PAZ, Octavio. **The collected poems of Octavio Paz, 1957-1987**. 10º ed. México: edited by Eliot Weinberger, 1983. Disponível em: <<http://www.palabravirtual.com/>>. Acessado em: 12 de Fevereiro de 2010.

PAZ, Octavio. **Nocturnos de San Ildefonso**. México: Fondo de Cultura Económica, nº121, Agosto de 1983. In: PAZ, Octavio. **The collected poems of Octavio Paz 1935-1988**. México: Fondo de Cultura Económica, 1983. Disponível em: <<http://www.palabravirtual.com/>>. Acessado em 12 de Fevereiro de 2009.

PAZ, Octavio. **Los hijos del limo**. Primera reimpression. Barcelona: Seix Barral, 1981.

PAZ, Octavio. **Tempo Nublado**. 2º Ed. São Paulo: Editora Guanabara, 1986.

PAZ, Octavio. **La poesía y la verdad**. Ciudad de México: Revisa vuelta, 1986, nº 120.

PAZ, Octavio. **Ogro filantrópico**. 4ª Ed. São Paulo: Editoria Paz e Terra, 1989.

PAZ, Octavio. **Obras Completas: La casa de la presencia**. São Paulo: Editoria Paz e Terra, 1990.

PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão e post-scriptum**. 3º Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

PAZ, Octavio. **La democracia y lo absoluto**. México: Revista Vuelta, Nº 261, Agosto de 1998.

PAZ, Octavio. **Tres Momentos de la literatura japonesa**. 2º reimpression. México: Visage, 2000. Disponible em: <<http://www.visagesoft.com/easypdf/>>. Acessado em: Fevereiro de 2009.

Artigos

AGGIO, Alberto. **Um novo reformismo**. Disponível em: <www.gramsci.com.br>. Acessado em: Abril de 2008.

ALBERTANI, Claudio. **Socialismo y libertad**. El exilio antiautoritario de Europa en México y la lucha contra el estalinismo (1940-1950). Fundación Andreu Nin. Disponível em: <<http://www.fundanin.org/albertani7.htm>>. Acessado em 21/01/2010.

ALBUQUERQUE, Carlos. **A Guerra Civil Espanhola atraiu artistas e intelectuais de todo o mundo**. Disponível em: <www.dw-world.de>. Acessado em: 01/04/2009.

ARANA, Juan. **La larga marcha hacia la libertad: la evolución ideológica de Octavio Paz**. Sevilla: Universidad de Sevilla, Revista Isegoría, Nº 22, 2000.

CIERVA, M C. Ruiz de la. **La imagen intelectual de Octavio Paz**. España: UCM, 1997. Disponible em: <www.ensayistas.org.com>. Acessado em: Março de 2007.

EUFRACCIO, Patricio. **El hombre y su obra – Octavio Paz (1914-1998)**. México: UNAM, 2006. Disponible em: <<http://www.ucm.es/OTROS/especulo/numero6/opaz.htm>>. Acessado em: Agosto de 2008.

_____. **Octavio Paz: la palabra erguida**. México: UNAM, 2007. Disponível em: <<http://www.ucm.es/OTROS/especulo/numero6/opaz.htm>>. Acessado em: Agosto de 2008.

FRANEK, Ladislav. **An essay on modernism of Octavio Paz**. Slovak: Institute of world literature, Slovak Academy of Science, Department of Romance Languages, Faculty of Arts, Comenius University, Bratislava, Human Affairs, n° 8, 1998.

GRENIER, Y. **Political Modernity Revisited: The Skeptical Liberalism of Octavio Paz**. In: LASA. University of St. Francis Xavier. Canada: Year, 1997. p. 17-20.

GUTIÉRREZ VEGA, Hugo. **Diez aspectos de la poesía de Octavio Paz**. México: Revista La jornada semanal UNAM, N° 688, 11 de Mayo de 2008.

IANNI, Octavio. **Enigmas do pensamento latino-americano**. In: Revista de Ciências Sociais. São Paulo: Instituto de Pesquisa da USP.

KOZLAREK, Oliver. **Theodor W. Adorno and Octavio Paz: Two visions of modernity**. New York: Periodic Culture, Theory and Critic. Ano 2006, ISN: 1473-5776, Vol./ano 47(1), p; 39-52. Disponível em: <<http://www.tandf.co.uk/journals/>>. Acessado em: Maio de 2009.

LAFER, Celso. **Sua palavra se ajusta à criação e à crítica**. São Paulo: Jornal da Poesia, Domingo, 26 de Abril, ano 1998. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/opaz02c.html>>. Acesso em: 26 de Junho de 2008.

LARRAIN, Jorge. **A trajetória latino-americana para a modernidade**. Chile: Revista de Estudios Públicos, n°66, 1997.

_____. **A trajetória latino-americana à modernidade**. Chile: Revista Labi-Nime, 2002. Disponível em: <www.imaginario.com.br/artigo31>. Acessado em: 06/05/2010.

LEDESMA, Xavier. **El concepto de modernidad en Octavio Paz**. Colima: Estudios sobre la cultura contemporánea. Año/Vol. V, n° 10, ano 2000, p. 127-142. Disponível em: <www.redalyc.org>. Acessado em: fevereiro de 2008.

LEDEZMA, Ictzel Maldonado. **Liberalismo y conservadurismo en el pensamiento Latinoamericano: Dilemas de la modernidad en América Latina**. Disponível em: <www.ccydel.unam.mx/>. Acesso em: Março de 2009.

LIMA, Rachel Esteves. **O ensaio na crítica literária contemporânea**. Minas Gerais: Revistas de estudos de literatura. Vol. 3, n° 3, ano 1995, p. 35-41.

MEYER, Lorenzo. **Daniel Cosío Villegas: el estudio del poder y el poder del estudio**. México: Revista Letras Libres. Ano/mês Maio de 2001 p; 80-83.

MONSIVÁIS, Carlos. **Octavio Paz y la izquierda**. México: Revista Letras Libres, vol. 30, abril de 1999. Disponível em: <www.consejouniversitario.buap.mx/>. Acessado em: Fevereiro de 2009.

MULLEN, Edward. **Sobre Octavio Paz el hombre en su siglo**. Espanha: Anales de Literatura Espanhola. N° 5, 1986-1987. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/>>. Acessado em: 26 de Janeiro de 2008.

RAYO, Claudia Martínez. **La tradición de la ruptura de Octavio Paz**. Espanha: Revista de Estudios literarios, Universidad Complutense de Madrid, 2004. Disponible em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/ruptupaz.htm>>. Acessado em: Julho de 2008.

REICHEL, Heloisa Jochims. **A identidade latino-americana na visão dos intelectuais da década de 1960**. Rio Grande do Sul: Estudos Ibero-americanos, PUCRS. Vol. XXXIII. N°2, Dezembro de 2007, p. 116-123.

REVISTA ELETRONICA DE ESTUDIOS LATINOAMERICANOS. Argentina: Unidad de docencia y investigaciones sóciohistoricas de la América Latina. UDISHAL. Vol. 1. N° 1. Octubre y Diciembre de 2002.

REZENDE, Antonio Paulo. **Octavio Paz: as trilhas do labirinto**. São Paulo: Revista Brasileira de História. Vol.20, n° 39, ano 2000, p. 223-248.

ROCHA Jr., Roosevelt Araújo. **Mexicanidade e Americanidade em Octavio Paz**. Campinas: Revista História, Imagens e Narrativas, n° 3, ano 2, Setembro de 2002.

RODRÍGUEZ, Xavier Ledesma. **El concepto de modernidad en Octavio Paz**. Colima: Revista de Estudios sobre la cultura contemporánea. Año/Vol. V, n° 10, ano 2000, p. 127-142. Disponível em: <www.redalyc.org>. Acessado em: fevereiro de 2008.

SANTÍ, Enrico Mario. **Entrevista com Octavio Paz**. México: Revista Letras Libres, Janeiro de 2005. Disponible em: <<http://www.letraslibres.com/index.php?art=10134>>. Acessado em: junho de 2009.

SAVATER, Fernando. **Octavio Paz en su inquietud**. México: Revista Vuelta, N° 178, 1989, p.5-12. Disponível em: <biblioteca.gdl.up.mx/AcervoB.nsf/.../>. Acessado em: Junho de 2009.

SCHRADER, Ludwig. **Octavio Paz y el surrealismo francés**. Espanha: Anales de Literatura Española [Publicaciones periódicas]. N°. 7, 1991. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/>>. Acessado em: 26 de Janeiro de 2008.

SECCO, Lincoln. **Intelectuais**. Disponível em: <www.gramsci.com.br>. Acessado em: Abril de 2008.

SHWARTZMAN, Simon. **A redescoberta da cultura**: o espelho de Morse. São Paulo: Revista Novos Estudos, vol. 25, ano 22, outubro de 1989, p. 191-203.

SILVA, Maria Ivonete. **A poética de convergência de Octavio Paz**. Uberlândia: Revista Letras e Letras, n° 22, Janeiro a Junho de 2006.

TOLEDO, Alfredo Pompeu. **Poesia e Silêncio**. São Paulo: Revista Veja, Abril de 1998. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/220798/p_120.html>. Acessado em: Março de 2008.

Bibliografia

AGGIO, Alberto. LAHUERTA, Milton (orgs.) **Pensar o século XX**: problemas políticos e história nacional na América Latina. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

ALMEIDA, Lucia de O. **Das memórias às veredas**. Florianópolis: USC/Florianópolis, 2008. (Tese de Doutorado).

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento**: a geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAQUERO, Marcello (org); PRÁ, Jussara Reis; SOUZA, Ayda Connia; ARING, Scott Mainw. **Democracia, Partidos e Cultura Política na América Latina**. Porto Alegre: Editora Kuarup, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3° ed. São Paulo: Editora brasiliense, 2000.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. 8° Ed. São Paulo: Editora Shwarcz, 1990.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998, pp.349-363.

BETHELL, Leslie. **História da América Latina: Da independência até 1870**. São Paulo: Edusp, 2004.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BRAVO, José Ugarte. **Compendio de Historia de México**. 7° Ed. México: Editorial Ju. México, 1958.

CAMÍN, Hector. **Às sombras da Revolução Mexicana (1910-1989)**. São Paulo: Edusp, 1984.

_____. **México: A cinza e a semente**. México: Texas Press, 2000.

CAMP, Roderic Ai. **La Política em México**. 2 Reimpresión. Coyoacán: Siglo XXI, 1995.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. 4° Ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CANSINO, Hugo (org.). **Los intelectuales latinoamericanos entre la modernidad y la tradición, siglos XIX y XX**. Madrid: editora Iberoamericana, 2004.

CHÂTELET, François; DHUAMEL, Olivier; KOUCHNER, Evelyne Pisier. **História das Ideias Políticas**. 3° ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2000.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **O que é ideologia**. 1° Ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1984.

CHÁVEZ, Alícia. **Federalismos latino-americanos: México, Argentina e Brasil**. México: Colégio del México, 1993.

CIERVA, M C. Ruiz de la. **Octavio Paz: cultura literaria y la teoría crítica**. España: UCM, 1997. (Tese de Doctorado)

COCKCROFT, James. **Precursores intelectuales de la Revolución Mexicana**. México: Siglo XXI editores, 1971.

COSÍO, Daniel Villegas; BERNAL, Ignacio; MORENO TOSCANO, Alejandra; GONAZÁLEZ, Luís; BLANQUEL; Eduardo; MEYER, Lorenzo. **Historia Mínima de México**. 7° Ed. México: Editora El Colegio de México, 1998.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad, tomo 1: Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)**. Buenos Aires: Biblos, Centro de investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

DOMINGUES, José Maurício. MANEIRO, María. (org). **América Latina hoje: conceitos e interpretações**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.

DOSSIER 1: OCTAVIO PAZ. Argentina: Ediciones del Sur, 2004. Disponível em: <<http://www.edicionesdelsur.com/>>. Acessado em: Setembro de 2007.

DOSSIER 2: OCTAVIO PAZ. Argentina: Ediciones del Sur, 2004. Disponível em: <<http://www.edicionesdelsur.com/>>. Acessado em: Setembro de 2007.

DOSSIER 3: OCTAVIO PAZ. Argentina: Ediciones del Sur, 2004. Disponível em: <<http://www.edicionesdelsur.com/>>. Acessado em: Setembro de 2007.

ELLIOT, T.S. **The waste land**. 24^o Edition. New York: Pocket Books, 2000.

GALLARDO, Juan Muñoz. **Personajes Ilustres:** Octavio Paz. Madrid: DASTIN, 2000.

GARRETÓN, Manuel A.; CAVAROZZI, Marcelo; CLEAVES, Meter S.; GEREFFI, Gary; HARTLYN, Jonathan. **América Latina no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GÍMENEZ, Catalina de. **Así cantaban la revolución**. México: Editora Grijalbo, 1990.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4^o Ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. 12^o Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARVEY, DAVID. **A condição pós-moderna**. 14^o Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HERZOG, Jesús S. **Breve Historia de la Revolución Mexicana**. México: CFE, 1985.

_____. **Un ensayo sobre la Revolución Mexicana**. México: Ediciones Cuadernos Americanos, 1946.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos – o breve século XX**. 9^o Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INFANTE, Ulisses. **Textos: leituras e escritas**. Literatura, língua e produção de textos. 5^o Reimpressão. São Paulo: Editora Scipione, 2008.

JARDIM, Eduardo. **A duas vozes Hannah Arendt e Octavio Paz**. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 2007.

KNIGHT, Alan. **The Mexican Revolution: Porfiriato, liberalism and peasants**. Nebraska: Cambridge, vol. I, 1986.

LIMA, Rachel Esteves. **O ensaio na crítica literária contemporânea**. Belo Horizonte: Revista de Estudos de Literatura, n^o 3, Outubro de 1995.

MACIEL, Maria Ester. **As vertigens da lucidez: poesia e crítica.** São Paulo: Experimento, 1995.

MARTÍNEZ, Augustín. **A modernización crítica en América Latina.** In: PIZARRO. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.

MIRES, Fernando. **La rebelión permanente - las revoluciones sociales en América Latina.** Argentina: Siglo XXI, 2000.

MOULIAN, Tomás. **La forja de Ilusiones: el sistema de partidos 1932-1973.** Santiago del Chile: Universidad ARCIS/FLACSO, 1993.

PIZARRO, Ana. **De Ostras y Canibales: reflexiones sobre la cultura latinoamericana.** Chile: Editorial Universidad de Santiago, 1994.

PRADO, Maria Ligia Coelho; SOARES, Gabriela Pellegrino; COLOMBO, Sylvia. **Reflexões sobre a democracia na América Latina.** São Paulo: Editora Senac, 2007.

REIS, José Carlos. **História e Teoria.** Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RÉMOND, René. **Por uma História Política.** 2º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

_____. **O século XX: de 1914 aos nossos dias.** 2º Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1991.

ROUQUIÉ, Alain. **O extremo Ocidente: introdução à América Latina.** São Paulo: Edusp, 1991.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural.** Lisboa: Estampa, 1998.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos.** São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Maria Ivonete Santos. **Octavio Paz e o tempo da reflexão.** São Paulo: Scortecci, 2006.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade.** Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

VELAZQUEZ, Maria. **Los mexicanos: síntesis de su historia.** México: Editora Presencia de México, 1970.

VIANNA, Luiz Werneck. **A Revolução Passiva: iberismo e americanismo no Brasil.** Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.

VILLEGAS, Abelardo. **El pensamiento mexicano en el siglo XX**. Primera Reimpresión. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

WEBER, Max. **The Protestant Ethics and the Spirit of Capitalism**. 5° Ed. New York: Scriber, 1930.

WEFORT, Francisco C. **Os clássicos da política 1**. 13° Ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

_____. **Os clássicos da política 2**. 10° Ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

ZEA, Leopoldo. **El hombre y su obra** – el contexto iberoamericano. Disponible em: <www.ensayistas.org/filsofos/mexico >. Acessado em: 12/05/2007.

_____. **La cultura y el hombre de nuestros días**. México: UNAM, 1959.